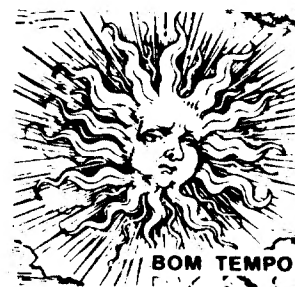


Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 20 de SETEMBRO DE 1973 N.º 18227 — ANO 53.º — PREÇO 1\$50



REVELADO NA REUNIÃO DA CÂMARA

O parque de Chelas começará a ser construído em Outubro

Com o objectivo de atenuar a carência de espaços destinados a recreio e lazer da população que, de forma notória, sentir «dar-se-á início em Outubro às obras do Parque de Chelas», informou esta manhã duante a reunião mensal da Câmara o coronel Silva Sebastião O novo parque, de menores dimensões que o de Monsanto ocupará, no entanto, área apreciável e localizar-se-á na proximidades da Avenida Gago Coutinho.

Com vista ainda a locais de recreio foi aprovada a abertura de concurso para construção de uma nova piscina que se localizará na Penha de França. Decidiu também a construção de mais um grande viaduto que desnivelará o cruzamento entre a 2.ª Circular e a estrada de Benfica.

A propósito do agravamento que o trânsito da cidade irá experimentar a partir de Outubro, o coronel Silva Sebastião reconheceu «a completa impotência da Câmara em fazer

acatar quaisquer normas» no sentido de «limpar progressivamente as artérias vitais do estacionamento anárquico, de limitar as cargas e descargas na via pública e impedir o acesso à cidade, nas horas de ponta, às viaturas pesadas de carga».

O responsável camarário referiu-se também ao restaurante de Monsanto considerando «oportunos e merecidos» as críticas dos órgãos de informação suscitadas pelo não funcionamento, há já vários anos, do referido estabelecimento. Corrigiu no entanto a verba considerada necessária para o pôr a funcionar. «Está longe, felizmente, dos 70 mil contos — disse — esperando-se solução para breve.

Acerca da morosidade de algumas obras viárias — assina-

lada com frequência pelos órgãos informativos — o presidente, apesar de não «isentar os serviços municipais de algumas responsabilidades» recordou novamente a incapacidade financeira da Câmara para executar com brevidade os empreendimentos mais urgentes.

Quanto à sinalização luminosa de Lisboa disse ser necessário aguardar-se o tempo indispensável para análise dos resultados.

Foram ainda aprovadas algumas alterações ao plano director da cidade.

No decorrer da reunião o vereador Manuel Casimiro de Almeida protestou por não lhe terem permitido o estacionamento no parque privado da Câmara e a viúva de Jorge Baradas ofereceu ao Município sete litografias daquele artista.



SUSPENSA A EMIGRAÇÃO PARA FRANÇA

ATITUDE DURA DA ARGÉLIA

ARGEL, 20 — (R.) — A Argélia suspendeu a emigração de trabalhadores para França a seguir ao que classificou como uma onda de ódio racial devido à qual foram mortos 10 argelinos durante as últimas semanas.

A agência noticiosa oficial

argelina comunicou que a decisão fora tomada a noite passada pelo Conselho Revolucionário que governa o país, durante uma sessão conjunta com o gabinete, presidida por Houari Boumedienne, o chefe de Estado.

“Foi decidido suspender

imediatamente a emigração de argelinos para França até a segurança e dignidade de nacionais argelinos serem garantidas pelas autoridades francesas” — informou a agência.

Não se registou qualquer reacção oficial em Paris devido à decisão. O governo argelino queixou-se à França, na semana passada, por causa da persistente falta de protecção adequada da polícia a nacionais argelinos.

O presidente Boumedienne afirmou há apenas poucos dias que, se a França não quisesse trabalhadores argelinos, estava disposto a ordenar que regressassem à pátria.

A atitude dura da Argélia segue-se a uma série de assassinatos que ocorreu nas últimas semanas, a maioria deles no sul da França, onde vive uma comunidade de cerca de 750 000 argelinos.

A seguir aos assassinatos, o embaixador francês em Argel foi chamado ao ministério dos Negócios Estrangeiros e informado acerca da indignação das

autoridades argelinas por causa do caso, que ameaçava as relações entre os dois países.

A emigração de argelinos para França tem sido uma questão delicada quase desde que a Argélia se tornou independente da França, em 1962.

A França, como quase todos os países industrializados, tem uma necessidade cada vez maior de trabalhadores. Quanto à Argélia, que continua com o seu programa de industrialização — 1980 é o ano para se conseguir a “independência económica” do País como uma nação desenvolvida e industrializada — a emigração significa treino profissional e técnico.

Após a sua cimeira no Cairo com os presidentes Anwar Sadat, do Egipto, e Hafez Assad, da Síria, o rei Hussein da Jordânia proclamou uma amnistia geral dos presos políticos palestinianos. Mais de setecentas pessoas beneficiaram da medida. Entre elas conta-se Abu Daud o dirigente da Fatah. Ainda há pouco a libertação de Abu Daud fora pedida pelos assaltantes da Embaixada da Arábia Saudita em Paris. A televisão mostra a alegria dos presos políticos que ontem foram libertados. Ao fim de anos de cadeia é natural que se dance. Hussein, que sempre tem sido um fidalgo inimigo dos movimentos de guerrilha palestinianos, assistiu pessoalmente à libertação. (UPI-Telimprensa-DL).

AMEAÇA DE GUERRA ABERTA NO ULSTER

Depois do assassinio de Tommy Herron, dirigente da Associação para a Defesa do Ulster (UDA), as organizações paramilitares dos extremistas protestantes da Irlanda do Norte estão à beira de uma guerra aberta. Informadores da UDA disseram que se as conversações de hoje com outros grupos paramilitares não derem resultado, o mais provável é a guerra entre elas. O encontro de hoje será o último de uma série de três. Entretanto, no campo de internamento de Long Kesh, os presos da UDA foram separados dos da Força de Voluntários do Ulster (UVF). A televisão mostra uma cena do enterro de Tommy Herron. Em primeiro plano vê-se o filho do dirigente assassinado, o qual esteve sempre protegido durante a cerimónia. (UPI/Telimprensa-DL)



Arantes e Oliveira e Silva Cunha no Conselho de Estado

O Chefe do Estado nomeou o eng. Eduardo de Arantes e Oliveira e o prof. Joaquim Moreira da Silva Cunha membros vitalícios do Conselho de Estado. O decreto de nomeação (n.º 466/73), hoje publicado no «Diário do Governo», foi assinado a 6 de Setembro e é referendado pelo Presidente do Conselho.

Um outro decreto, publicado em fins de Agosto, introduzira uma alteração formal no processo de nomeação dos membros vitalícios deste órgão constitucional: a escolha continua a ser prerrogativa do Presidente da República, mas passa a ser referendada apenas pelo Presidente do Conselho e não por todo o Governo, como acontecia anteriormente.

Nos termos da Constituição, fazem parte do Conselho de Estado duas categorias de

membros: cinco membros natos (os presidentes do Conselho de Ministros, da Assembleia Nacional, da Câmara Corporativa e do Supremo Tribunal de Justiça e o Procurador Geral da República) e dez membros vitalícios («homens públicos de superior competência»), nomeados pelo Chefe do Estado.

Entre as atribuições, de carácter consultivo, do Conselho de Estado destacam-se as relacionadas com a Assembleia Nacional, sua convocação extraordinária, dissolução, prorrogação do prazo de eleição dos deputados. Compete-lhe, por outro lado, declarar a impossibilidade física permanente do Presidente da República. Existiam, até hoje, quatro vagas no Conselho de Estado, ficando assim, dois lugares por preencher.

Portugal e o Chile

Portugal reconheceu o novo regime militar chileno, segundo foi ontem anunciado em Santiago do Chile. Em Lisboa, um porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros confirmou a notícia, ao informar-nos que o Governo português enviou ao presidente da Junta Militar chilena um telegrama de felicitações pela passagem do 163.º aniversário da independência. Segundo aquele informador, o envio do telegrama implica «de certa maneira um acto de reconhecimento».

DL/GERAL

Dois mineiros moçambicanos mortos pela Polícia sul-africana

JOHANESBURGO, 20 (R). Entre os doze mineiros africanos mortos pela polícia na semana passada durante uma manifestação nove eram estrangeiros, incluindo dois naturais de Moçambique, segundo anunciaram hoje os proprietários da mina «Western Deep Levels».

Os dois mineiros moçambicanos chamavam-se Albino Cainham e Sabao Muchanga.

Os restantes estrangeiros mortos no incidente eram do Lesoto e de Botswana.

MINISTÉRIO DO ULTRAMAR: «NADA SOUBEMOS PELA VIA DIPLOMÁTICA»

A Embaixada da África do Sul em Lisboa, interrogada sobre o acontecimento, disse-nos, através de uma funcionária, que «ainda não tinha recebido qualquer comunicado do Governo de Joanesburgo».

Por sua vez, o Ministério do Ultramar, pela voz do comandante Nobre de Carvalho, afirmou-nos que só tinha conhecimento do telegrama da «Reuter», ignorando «quaisquer outros pormenores».

«Nada nos chegou sobre o acontecimento por via diplomática» acentuou o comandante Nobre de Carvalho.

IMPORTANTE RELATÓRIO SOBRE A DROGA

QUASE TUDO O QUE SE PUBLICA É INEXACTO

FRANKFORT (R.) — Leiam uma dezena de relatórios oficiais sobre o uso, movimento e venda ilícita de narcóticos e obterão uma dezena de respostas diferentes.

Contrabandistas e viciados em drogas, bem como agentes das brigadas contra a propagação de estupefacientes — cujas opiniões raramente são idênticas — estão pelo menos de acordo sobre uma coisa: quase tudo o que se publica sobre o assunto, desde margens de lucro até doses individuais nos preços de retalho é inexato, quando não produto de uma ficção que nada tem a ver com a realidade.

No ano passado, um relatório de 200 páginas a respeito do problema, publicado pelo ministério da saúde da Alemanha Ocidental, dizia: «Um quilograma de heroína pura é suficiente para render 100.000 doses individuais».

Tal estimativa, aparentemente usada também em outros países com população de viciados, tem levado a vastas estatísticas inflacionárias sobre o valor da heroína no mercado de retalho.

De acordo com uma ava-

liação frequentemente citada, um quilo de heroína poderá render mais de um milhão de dólares vendido em doses individuais nas ruas de Nova York. São quase idênticos os números sobre o valor da droga no mercado retalhista europeu.

Nos fumarentos locais onde viciados de olhos sonhadores, entorpecidos, escutam, como se estivessem já no outro mundo, sons de música rock ou spirituals, com a perfeita passividade de gurus (homens santos) indianos, tais números costumam despertar sorrisos de troça.

A média de viciados em heroína absorve cerca de um grão (0,06 gramas), a mais pequena porção à venda em Frankfort e noutras das principais cidades da Alemanha Ocidental.

Dividam um quilograma por saquinhos especiais, que nos Estados Unidos se chamam «dime bags», e obterão cerca de 16.000 doses. Aos preços correntes, entre 15 a 30 marcos (cinco a 10 dólares), o valor teórico das vendas a retalho nas ruas não chega a atingir o meio milhão de marcos.

No entanto, o maior contingente de heroína é vendido em porções de um grama a preços entre 220 e 280 marcos, o que dá um valor no comércio retalhista da droga de 280.000 marcos, pelo menos no que se refere à droga no seu aspecto puro, não diluído.

As pessoas familiares com tais coisas na Europa e nos Estados Unidos dizem que a heroína vendida em Frankfort é muito mais pura do que a transaccionada em Nova York, possivelmente porque os homens que estão por detrás do negócio (no valor de muitos e muitos milhões de marcos) pretendem um total colhimento no mercado alemão antes de começarem a vender variantes menos potentes.

Dizem que o valor de um quilo em Nova York é de cerca de meio milhão de dólares, através de vendas exclusivas no «retalho» das ruas em porções reduzidas. Um grão, segundo se diz em Frankfort, custa em Nova York uma média de 12 dólares.

Teoricamente, são possíveis vários processos de diluição da droga, mas tal como se expressou um viciado americano «enclachado» em Frankfort: «O tipo que vai fazendo mistelas ao seu produto, não consegue manter-se no negócio por muito tempo».

Os preços correntes das drogas na Alemanha Ocidental são: Uma grama de heroína, 220 a 280 marcos; uma tablete de morfina, 7 a 15 marcos; uma «viagem» LSD (tablete), 8 a 10 marcos; uma grama de anfetamina cristal, 60 a 100 marcos; uma grama de haxixe, 7,50 a 11 marcos.

Em relação, os preços do produto por atacado são consideravelmente mais baixos. Dependem essencialmente da sua qualidade. Um quilograma de heroína vende-se, em geral, a preços que oscilam entre os 20.000 a 45.000 marcos.

A maior parte da heroína à venda na Alemanha Ocidental é da variedade castanho-clara ou avermelhada do sudeste asiático e é vendida ao abrigo de nomes típicos como por exemplo «Tiger Brandt» ou «Red Bangkok».

Um quilograma de haxixe custa entre 1.800 a 2.500 marcos. As espécies do Afeganistão (black afghan) e do Paquistão (green pakistano) são das mais caras.

A cocaína, também conhecida como a «droga dos ricos» é o artigo mais caro no precário dos narcóticos do mercado ilícito.

Um grama do pó branco (tão inofensivo à vista) custa entre 300 a 400 marcos. Embora a cocaína seja ainda raríssima em Frankfort, o normal sistema de abastecimento é feito por meio do roubo a farmácias e laboratórios — oficiais das alfândegas europeias começam a notar um aumento de actividades de contrabando do Peru e outros países da América Latina onde a coca tem enorme cultivo em plantações da selva. No entanto, a maior parte da cocaína que passa pela Europa vai em trânsito para os Estados Unidos, um mercado muito mais gigantesco e rendoso.

A terminologia aplicada às drogas é tão confusa como o é a avaliação do seu valor real nos mercados negros. Nota-se que o álcool — um problema muito mais grave do que os narcóticos em todos os países industrializados — está integrado na denominação de «droga».

O termo «hard drug» (droga forte), segundo médicos e viciados, só se aplica aos narcóticos da família das opiáceas — ópio, morfina base, morfina e heroína — que causam viciação física com o desentendear de um sistema de tremenda angústia e até fortes ataques de loucura se a droga for repentinamente retirada.

Um certo número de drogas do tipo morfina-sintética levam também a uma dependência física, mas esses são narcóticos relativamente raros e que não desempenham nenhum papel essencial no comércio ilícito.

A cocaína, habitualmente classificada como «hard drug», não desenvolve viciação física, embora os que dela abusam venham a desenvolver uma urgente necessidade psicológica. O continuado abuso acabará por resultar em mania de perseguição, acompanhada por tremuras consecutivas ou tiques especiais, produzindo sobretudo grande debilidade mental.

Mas Sir Arthur Conan Doyle, o genial criador de Sherlock Holmes, tomou, segundo se diz, cocaína durante muitos anos sem lhe sentir aparentemente os efeitos doentios que se propalam.

O ópio absorvido por milhões de pessoas no Oriente, não é popular na Europa, principalmente porque os viciados em estupefacientes do Ocidente gostam de se poder injectar a eles mesmos e o ópio em bruto é muito difícil de preparar para tal fim. Os asiáticos fumam-no ou comem-no.

As drogas mais frequentemente usadas na Europa são:

Heroína — produto final da papoila do ópio. Dez quilos de ópio em bruto são reduzidos a um quilo de morfina-base que, depois, acaba por ser transformada em um quilo de heroína por meio de uma operação complicada que requer um químico em manipulação farmacêutica.

Alcunhada, em calão especial, como «smak», «horse», ou «junk», a heroína pode ser aspirada, fumada ou injectada. A maneira mais comum dos viciados europeus é a injeção, cujos efeitos duram cerca de oito horas. A heroína entra nos mercados em forma de pó e tem um sabor bastante amargo.

A morfina — feita a partir da morfina-base, depois de refinação, é normalmente alcunhada como «M» e a sua venda faz-se principalmente em comprimidos. Causa forte viciação por habituação física, e com efeitos similares aos da heroína.

A morfina no mercado negro europeu faz por vezes longas viagens. Durante a guerra indo-paquistanesa, por exemplo, a Alemanha Ocidental despachou para o Paquistão uma enorme carga de morfina. Todavia foi pouca a quantidade que serviu para aliviar as dores dos soldados feridos. A maior parte acabou por encastrar nos «drug tores» de Karachi e Preschawar, precisamente no caminho do desfiladeiro de Khyber que faz fronteira com o Afeganistão, onde a droga foi comprada por europeus e voltou a ser contrabandeada para a Alemanha.

O haxixe, que surge em várias formas e cores. A variedade do Afeganistão é de um negro carregado; a libanesa tem a cor dos flocos de aveia. Existem também as variedades vermelho-escuro e esverdeado. Mas seja qual for a cor, todos os tipos procedem da resina destilada pela planta-femeia do chamado cânhamo da Índia.

Relatórios de vários técnicos no assunto desmentem que o haxixe dê habituação.

O haxixe é um agente alucinatório que produz geralmente uma acuidade desusada, principalmente quanto a cores e sons. Fuma-se ou come-se.

O LSD vende-se em forma de comprimidos ou em líquido. Os seus efeitos são semelhantes ao do haxixe, mas mais poderosos. Não dá habituação mas pode desencadear psicoses em pessoas com latentes tendências.

Anfetaminas: a variedade mais comum no mercado negro é a metanfetamina, conhecida como «cristal» devido à aparência dos seus grânulos brancos. Aspirada ou injectada, estimula a actividade cerebral e mantém a pessoa que a usa desperta por longos períodos. Conduz a uma dependência psicológica como a cocaína, tendo efeitos similares mas muito mais poderosos do que ela.

As brigadas de narcóticos da polícia alemã (Oeste), alarmadas pelo aumento de heroína no mercado negro, dizem que terão de travar uma dura batalha nos próximos anos contra tal espécie de «inflação da droga» — inflação no sentido de afluxo.

Depois dos Estados Unidos, talvez que a Alemanha Ocidental seja dos mercados mais prósperos quanto à venda de narcóticos, com aumentos de lucro firmes e progressivos.

Os 10 quilos de ópio em bruto necessários para a produção de um quilo de heroína custam entre 200 a 900 dólares — cotação flutuante — no país da origem.

«El Cordobés» torna-se pintor

MADRID, (F. P.) — «El Cordobés», o mais célebre e o mais discutido toureiro contemporâneo, decidiu lançar-se na pintura. A sua primeira exposição está marcada para o próximo mês numa galeria de arte madrilena.

A revista «Actualidade Española», que anuncia esta es-

treia, publica duas fotografias de «El Cordobés» procurando a inspiração de pincel na mão. O famoso diestro — de seu verdadeiro nome Manuel Benítez — retirou-se das arenas em fins de 1971, passando a residir em Villalobillos, uma vasta propriedade que possui perto de Cordova, na Andaluzia.

equipe o seu carro com os pneus

DUNLOP



AGENTES SARAIVA & GONZALEZ LDA
AV. DUQUE DE AVILA 26 B
TELE 531094 LISBOA

SINDICATO NACIONAL DOS TÉCNICOS DE DESENHO

CONVOCAÇÃO

Convocam-se todos os sócios da zona Sul para uma Reunião de Trabalho a realizar na VOZ DO OPERÁRIO em Lisboa, no próximo dia 21 (sexta-feira) às 21,00 Horas com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — Esclarecimento e discussão do despedimento do Presidente do Sindicato Nacional dos Técnicos de Desenho.
- 2 — Informações sobre a Contratação Colectiva em curso.

A DIRECÇÃO



ATE 6 DE OUTUBRO
NO RESTAURANTE DO CASINO AS 23H E 30M
GRUPO C-M-14 ANOS

GEORGIE FAME

A MAGIA E LEVITAÇÃO DE
MICHEL DE LA VEGA

O BALLET
DAYGO DANCERS

E O CONJUNTO DE
MÁRIO DE JESUS
COM A CANTORA INGLESA
JAY SOUTH

SALA DE MÁQUINAS: Acesso livre a partir de 21 anos
SALA DE JOGOS: DIARIAMENTE DAS 17 AS 3H
PENINA: Telefone (0082) 2341



O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Francisco Abrantes Pereira, Rua José Relvas — ALPIARÇA

DL/OPINIÃO

Falta
o petróleo

O «Financial Times» organizou um colóquio acerca da falta de petróleo no mundo. Segundo o presidente da British Petroleum, sir Eric Drake, «já não estamos no tempo do petróleo barato». Por outro lado, os jazigos actualmente conhecidos satisfazem as necessidades do próximo decénio mas, depois, será preciso gastar pelo menos 200 biliões de libras até 1984 para garantir a produção necessária. Sir Eric convidou os países consumidores de petróleo a formarem uma «frente sólida» de oposição aos produtores e a coordenarem imediatamente as diversas políticas nacionais de modo a evitar uma «corrida louca» aos recursos energéticos.

O presidente da British Petroleum avisou ainda os países produtores de que aproveitando as vantagens actuais se arriscam a perder daqui a uns anos.

Outro presidente, este do Instituto do Petróleo Britânico e também administrador da Shell, Geoffrey Chandler, defendeu o «acionamento» das disponibilidades petrolíferas e a organização de «stocks» estratégicos na Europa Ocidental, nos Estados Unidos e no Japão.

Finalmente, para John Winger, que é vice-presidente do Chase Manhattan Bank e perito em matérias petrolíferas, nos Estados Unidos o problema consiste mais na falta de capitais destinados ao financiamento dos investimentos necessários do que na carência de recursos. Com efeito, salientou o vice-presidente e perito, os lucros das companhias nos últimos 15 anos só aumentaram 8 por cento em média quando deveriam ter crescido 18 por cento.

Férias
e
analfabetismo

Mais de metade dos espanhóis não teve férias em 1972, segundo dados do Instituto da opinião pública.

De um total de 2.400 entrevistados, 53 por cento responderam «não» à pergunta sobre se tiveram férias no ano passado. E 47 por cento dizem que sim, que tiveram férias.

Noventa por cento dos que não tiveram férias são analfabetos, segundo o mesmo inquérito.

Incendiar
os colégios

O pastor britânico Andrew Parker, condenado em Julho último a 800 francos de multa por «incitação ao incêndio através da imprensa» a seguir ao dramático fogo que destruiu um colégio parisiense, no qual pareceram vinte pessoas, incluindo 16 crianças, vai ser expulso de França.

A decisão nesse sentido foi tomada pelo ministro do Interior mediante parecer da comissão departamental consultiva que se reuniu na passada sexta-feira na prefeitura de Seine-et-Marne.

O pastor Andrew Parker autoriza a publicação, no seu boletim paroquial, de um artigo intitulado «Problema» convidando os jovens leitores a calcular quantos litros de gasolina eram necessários para deitar fogo a todos os colégios de França, sabendo-se que bastava um só litro para incendiar o colégio Pailleron, em Paris.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Humberto Marques da Cruz — ARAZEDE

TARDE
E A MÃS HORAS

Quando virá o tempo em que enfim começaremos a aprendizagem de uma expressão directa ao entendimento, em que mais nos preocuparemos com falar bem do que falar difícil? Quando será que nos disporemos a deixar à literatura os artifícios e girândolas de estilo (aquela literatura que preferentemente os consuma) para no trato diário das questões usarmos uma linguagem que tenha na clareza a sua qualidade principal e a sua justificação? Quando será que deixará de pesar sobre a nossa fala e a nossa escrita essa incómoda herança de um barroquismo linguístico que só no padre António Vieira é (mas nem sempre) regalo e proveito? Quando enfim deixaremos de usar a palavra para rodear e tornar menos amargas verdades que nada têm de doce?

Cinco perguntas que são uma só, cinco respostas que não vale a pena procurar. E, já agora, o espanto de ver que departamentos oficiais que na sua missão específica usam facilmente da régua e do compasso, onde o cálculo rigoroso é obrigação de todos os dias, não resistem à tentação de cultivar um estilo de antecâmara, um estilo atento, venerador e obrigado. Veja-se essa extensa nota do Ministério das Obras Públicas onde com a maior gravidade deste mundo se escreveu: «Feita a análise da situação verificada nos meses de Junho a Agosto, introdutoriamente tem de esclarecer-se que não é correcto falar em falta de água, que verdadeiramente não chegou a faltar, no sentido rigoroso do termo, quer em Lisboa, quer em qualquer dos concelhos abastecidos pela Companhia das Águas». E logo a seguir: «Terá de falar-se, antes, em deficiências do abastecimento e, consequentemente, de criticar-se as expressões «suficiência» e «insuficiência» desse abastecimento, utilizadas no noticiário (da Imprensa)». Como se acaba de ver, todo este esforço vocabular se destina, em última análise, a diminuir a pertinência da intervenção dos jornais quando daquilo que aconteceu no Verão, que nós supunhamos ser falta de água, mas que era apenas deficiência de abastecimento...

Demos porém de barato que a Imprensa não sabia do que falava quando falava de falta de água, esqueçamos mesmo a certeza certa que muitos milhares de pessoas tiveram de que era mesmo de falta de água que sofriam, aceitemos tudo isso para comprazimento de quem redigiu a nota do Ministério das Obras Públicas, e limitemo-nos a perguntar: porque foi que durante o mais aceso período da deficiência de abastecimento ou da falta de água (já não sabemos como havemos de escrever para nos entenderem...) não veio o Ministério dizer às populações isto que agora se diz? por desejo de martírio? ou simplesmente porque se sabia que era impossível aceitarem as pessoas, com paciência, uma explicação que, mesmo que tecnicamente impecável, se mostrava em contradição com os factos e com as torneiras sem pinga de água? a que monta agora dizer que é deficiência o que se manifesta como falta?

Durante longas e torturantes semanas, os jornais pediram explicações que ninguém acudiu a dar. Respostas, se algumas houve, foram acusações de tenebrosa campanha movida contra a Companhia das Águas, afinal vítima inocente. E é quando já choveu, quando o abastecimento se normalizou automaticamente (não por providências que teriam sido bem-vindas) que nos vêm dizer que não há falta de água, e que não nos vai faltar água até ao ano 2000. Melhor e de mais respeito pelo público teria sido dizer tudo isto quando andávamos debilhados, quando os telefones das redacções retiniam duratne todo o dia com perguntas e reclamações dos leitores sedentos...

Temos, na verdade, muitas coisas que aprender. Falar claro é uma delas, falar, a tempo é outra.

QUADRATIM

ISABEL DA NÓBREGA

PALAVRAS

Não é a primeira vez que falo das palavras. Falei delas por fora, segurei-as com cuidado, observei-as, dei conta do que observara, guardei-as, mexi-as, também, com aquela atenção e fervor com que o jogador de xadrez mexe as pedras, esperei por uma palavra às vezes dias, deixando no papel um pequeno intervalo onde ela viria encaixar-se.

É isso. Às vezes, esquivava, para longe, não se mostra, escondida no arvoredo da linguagem como um pássaro malicioso ou orgulhoso, e eu, que não quero outra, quero aquela, continuo a trabalhar, aparentando indiferença, até que ela «desce» e poisa no peitoril da linha desenhada, naquele pequeno intervalo reservado com paciência e uma certa ansiedade.

Depois há as palavras preferidas, as que nos são confortáveis e familiares, certas, sólidas, imutáveis, estilo amizade-antiga, e há as outras, as palavras novas, que descobrimos e logo nos escapam; há as que delineamos, há as traçoelras, há as que amamos e nos assentam bem.

Não me esqueço da alegria com que em pequena descobria as palavras, me encontrava com elas pela primeira vez. Nos livros de histórias ou nos livros da escola, uma palavra de repente isolava-se do texto, destacava-se, tomava cor e

cantava. Lembro-me assim do dia em que, com sete anos, descobri a palavra luxuriante. Vegetação luxuriante, dizia o texto. E eu fiquei a saboreá-la, silabando-a devagarinho, tão feliz como se tivesse recebido um presente. O mesmo para esplendor, silêncio, luzeiro...

E há ocasiões em que em vez de falar das palavras por fora, de lhes pegar por fora, me apetece abri-las «aos gomos», e espreitar-lhes o coração, como a um fruto.

Imagine-se pois o que sente quem escreve quando é irremediavelmente posto diante das gralhas, ou da frase cortada, o que logo desequilibra o ritmo e a respiração do parágrafo. Há um outro fenómeno menos frequente mas do mesmo modo perturbador. É quando, não por engano da máquina, mas por dedução — falsa — nos substituem a palavra por outra. Não posso esquecer que uma vez, por exemplo, num parágrafo que dizia «... entro de supetão mas logo paro, e fico a vaguear por ali, aspirando, haurindo, quase sorvendo pétalas e olores», a palavra olores foi substituída por odores. A palavra olores é menos conhecida, menos usada, mas naquele balanço era a que eu escolhera, era a que o tom permitia, era a que trazia a carga própria, e não a palavra odores, que significa cheiro bom-ou-mau, e não aroma, perfume. Porque não em-

preguei estas últimas? Porque não me apeteceu. Quis aquela, ousei aquela. Porque considero dever do escritor recuperar de vez em quando palavras que caíram em desuso.

Na literatura brasileira quantos vocábulos nossos esplendem (de esplendor), vocábulos que deitamos fora, que arrumamos no sótão ou deixamos morrer, e que se acaso aparecem entre nós é com o ar de múmia ou de estranheza.

Lemo-los cheios de desconforto, tristeza e timidez, e não ousamos «tocar-lhes».

Uma vez num livro empreguei a palavra solidude, que nas provas tipográficas apareceu sempre transformada em solitudine. Por três vezes tive de emendar as provas, até que me expliquei de viva voz com o revisor.

Isto, ou a troca com que por vezes alguns desses vocábulos, naturalmente inseridos numa conversa, são recebidos pelo desprevenido interlocutor que logo reage, são apenas pequenos acidentes relacionados com a estreiteza da baliza sintáctica a que nos habituámos.

Mas temos de recuperar as palavras, temos que nos reapropriar delas. Dessas palavras desconhecidas, das outras que deixamos perder, da multiplicada riqueza que é preciso inventar outra vez.

Exclusivo Le Monde/«DL»

CHARLES VANHECKE

O BRASIL DESENVOLVE
A SUA POLÍTICA
EM ÁFRICA

RIO DE JANEIRO — O Brasil interessa-se, e cada vez mais, pela África negra que, a tantos respeito, se lhe assemelha. No ano passado, no mês de Novembro o ministro dos negócios estrangeiros, Gibson Barbosa, tinha feito uma viagem notável a oito países, do Senegal ao Zaire. Agora, em Setembro, é uma missão comercial que atravessará o Atlântico, enquanto o governo de Medici se prepara para receber, depois dos ministros dos negócios estrangeiros do Quênia e do Zaire, os da Costa do Marfim e da Nigéria. Semelhante interesse é muito recente, e testemunha a vontade do Brasil de se abrir ao mundo exterior.

Os meios oficiais explicam esta atitude pelo progresso industrial do país, que lhe ordena o encontro «novas áreas de trabalho». Tradicionalmente, com efeito, as trocas do Brasil limitavam-se à Europa e às duas Américas, e só muito tarde Brasília descobriu o Japão, único país da Ásia que conhece verdadeiramente. Depois de ter feito um furo no Médio Oriente, nomeadamente no Iraque e no Egipto, onde a companhia nacional Petrobrás explora jazigos petrolíferos, volta agora os olhares para África e para as suas reservas de matérias-primas. A história e a geografia impõem, aos olhos de Brasília, vínculos particulares com o continente negro: se-

melhança dos climas e de certos traços da civilização tropical, afinidade das culturas, graças à influência dos negros na sociedade brasileira, e à dos antigos escravos entrados no país (aqueles a que se chamava os «brasileiros») têm exercido na alimentação, na arquitectura, na música da África Ocidental. Finalmente, este dado não desprezível: a tolerância racial que existe no Brasil (embora seja ambígua) e que pode ser um atractivo para os africanos. Em resumo, a diplomacia brasileira considerou que as condições eram particularmente propícias à abertura de um diálogo, que acaba, de facto, de ser entabulado pela via da cooperação técnica.

PROBLEMAS SEMELHANTES

Tanto pelo seu clima como pelas suas dimensões, o Brasil enfrenta problemas comparáveis aos de numerosos países africanos, e tem a vantagem, assim o considera, de ter resolvido alguns deles. Quer se trate do transporte de energia eléctrica a longas distâncias, das culturas tropicais ou do arranjo do território, ele dispõe de uma experiência que põe ao serviço dos novos interlocutores, convidando-os para seminários e viagens de estudo, há já alguns meses. Pensa estar, assim, em posição de ajudar certas nações a atingir a auto-suficiência alimentar,

que a exploração colonial lhes havia interdito. Este auxílio ao desenvolvimento responde a uma lógica conhecida: um país que progride é um mercado em potência. Sem dúvida que o Brasil está ainda longe de inundar os vizinhos «da frente» com os seus produtos manufacturados. E falta-lhe ainda, neste domínio, poder rivalizar com as antigas metrópoles. Porém, conta, aí sim, com a geografia: o Recife está mais próximo do Golfo da Guiné do que qualquer cidade da Europa. As suas exportações, em todo o caso, progrediram de maneira espectacular em dois países: na Argélia (70 milhões de dólares em 1972) e na África do Sul (28 milhões de dólares).

Por outro lado, a África é considerada como uma imensa reserva de matérias-primas; o que é um paradoxo, tratando-se de um país que continua a ser fornecedor importante de produtos agrícolas e produtos minerais. Porém, Brasília vê longe. Na medida em que a população e o consumo aumentam, pensa-se aqui que os recursos gigantescos do país poderiam um dia não ser já suficientes, pelo menos em determinados sectores. Se o ferro abunda, é preciso comprar o cobre no Zaire e o petróleo à Nigéria (28 milhões de dólares de compras em 1970) para satisfazer uma parte das ne-

Continua na pag. 11

DL/GERAL



A INAUGURAR PELO CHEFE DO ESTADO A CURIOSIDADE DE CINCO OPERÁRIOS DEU À EXPLORAÇÃO TURÍSTICA AS GRUTAS DE ALVADOS

Há cerca de nove anos, na Serra de Alvados, cinco operários, que trabalhavam numa pedreira, sentiram curiosidade por uma abertura natural que se lhes depa-rou no terreno em que exerciam a sua rude tarefa. Atiraram com pedras para o interior e o ruído do choque das pedras, lá no fundo, demonstrou que a altura era grande. Convencidos de que se tratava de uma gruta, muniram-se de cordas e lanternas e deram-se à descoberta do espaço subterrâneo. Na verdade, tratava-se de uma série de grutas e tão belas, tão amplas, tão resplandecentes de pedras brilhantes e de cores várias, que a sociedade que explorava a pedreira as resolveu transformar num motivo turístico...

São estas grutas, agora servidas por uma estrada alcatroada, que o Chefe do Estado deverá inaugurar amanhã, participando, inclusive, num almoço regional na Gru-

ta de Santo António, não muito afastada das de Alvados.

Situadas a onze quilómetros da vila de Porto de Mós, as grutas, para que pudessem ser visitadas pelo público e se prestassem à exploração turística, exigiram obras que orçaram por milhares de contos.

Num futuro próximo, prevê-se a construção, nas imediações, de um hotel, de um restaurante, de piscinas, etc.

Encontra-se também assente a arborização dos terrenos circundantes com milhares de espécies vegetais.

Centenas e centenas de operários trabalharam na urbanização das grutas. Foi um centro de trabalho que, presentemente, cessou. Fica agora uma estrutura turística que teve origem na curiosidade de cinco operários que trabalhavam numa pedreira há nove anos atrás...

MOÇAMBIQUE

LONDRES — CABO
EM 34 HORAS

LOURENÇO MARQUES (L.) — Num pequeno «Cessna» aterraram em Lourenço Marques os dois pilotos ingleses que acabam de bater o record de voo entre Londres e o Cabo, para avioetas.

Jan Behrman e Alan Dyer fizeram a proeza em 34 horas, 58 minutos e 32 segundos, e poderiam tê-lo feito em duas horas menos se não fora os contratempos surgidos em duas escalas. Mesmo assim, bateram o record da classe, fazendo o percurso em menos de metade do tempo do que a célebre aviadora Sheila Scott o fez há seis anos.

Lourenço Marques foi incluída no percurso de volta dos dois aventureiros do ar, que partiram esta manhã para Mombaca. Nos seus planos está uma viagem Londres-Austrália e ainda uma volta ao mundo.

O «IMPÉRIO» PERSISTE

Não se confirma que esteja decidido o abate ao efectivo, a curto prazo, do pacote «Im-

pério» que há vinte e cinco anos faz rota pelo Ultramar — segundo a inspecção em Lourenço Marques da Companhia Colonial de Navegação.

O «Império» que está agora a realizar a viagem pela costa de Moçambique, deve partir desta cidade, de regresso a Lisboa, via Angola e S. Tomé, com passageiros e carga, entre a qual se destaca mais de quatro mil toneladas de açúcar.

Escola em Queixomil

BAIÃO — Está na fase de acabamento o novo edifício escolar destinado ao núcleo de Queixomil, esperando-se a sua entrada em funcionamento no começo do ano lectivo que se avizinha.

Termina assim o verdadeiro drama vivido por centenas de crianças que durante longos anos foram compelidas a deslocarem-se a distância considerável para receberem a instrução primária.

RECUPERADAS 12 VIATURAS

Segundo informa o Comando-Geral da P.S.P., no período compreendido entre as 12 horas de anteontem e as 12 de ontem, desapareceram as seguintes viaturas: CG-93-29, Morris; GI-32-63, Morris; Cooper; DF-77-63, Morris; DC-77-32, Morris;

O CASO DOS HORÁRIOS TROCADOS DOS EXAMES DA 2.ª ÉPOCA

MARCADAS PARA O DIA 26 AS PROVAS DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS-NATURAIS

Recebemos do CIREP (Centro de Informações e Relações Públicas do Ministério da Educação Nacional) uma nota relativa à troca dos horários dos exames de Francês-Alemão e História-Ciências Naturais, ocorrida no dia 30 de Agosto, troca essa que fez com que muitos alunos faltassem à prova escrita daquelas duas últimas disciplinas.

De acordo com numerosas reclamações que, via encarregados de educação, chegaram ao nosso jornal, «a prestação de provas de Francês-Alemão estava marcada para as 9 horas daquele dia, seguindo-se

a prestação de provas de História-Ciências Naturais às 11 horas». Aliás esse horário foi publicado em diversos jornais, de acordo com uma circular do Ministério.

Aconteceu, no entanto, que os alunos de História-Ciências Naturais não puderam prestar a respectiva prova, às 11 horas, uma vez que esta se tinha efectuado às 9 horas.

As culpas, pois, não cabiam aos alunos. A nota distribuída, e que publicamos a seguir, afirma, porém, que foram os alunos os culpados do incidente.

Eis a nota:

«Alguns examinandos admi-

tidos à prestação de provas escritas das disciplinas de História e de Ciências Naturais do curso complementar dos liceus confundiram a hora de prestação das referidas provas».

«Cominaca-se que Sua Excelência o Ministro autorizou, a título verdadeiramente excepcional o seguinte:

1 — Realizar-se-ão no dia 26 de Setembro, pelas 9 horas, provas escritas das disciplinas de História e Ciências Naturais do curso complementar dos liceus.

2 — Aquelas provas serão apenas admitidos os candidatos que, tendo direito a prestá-las, faltaram e ainda os que, por terem chegado tarde a elas foram admitidos, não tendo, no entanto, utilizado o tempo legal.

3 — As provas serão realizadas obrigatoriamente nos mesmos estabelecimentos de ensino em que aqueles candidatos se tinham inscrito.

Para isso, deverão os candidatos nas condições do número anterior requerer ao secretário dos liceus até ao dia 24 do corrente a prestação daqueles exames. O requerimento será feito em papel selado e não haverá lugar ao pagamento de qualquer multa».

BRASILEIRAS QUEREM CORRESPONDER-SE

Três jovens brasileiras desejam corresponder-se com moços portugueses: a primeira tem 16, a segunda 24 e a terceira 33 anos.

A mais nova, olhos e cabelos castanhos, gosta de música pop, boa leitura, cinema, etc. Nome: Ana Edite Studart Soares. Reside na Avenida Francisco Sá, 5652, Jacarecanga, Fortaleza, Ceará.

A seguinte, Ujirabel Albuquerque Barros (Rua Isabel de Sousa, 61, Bloco 4, Imbiribeira, Recife), afirma ter bom nível cultural e troca foto na primeira carta. Idade: na casa dos vinte.

Finalmente, a terceira, Maria da Graça Loliola Gomes, de 33 anos, loira instrução superior, deseja correspondência que vise intercâmbio cultural, troca

de postais e selos, etc. Endereço: Rua Machado de Assis, 138, mossoró (59 600). RN. Mas também há um brasileiro para as nossas leitoras. Chama-se Valdemiro Gadelha, só tem 15 anos, e reside na Rua Naturalista Feijó, 1435 (Bairro Elley), Fortaleza, Ceará. Afirma o moço que é rico, lindo e um pouquinho triste.

LOTARIA DE HOJE

NUMEROS PREMIADOS
EM CADA SÉRIE

43.743 — 2.555.000\$00
2.581 — 245.000\$00
36.618 — 140.000\$00

PREMIOS DE 280\$00
(CENTENAS)

2.501 a 2.600; 36.601 a 36.700
e 43.701 a 43.800.

PREMIOS
AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três algarismos finais sejam 513 são contemplados com 735\$00, no bilhete de cada uma das duas séries da emissão; os terminados em 051, 490, 605, 639 ou 858, são contemplados com 560\$00. Por sua vez, os números cujos dois algarismos finais sejam 36, 52 ou 98 são contemplados com 350\$00. Os restantes números cujo último algarismo — terminação — seja 3, têm direito a 175\$00, de prémio, também no bilhete de cada série.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

Os 280 contos dos dois 3.ºs prémios grandes foram distribuídos aos balcões da Casa da Sorte.

Autuados 35 condutores por desobediência aos sinais luminosos

Duzentos e setenta e seis carros particulares e quarenta táxis para um total de quarenta e nove autuações, trinta e cinco das quais por desobediência aos sinais luminosos, o resultado de mais uma operação «stop» levada a cabo, pela Secção de Trânsito da P. S. P., nas zonas do Estoril e Cascais.

Foram ainda detidos dois indivíduos por condução ilegal,

tendo, entretanto, desaparecido as seguintes viaturas: LH-66-08, Morris; BC-43-32, Morris 1000; GC-51-73, Morris Mini; AE-72-70, Morris 1000; FB-72-53, Morris; CF-43-12, Datsun 1200; BB-30-53, Datsun 1200; BB-30-53, Datsun 1200; ED-49-88, Cortina; DF-88-30, Singer; DF-80-07, Austin 850; CB-79-26, Austin; 372 -Fn-12, Alfa Romeo; e CI-45-27, Opel record.

4 ÚLTIMOS DIAS

CEMITÉRIO DE AUTOMÓVEIS

de ARRABAL
apresentação da
C. DE RUTH ESCOBAR
em CASCAIS
às 21.45 horas
Av. da República, 676
Tel. 28 18 56

P/maiores 18 anos
Hoje — 50 % desconto
para estudantes

II SEMANA INTERNACIONAL DA FIGUEIRA DA FOZ

1. ASPIRAÇÕES E REALIDADES DO QUE SE VIU, SE OUVIU E SE LEU

Figueira da Foz, entre 6 e 13 do corrente mês de Setembro: **II Semana Internacional de Cinema da Figueira da Foz.**

Organização do Centro de Estudos e Animação Cultural de Lisboa e do Círculo Juvenil de Cinema da Figueira da Foz, com o patrocínio da Câmara Municipal e da Comissão Municipal de Turismo da Figueira e a colaboração da Sociedade Figueira-Praia. Empreendimento subsidiado pela Fundação Calouste Gulbenkian.

Comissão Executiva: José Manuel dos Reis Alves Catariño, Manuel Leitão Fernandes e José Vieira Marques (secretário-geral).

Com sessões à noite (e algumas à tarde, repetindo filmes) efectuadas no Cinema do Casino Peninsular, foram projectados dez filmes, de doze previstos e anunciados. **O Herói Sacrilégio** de Kenji Mizoguchi (Japão 1955); **A Filha do Engano**, de Luis Buñuel (México, 1951); **Os Gabarolas** (Les Zozos) de Pascal Thomas (França, 1973); **A Máscara** (Persona), de Ingmar Bergman (Suécia, 1965); **A Pequena Crónica de Ana Madalena Bach**, de Jean Marie Straub (Alemanha Ocidental, 1967); **Aguirre, o Aventureiro**, de Werner Herzog (Alemanha Ociden-

tal, 1972); **Amo-te, Rosa**, de Moshe Mizrahi (Israel, 1972); **Eu, Um Negro**, de Jean Rouch (França, 1959); **Uma Bela Rapariga** (Une Belle Fille Comme Moi), de François Truffaut (França, 1972) e **Minha Querida Senhorita**, de Jaime de Arminan (Espanha, 1971). Previstas, e não previstas, **Coração Solitário** (Corazon Solitario), de Francisco Betriu (Espanha, 1972, e **Lágrimas e Suspiros**, de Ingmar Bergman (Suécia, 1973).

Entretanto, várias outras hipóteses se goraram ao longo de todo o tempo de preparação desta II Semana. Os organizadores haviam falado em obras húngaras, polacas, gregas, etc., mas tudo isso se foi malogrando, à medida que os dias corriam.

Tivemos, portanto, uma selecção algo incaracterística, onde foi possível ver quatro ou cinco filmes de museu (Buñuel, Bergman, Mizoguchi, Rouch ou Straub), ainda assim discutíveis, e unicamente outras tantas películas de perfeita actualidade (Arminan, Herzog, Mizrahi, Thomas e Truffaut), das quais somente duas mereciam incontestavelmente atravessar a malha fina da selecção de um festival (ou semana) que se queira intransigentemente exigente. De qualquer forma, dez filmes, outras tantas propostas de discussão postas perante um público que se comportou, na sua grande maioria, de uma forma nada passiva, encarando as obras como base, certa ou incerta, de discussão polémica e de abertura de horizontes críticos. Restará dizer que qualquer destas dez fitas se encontra já assegurada na exibição comercial portuguesa (assegurada, isto é: comprada uma cópia por uma exibidora e aceite a mesma pela Comissão de Inspeção dos Espectáculos), pelo que, por ora, e em artigo futuro, nos iremos minimamente interessar por cada um dos filmes, reservando análises mais detalhadas para quando das suas respectivas estreias em ecrãs de Lisboa.

temente exigente. De qualquer forma, dez filmes, outras tantas propostas de discussão postas perante um público que se comportou, na sua grande maioria, de uma forma nada passiva, encarando as obras como base, certa ou incerta, de discussão polémica e de abertura de horizontes críticos. Restará dizer que qualquer destas dez fitas se encontra já assegurada na exibição comercial portuguesa (assegurada, isto é: comprada uma cópia por uma exibidora e aceite a mesma pela Comissão de Inspeção dos Espectáculos), pelo que, por ora, e em artigo futuro, nos iremos minimamente interessar por cada um dos filmes, reservando análises mais detalhadas para quando das suas respectivas estreias em ecrãs de Lisboa.

JORNADAS CULTURAIS

Tal como acontecera no passado ano, igualmente a acompanhar esta II Semana Internacional de Cinema da Figueira da Foz se realizaram as Jornadas Culturais de Cinema, também elas contando com um programa inicial que, por difi-

culdades de última hora, não conseguiu ser cumprido. Assim, haviam sido anunciadas **Jornadas de estudo de Cinema Novo Canadano** e de **Cinema Novo Alemão**, com a projecção de algumas obras características de ambos os países. Nada disso se viu e, em seu lugar, tivemos um outro tema e uma outra organização das Jornadas.

Iniciação Cinematográfica foi o tema geral das II Jornadas Culturais Cinematográficas da Figueira da Foz. **Colóquios, projecções, debates foram alguns instrumentos de reflexão sobre a pedagogia da aprendizagem que tornasse o espectador interessado num consumidor consciente e crítico das imagens cinematográficas.** Isto mesmo se poderia ler na apresentação das Jornadas, feita pelos organizadores.

Várias foram as personalidades convidadas para tomarem parte nos debates e na orientação das diferentes actividades. Convidados que primaram pela ausência, também os houve: casos de Henri Agel e Geneviève Agel, franceses, ou do espanhol António Gregori. Além de vários portugueses que por lá não se viram.

Entre os que estiveram, para lá dos que de alguma forma se ligavam à própria organização: José Vieira Marques, Manuel Canaveira, João Amaral ou Luis Andrade, refiram-se os nomes de Jean Louis Manceau, francês, orientador de uma **Maison de Culture**, «animador cultural» por profissão e crítico de cinema; António Gimenez Rico, espanhol realizador de cinema, juntamente com sua mulher, a actriz Elisa Laguna; e ainda críticos e realizadores portugueses: Afonso Cautela, Eduardo Prado Coelho, João Benard da Costa, Manuel Guimarães, Seixas Santos, Lauro António,...

No programa das Jornadas, vários colóquios:

— **Panorama do Cinema Francês**, orientado por Jean Louis Manceau;

— **Temas do Novo Cinema Português**, antecedido pela apresentação, em estreia, da média metragem de Fernando Lopes: **«Nacionalidade: Portuguesa»**. A orientar o debate, Manuel Guimarães, Seixas Santos e João Bernard da Costa;

— **A Expressão Cinematográfica e o Papel dos Personagens**, antecedido pela projecção de um filme: **«The Making of Butch Cassidy and the Sundance Kid**, de George Roy Hill, seguido por comunicações de José Vieira Marques e Manuel Canaveira;

— **Dinâmica da Pedagogia do Debate de Filmes**, mesa-redonda com os animadores culturais da Semana (José Vieira Marques, Manuel Canaveira, João Amaral e Luis Andrade) e do crítico francês Manceau. Cada um deles sugeriu a sua concepção de «animador cultural» e de como conduzir um debate.

Finalmente, **Panorama do Cinema Espanhol**, por António Gimenez Rico.

Entre os vários temas propostos a debate nestas II Jornadas (e porque nos foi impossível assistir aos dois primeiros), encontramos particularmente sugestivos o dedicado a «Dinâmica da Pedagogia de Debates» e o outro relacionado com Cinema Espanhol.

O DEBATE EM QUESTÃO

Sobre a **Dinâmica da Pedagogia de Debates de Filmes**,

falaram, como atrás se disse, os animadores das **Jornadas** que durante a **Semana** orientaram as discussões sobre cada um dos filmes projectados à noite. Cada um deles disse o que entendia ser a melhor maneira de conduzir um debate, arrancando o espectador a uma passividade cómoda e transformando-o num crítico exigente e consciente das múltiplas manipulações que qualquer filme o faz sofrer.

«**Importante é o debate, como forma de conjugar várias visões pessoais, justapondo-as umas às outras, completando-se assim a visão global de uma obra.**» Uma das conclusões a extrair. Um dos limites do debate foi apontado: **«As múltiplas inibições do público fá-lo perder o gosto pela aventura, que é invariavelmente arriscar uma opinião.»** «Cada filme é lido diferentemente por cada espectador, que tem dele uma visão parcelar e pessoal: o espectador projecta no filme os seus próprios problemas.»

Referiu-se o lado «criador» de um debate, salientando-se que cada público reclama um tipo de debate diferente, orientado no sentido das suas preocupações imediatas e necessidades. Assim, não se poderá dirigir um debate da mesma forma, quer se fale numa assembleia de estudantes, de operários, de crianças ou para um público que acaba de sair de uma qualquer sessão de cinema comercial.

Apontou-se como um dos limites do público dos colóquios da Figueira, a **«heterogeneidade da sua origem e interesses, não falando já de níveis culturais.»** Posição que, de algum modo, poderá ser controversa, na medida em que um dos fitos do debate seria precisamente criar climas humanos, que, partindo da heterogeneidade, tendam, não há homogeneidade, mas à tolerância e à reciprocidade. Ou seja, da heterogeneidade inicial à homogeneidade crítica, que englobe experiências pessoais (ou grupais) diferentes.

Extremamente importante, de um ponto de vista informativo e crítico, foi ainda a conversa havida com o cineasta espanhol Gimenez Rico bem assim como a totalidade dos debates realizados imediatamente a seguir à projecção de cada filme.

DUZENTES PESSOAS DISCUTEM FILMES

Com a referência a esses debates informais que começaram por atrair oitenta e tal pessoas e acabaram por reunir grupos que ultrapassaram as duas centenas de pessoas, começamos a falar do aspecto mais positivo desta **Semana** e das **Jornadas da Fi-**

gueira da Foz. Na verdade, por pouco claros que muitos desses colóquios se possam ter mostrado na sua aparência imediata, cremos que eles constituíram uma verdadeira lição, não tanto pela forma como foram dirigidos (por vezes caóticos e profundamente fragmentados, o que nem sempre — quase nunca — foi culpa dos orientadores, mas característica — salutar? perniciosa? — do próprio desenrolar das conversas, evoluindo ao sabor do interesse dominante), mas, sobretudo, pela maneira como conseguiram despertar e colocar em receptividade um público essencialmente jovem que conseguiu falar e ouvir, expor razões e aceitar contrarrazões. Neste aspecto, se a presença de «críticos oficiais» (chamemos-lhes assim) pode, de algum modo, ou em determinadas ocasiões, monopolizar as atenções, não é menos verdade que foi numa assembleia de espectadores (e enquanto espectadores) que eles se pronunciaram, aceitando críticas e reconhecendo a sua voz unicamente como uma, entre várias. A todos os títulos positiva nos pareceu esta experiência, experiência que se gostaria de ver multiplicar, não só na Figueira da Foz, ainda que «**todos os anos pelo Verão.**» Porque, a ser assim, facilmente se poderia pensar que uma tal experiência só se sentiria legitimada como forma de incentivar o turismo, o que, a ser verdade, lhe retiraria grande parte do seu alcance e muita da sua força.

LOTAÇÕES ESGOTADAS

Falados que foram os debates, significativo será ainda referir o facto de quase todas as sessões efectuadas no cinema do Casino Peninsular terem registado lotações esgotadas, o que demonstra cabalmente o interesse do público, interesse que se poderá acusar de **snobismo** nalguns casos, mas que predominantemente reflectia uma autêntica e profunda necessidade cultural. Um cinema com mais de 600 lugares, com a lotação esgotada para assistir a filmes de Bergman, de Straub, de Rouch ou de Henzog, é um facto que não se poderá ignorar (não esquecendo que se trata da Figueira da Foz e não de Lisboa ou Porto). O que explica, igualmente, o interesse da quase totalidade das casas distribuidoras em colocarem filmes seus nesta **Semana**, com uma excepção que motivou alguns reparos e os mais desencontrados boatos (caso do **Animatógrafo**, de que falaremos depois, mas que se manteve alheia à **Semana**, não cedendo nenhum filme da sua criteriosa lista).

LAURO ANTÓNIO

CINEMA NO MUNDO

Mireille no Baú

Mireille D'Arc é a protagonista da última comédia que o realizador Lautner está a filmar. A película relata-nos uma perseguição divertida a um homem cujo esconderijo é um baú. Um baú onde se encontra, como em qualquer salão, uma rapariga bonita a quem se faz a corte.

«LES CHARLOTS»

O grupo cómico «Les Charlots» vai estrear um novo filme intitulado «Le Grand Bazar», em que os cómicos e o director Claude Zidi tomam o partido de um pequeno comerciante contra os interesses de um grande armazém.

«BANG-BANG»

Andrea Tonacci acabou as filmagens da sua primeira longa-metragem, «Bang-Bang», de que são intérpretes Paulo César e Ezequiel, Abrão Farc, Jura Otero e Perequia Marques. Tonacci recebeu em 1968 o prémio de curta-metragem do Festival de Cinema de Brasília, com seu primeiro trabalho profissional «Bla, Bla, Bla...»

«ATENTADO MALOGRADO»

«La Ironia Dela Suerte» é o título de película de Eduardo Molinaro que vai começar as filmagens em breve. O argumento do filme — passa-se durante a guerra — mostra o que acontece em consequência de um atentado malogrado contra um oficial alemão — mais o que teria acontecido, se o atentado tivesse atingido o seu objectivo e o oficial tivesse realmente sido abatido.

SIMONE SIGNORET

Allio acabou a rodagem da sua última película «Une Journée pour la Reine» de que Simone Signoret é a principal in-

terprete. O tema do filme é um dia da vida de uma mulher de condições modesta à luz de um acontecimento invulgar — o de ter sido tomada pela rainha — o que a leva a modificar a sua concepção de relações humanas.

«A HISTÓRIA DE UM RAPAZ»

O realizador francês Yves Allegret está a rodar uma película intitulada «Les Petits Fiancés du Monde», contando a história de um rapaz da Bretanha à procura da capital. Como intérprete principal figura Yves

Corday, que principiou como actor da televisão.

MAURICE RONET

«Crazy Capo» é o primeiro filme do realizador Patrick Jamain, que se debruça sobre o problema do tráfico de drogas, no elenco figuram Maurice Ronet, Jean Pierre Marielle, Mari-ka Green, Antonio Cantafora, Alice Sapritch e Jean Servais. A película, que foi extraída do romance de Gilbert Tanugi, tem a direcção musical de Wladimir Cosma.

AINDA «O PADRINHO»

Anna Hill Johnstone foi distinguida com um prémio da Academia de Ciência e Arte Cinematográficas devido à sua colaboração, como figurinista, em «Godfather» («O Padrinho») e acaba de ser convidada para desenhar o guarda-roupa do filme «Serpico».

Mastroiani «engravidou»

Um homem que espera um bebé, no sentido fisiológico da expressão, é o tema do último filme de Jacques Demy, que se apresenta como «o acontecimento mais importante desde que o homem pôs o pé na Lua».

Interpretado por Marcello Mastroiani e Catherine Deneuve, o filme, que é estreado esta semana em França, decepcionou grandemente a crítica pela banalidade da realização, apesar da originalidade do assunto.

A história é, efectivamente, pouco vulgar: um casal com dez anos de vida em comum e com um filho de 9 anos, vê a sua vida perturbada de um dia para o outro, quando o marido, que sofre de náuseas, consulta o médico e fica a sa-

ber que está «grávido». «Tive a ideia deste filme — declara o realizador — ao observar a minha mulher que esperava um filho. Gostaria de saber se os homens teriam as mesmas reacções. Assim, imaginei uma história, pensando como reagiria a sociedade, se os homens comessem a dar à luz.

Porém, o meu filme é, antes de tudo, uma comédia e durante as filmagens levámos o tempo a rir, nomeadamente, com Mastroiani, que tinha dores nos rins devido ao peso do falso ventre.

«Escrevi os papéis de Mastroiani e Deneuve por medida. O facto de ter recorrido a actores de prestígio só me ajudou e contribuiu para dar mais veracidade à história» — declarou Jacques Demy.

Reunião de profissionais das agências noticiosas

Decorre esta tarde na sede do Sindicato Nacional dos Jornalistas, uma reunião dos profissionais das agências noticiosas destinada à apreciação do projecto de revisão do Acordo Colectivo de Trabalho entre o Sindicato e as referidas agências.

As alterações que se propõem ao A.C.T. em vigor inse-

rem-se, dadas as limitações impostas pelo Decreto-Lei n.º 196/72, dentro do âmbito salarial ou daquilo que tem sido julgado ser verdadeira retribuição, constituindo também, noutros aspectos, mera actualização formal, com inclusão de disposições da lei geral hoje aplicáveis.

DL/NACIONAL

Um congresso sobre arte ibérica onde não se falou português...

Realizou-se entre três e oito deste mês, em Granada, o Congresso Internacional de História de Arte na Península Ibérica, com a presença de 1400 interessados vindos dos mais diversos países do mundo. Não correram em Portugal notícias do Congresso, mas o nosso país também se fez representar e apresentou comu-

O Congresso teve muito interesse, mas é com tristeza que lhe digo que não pude apresentar em português a minha comunicação, nem eu nem os outros investigadores portugueses, porque o português não foi considerado língua oficial — começa por afirmar. Em Espanha, e num congresso sobre Arte Ibérica, que incluía

Fizeram comunicações, além de mim, o dr. José Augusto França que abordou o futurismo e o surrealismo em Portugal, o dr. Flávio Gonçalves da escola de Belas Artes do Porto que tratou «a Arquitectura e a talha no Noroeste de Portugal durante o séc. XVIII. Estiveram ainda presentes Maria João Madeira Rodrigues, di-

do, Xavier de Sales, e por Pita Andrade, director do departamento de História de Arte numa Universidade Espanhola. Devo dizer-lhe que os trabalhos suscitaram vivo interesse, visível até pelo número de participantes. As entidades que dirigiram o Congresso facultaram aos estudantes a entrada livre, o que deu origem a que alunos de Belas Artes e outros apresentassem também comunicações suplementares.

Porquê o seu trabalho sobre o escultor Larra Churriguera?

Trata-se dum escultor espanhol que esteve 30 anos em Portugal: (18 em Lisboa, 12 em Matra) e que participou na célebre escola de Matra, juntamente com Machado de Castro sob a direcção do italiano Giusti. Pois o nosso Larra pertence à grande família de escultores espanhóis Churriguera e não é nada conhecido nem entre nós nem na Espanha, embora seja um escultor com várias obras e baixos-relevos na zona de Matra, nomeadamente no convento, conforme pude documentar com 70 diapositivos, projectados ao longo da minha comunicação. Entre os vários argumentos a favor dum Churriguera entre nós, no séc XVIII, conta-se o que colhi na folha de pagamentos. Diz assim: «D. José de Lara Caste-



Ayres de Carvalho quando apresentou a sua comunicação.

lhano pelo seu jornal da escultura, oitocentos reis. Aparece esta conta ao lado da de Machado de Castro, o qual ganhava como se pode ver quantia igual à de Larra. Como nota interessante, digo-lhe que as obras de Larra não estão assi-

nadas, excepto uma, mas essa foi vendida em leilão efectuado no palácio dos Viscondes do Porto, em 1941, e perdi-lhe o rasto. Quem tem esse baixo-relevo? Trata-se duma obra com importância excepcional e que muito gostaria de ver.



nações, até porque o Congresso Internacional se debruçava sobre a Arte na Península...

Acabado de chegar de Granada falámos com Ayres de Carvalho, investigador da arte barroca portuguesa, premiado pela Gulbenkian e por duas vezes com o prémio José Figueiredo, pintor e gravador conservador do Palácio Nacional da Ajuda, e que apresentou em Espanha um estudo sobre o «escultor espanhol D. José Xavier de Lara Churriguera».

portanto o nosso país, as comunicações tiveram de ser feitas em espanhol, italiano, francês, inglês ou alemão. Tivemos ocasião de fazer o reparo juntamente com o director dos museus do Vaticano, o brasileiro Redig de Campos. A situação foi tão anormal que até o prof. Battinau, da França, que presidiu à secção em que apresentei a minha comunicação, se tinha preparado para falar em português e não pôde.

Quem foram os portugueses presentes?

rectora do museu de S. Roque e professora na Escola de Belas Artes de Lisboa, o dr. Mário Martins da Silva, coleccionador de arte, e Hélder Baptista, escultor e professor de Belas Artes. O convite foi-me dirigido pelo Comité do Congresso quando se reuniu em Lisboa no passado ano em sessão preparatória. O dr. José Augusto França é o único português que pertence ao Comité, que neste Congresso foi presidido pelo director do museu do Pra-

QUEM POSSUI UM LARRA?

Baixo-relevo em pedra, emoldurado em bronze. Delicado trabalho representando Nossa Senhora ladeada por dois Anjos... No rebordo inferior encontra-se a seguinte inscrição: Josephus de Larra Cantabrus Sculptor Fatiebat Mafra an. MDCCLIX. Dimensões 0,52x0,35...

Quem possui?

Em entrevista que nos concedeu o investigador de arte Ayres de Carvalho declarámos que se trata da única obra existente em Portugal com assinatura do escultor espanhol do séc. XVIII; Larra Churriguera, o qual pertenceu à escola de Matra.

O último paradeiro, conhecido, da obra foi

um leilão realizado em 1941 no palácio dos Viscondes do Porto. O baixo-relevo foi comprado por um antiquário de nome Ferra, já falecido, por 5 500\$00.

Graças à investigação de Ayres de Carvalho a obra adquiriu um interesse novo. Ayres de Carvalho gostaria de a ver. Quem a possui?



berimbau

APARELHAGEM DE SOM E UTILIDADES DOMÉSTICAS, LDA.

PRAÇA DE ALVALADE, 17-C (JUNTO A ESTATUA DE S. ANTÓNIO) TEL. 718849 - LISBOA

ELECTRODOMÉSTICOS - RÁDIO E TELEVISÃO

GIRA - DISCOS E ALTA FIDELIDADE

MOBILIÁRIO - DECORAÇÃO E ARTIGOS DE MENAGE

NOVIDADES - TUDO PARA O CONFORTO DO LAR

JOSÉ MARQUES PINHEIRO SÓCIO GERENTE

ABRIU UM NOVO ESTABELECIMENTO E AGRADECE A VISITA DE AMIGOS E CLIENTES

Carro funerário embate em cortiça

MONTARGIL — Um carro funerário conduzido por José Lele Branco, empregado no comércio e residente em Lisboa, foi embater numa camioneta de carga que se encontrava estacionada em Porto de Santarém.

Consequência do acidente: ferimentos em Lele Branco e num soldado que seguia na camioneta, a qual, carregada de cortiça, se destinava ao Montijo.

O embate ocorreu de noite.

EXÉQUIAS POR GUSTAVO DA SUÉCIA

Comunica-nos a Embaixada da Suécia que, no dia 25, às 12 horas, decorrerá na igreja

de S. Jorge, à Rua da Estrela, n.º 4, um serviço religioso em memória do rei Gustavo Adolfo.

HOTEL CASTOR
PORTO

AR CLIMATIZADO

TEL. 28691

R. DAS DOZE CASAS, 17

ATRIBUÍDAS DIUTURNIDADES AO PESSOAL DA G.N.R., P.S.P. E GUARDA FISCAL

A exemplo do que foi determinado, o ano passado, para as forças armadas, foi agora decidido pelo Conselho de Ministros que os sargentos e praças da G. N. R. e da Guarda Fiscal e os chefes, subchefes e guardas da P. S. P., na situação de activo, têm direito ao abono mensal de uma diuturnidade por cada cinco anos de serviço efectivo, até ao máximo de quatro.

Cada diuturnidade é de valor correspondente a 15 por cento do vencimento de segundo-sargento ou segundo-subchefe, para os postos de sargento-ajudante a segundo-sargento e categorias de chefe e subchefe; soldado ou guarda, para os postos de cabo e soldado e categoria de guarda. Os primeiros-comissários e segundos-comissários da P. S. P., na situação de activo, têm direito ao abono mensal de uma diuturnidade por cada cinco anos de serviço, até ao máximo de três, de valor equivalente a dez por cento do vencimento de segundo-comissário. A contagem do tempo de serviço para atribuição da primeira diuturnidade é feita a partir da data da passagem a pronto da escola de alistados ou do aumento ao efectivo das corporações, no caso de aquela habilitação ser dispensada. A contagem do tempo de serviço para atribuição da segunda diuturnidade e seguintes é feita a partir do dia em que foi concedida a diuturnidade imediatamente anterior.

O decreto-lei que contém estas disposições, hoje publicado no Diário do Governo, determina ainda que os militares abrangidos, promovidos a alferes e tenente, terão direito ao vencimento correspondente ao posto a que ascenderem; acrescido da quantia necessária para perfazer a importância que antes recebiam, quando superior, e mais o equivalente a uma diuturnidade de valor igual à que vinham recebendo. O vencimento, calculado nos termos anteriores, não pode exceder o limite de 95 por cento do vencimento correspondente ao posto de capitão ou de comissário principal.

São extintas as categorias de «segundo-cabo com mais de cinco anos» e «soldado com mais de cinco anos», previstas no Decreto-Lei n.º 49 478, de 30 de Dezembro de 1969, e as categorias de «guarda de 1.ª classe com mais de cinco anos» e «guarda de 2.ª classe com mais de cinco anos», previstas no Decreto-Lei n.º 49 477, de 30 de Dezembro de 1969. As categorias de «segundo-cabo com menos de cinco anos» e «soldado com menos de cinco anos» passam a designar-se, respectivamente, por segundo-cabo e soldado. As categorias de guardas de 1.ª classe e 2.ª classe com menos de cinco anos passam a designar-se, respectivamente, por guardas de 1.ª classe e guardas. A categoria de guarda de 1.ª classe será extinta à medida que ocorram as vagas no respectivo quadro. Aos oficiais em serviço na G. N. R., na G. F. e na P. S. P., bem como aos comissários e agentes da última corporação, é aplicável o disposto no artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 345/73, de 7 de Julho. Os oficiais subalternos em serviço na P. S. P. mantêm as diuturnidades a que têm direito nos termos do Decreto-Lei n.º 298/72, de 14 de

Agosto.

1. São promovidos à categoria imediata os segundos-subchefes e ao posto imediato os segundos-cabos que completarem quatro e dois anos, respectivamente, de permanência na categoria ou no posto. As promoções processar-se-ão segundo instruções a aprovar pelos respectivos comandantes-gerais. O tempo de permanência na categoria de segundo-subchefe ou no posto de segundo-cabo, para o efeito do n.º 1, é contado a partir da data da antiguidade nessa categoria ou posto.

A data da entrada em vigor do presente diploma são atribuídas a todo o pessoal por ele abrangido uma ou duas diuturnidades, conforme tenham completado cinco ou dez anos, respectivamente, de serviço efectivo.

O CRIME DE MOREIRA DE CONEGOS

Apresentou-se inesperadamente no tribunal de Guimarães o construtor civil, Luis de Sousa, de 35 anos, solteiro, do lugar de Bacele, Moreira de Conegos, concelho de Guimarães, que é acusado de ter morto a tiro de pistola, no passado domingo, o operário José Fernando, de 62 anos, viúvo, e ter ainda ferido José Fernando da Silva Rocha, de 25 anos, da mesma freguesia. Pouco depois de se ter apresentado Luis de Sousa, transitou para a cadeia daquela cidade

Um morto e 12 feridos

DESABOU A PLATEIA DE UM CINEMA

LUANDA, 20 (ANI) — Desabou ontem a plateia do novo cinema «Alfa», que está a ser construído no centro da capital angolana.

Um morto e doze feridos, alguns dos quais em estado grave, é o rescaldo deste acidente, que ocorreu ao princípio da tarde, quando no local trabalhavam cem operários, entre nativos e europeus, que procediam à betonagem de toda a placa central.

A nova casa de espectáculos, que se encontra situada na Rua Pedro Nunes e terá duas salas a funcionar independentemente, uma das quais um estúdio, passa a ser o maior cinema de Luanda.

Quatro dos operários que se encontravam no último piso ficaram presos na estrutura da plateia e tiveram que ser retirados pelos bombeiros, tendo sido utilizados, para cortarem ferros e as madeiras, maçaricos e serras mecânicas.

Morreu José Carmo Primitivo, de 25 anos, natural de Santa Catarina. Estão internados no banco do Hospital de São Paulo, em Luanda, além dos europeus António Rodrigues Aníbal Augusto Gonçalves e José Costa Veiga, os nativos Venâncio Miguel Neto, Afonso João, Santos Dala, Avelino Calei, José Teixeira, José Cassingue, António Paposeco e Domingos Muluze, alguns dos quais em estado grave.

Os prejuízos são muito avultados.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA EDITAL

N.º 110/73

IMPOSTO PARA O SERVIÇO DE INCÊNDIOS SOBRE PRÉDIOS URBANOS DE 1972 E SOBRE ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS OU INDUSTRIAIS DE 1973

Eu, António Jorge da Silva Sebastião, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, faço publico que, nos termos do art.º 6.º e seguintes do Regulamento publicado no Edital n.º 106 de 1964, os lançamentos para o imposto para o serviço de incêndios de 1972 sobre prédios urbanos e do de 1973 sobre estabelecimentos comerciais ou industriais estão patentes de 1 a 8 do próximo mês de Outubro na 3.ª Repartição-Impostos, Licenças e Contencioso Fiscal; o relativo a prédios urbanos, nos Paços do Concelho e o respeitante a estabelecimentos na Secção da Rua Alexandre Herculano, 46, para os contribuintes o examinarem e apresentarem as suas reclamações verbais.

Decorrido o período acima referido, só em reclamação dirigida ao chefe da 3.ª Repartição da Direcção dos Serviços de Finanças ou através de impugnação judicial a liquidação poderá ser apreciada.

A cobrança à boca do cofre efectuar-se-á durante o citado mês de Outubro e com juros de mora nos 60 dias seguintes, findos os quais se procederá ao relaxe do débito.

O imposto sobre prédios urbanos é de meio por mil sobre o valor da matriz predial ou sobre a diferença entre este e o valor do seguro, quando tal diferença seja superior a quinze por cento do valor da matriz.

Quanto a estabelecimentos comerciais ou industriais a taxa é igualmente de meio por mil sobre o valor normal determinado pela multiplicação do factor 10 da colecta da contribuição industrial correspondente ao Concelho de Lisboa, com tolerância de 15 por cento referido no parágrafo anterior entre o valor normal e o valor do seguro.

O pagamento deverá efectuar-se nos Paços do Concelho pelos contribuintes dos 1.º ao 4.º bairros fiscais; na Rua Alexandre Herculano, 46, pelos contribuintes dos 5.º e 6.º bairros fiscais e na Avenida 24 de Julho, 171 para os do 7.º bairro fiscal.

E para geral conhecimento, se publica o presente Edital.

Paços do Concelho de Lisboa,

O Presidente,

António Jorge da Silva Sebastião

TORRES VEDRAS



JOSÉ DA SILVA
ANACLETO

SARGENTO APOSENTADO
G. N. R.

Agradecimento
e missa do 7.º dia

Sua mulher, filhos, noras, genro, netos e mais família vêm por este meio agradecer muito reconhecidamente a todas as pessoas que se dignaram acompanhar o seu ente querido à sua última morada ou que de outra forma manifestaram o seu pesar. Participam também que amanhã, dia 21, pelas 19 h, na Igreja de S. Pedro de Torres Vedras será rezada missa pelo seu eterno descanso, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

O Secretário de Estado da Agricultura desloca-se ao Norte

O prof. Mendes Ferrão, secretário de Estado da Agricultura, parte na sexta-feira para o Norte do País, a fim de, mais uma vez, se inteirar localmente da extensão dos prejuízos causados pelos recentes incêndios florestais.

Na sexta-feira passará o dia com os técnicos florestais e autoridades regionais nas zonas atingidas do Parque Nacional da Peneda - Gerez, e no dia seguinte, na sede da Circunscrição Florestal do Porto, serão apreciados os problemas referentes à protecção contra fogos e outros aspectos da florestação no Norte do País.

Nesta deslocação será acompanhado pelo director-geral dos Serviços Florestais e Aquícolas e presidente do Fundo de Fomento Florestal, além dos técnicos regionais destes dois serviços da Secretaria de Estado da Agricultura.

Grande empresa internacional

PRETENDE ADMITIR

CHEFE DEPARTAMENTO FINANCEIRO

EXIGE-SE:

Profundos conhecimentos de Contabilidade financeira e industrial, bem como de análise de resultados.

Prática de pelo menos 5 anos em Companhia inglesa ou americana, utilizando sistema de relatórios mensais.

Prática de contacto com bancos em especial no tocante a financiamentos, sector para o qual se exige também profundos conhecimentos.

Prática de utilização de computador, bem como de O. M. e Internal Audit.

Técnico de contas inscrito.
Bons conhecimentos de Inglês.

CONCEDE-SE:

Vencimento compatível
Regalias Sociais
Pagamento do Imposto Profissional
Semana de 5 dias
Restaurante Privativo

CARTA COM CURRÍCULUM COMPLETO À REDACÇÃO DESTE
JORNAL AO N.º 913

A. OLIVEIRA
ELECTRODOMÉSTICOS

Av. Almirante Reis, 91 A | Lisboa
Rua Angelina Vidal, 63

DIÁRIO NACIONAL

ORA DIGA-NOS:

COMO EMPREGA OS SEUS TEMPOS LIVRES?

Tempos livres ... quem os tem chama-lhes seus! Mas, apesar de nem todos termos aqueles que desejariamos, a maioria de nós temos, ao menos, um dia por semana, ou algumas horas, destinado a preencher e a compensar o vazio e o cansaço da rotina do trabalho. Digam-se, em abono da verdade, que a semelhança dos empregos a ocupação dos tempos livres nem sempre, senão raras vezes, é satisfatória e resulta muitas vezes da nossa resignação. Duas sombras, pelo menos, entristecem as possíveis ocupações das horas de trégua: Lisboa, como as restantes cidades portuguesas, não dispõe de centros completos e

permanentes de recreio e de distrações; o comércio ligado ao lazer é tão caro como são baixos (e inflacionários) os salários da maioria das pessoas que trabalham. No estado em que as coisas estão, a maioria, contenta-se com «coisas simples», por que a prática de desportos, os passeios, os espetáculos, tornam-se «mais complicados» ...

O sr. Manuel Joaquim, de 31 anos, que já se considera um pouco «velho», é disso um exemplo: «Nas minhas folgas fico normalmente em casa, vejo a televisão, faço companhia à minha esposa, ou cuido da minha filha, se ela por acaso está doente. Mais raramente dou um passeio, coisa que fazia muito quando era jovem. Nessa altura viajava bastante, mas depois a gente casa-se e tem de pensar no equilíbrio do orçamento ...» Os gastos em actividades que não são imediatamente rendosas, pelo me-



Manuel Joaquim: «apesar no equilíbrio do orçamento».

nos na aparência, são um dos aspectos mais referidos pelos entrevistados para quem não há sempre a possibilidade de decisão entre um artigo de necessidade imediata e um bem cultural ou de recreio.

Francisco Alves, com quem falámos enquanto atravessava um parque lisboeta, estuda e trabalha ao mesmo tempo. Para ele: «A ocupação dos dias disponíveis depende da estação do ano. No Verão, procuro a praia, no Inverno, como isso é impossível, a preferência vai para um ou outro espectáculo, não muitos, mas frequentemente o cinema. Claro que nem sempre se pode escolher tudo



Marcolino Arranca: «temos que nos limitar».

aquilo que se gostaria, uma vez que é grande a carestia dos bilhetes. Além disso ainda resta a compensação da leitura, nas horas vagas».

Eu cá não tenho horas livres! Bem ... sempre há os domingos. No Verão vou até à Costa da Caparica, porque gosto muito de



Maria Antónia: «Eu cá não tenho horas livres!».

praia, noutras alturas vou visitar a minha família ou então passear porque gosto muito de Lisboa. Quanto a espectáculos, prefiro a revista ao cinema diz-nos Maria Antónia, empregada doméstica numa casa lisboeta.

O sr. Marcolino Arranca, enquanto espera os turistas que



Francisco Alves: «Resta a compensação da leitura».

transportou até à Estufa Fria, vai-nos dizendo: «Não saio muito, fico em casa a ler o jornal ou vou acompanhar a minha mulher ao emprego, porque temos folgas descontradas folgo à quinta-feira. Uma vez ou outra, damos um passeio pelos arredores, para apanhar ar puro, por Sintra ou até Estoril. Em Lisboa não há diversões baratas e, dia a dia, tudo vai encarecendo e com ordenados baixos temos que nos limitar; por isso passo também uns tempos no café ou na praia que são sítios onde ainda se pode economizar. Ou então vemos televisão».

VINHO VERDE

ADEGA COOP DE BAIÃO

BAIAO

branco
tinto
e
palheteUM VINHO PARA
OS APRECIADORES

LUSTRES

de brilho inextinguível, modelos diferentes, ambiente acolhedor. Fabrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c, Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

DEPÓSITO GERAL
DE ADIDOS
DA FORÇA AÉREACONSELHO
ADMINISTRATIVO

CONCURSO PARA AQUISIÇÃO DE GÉNEROS PARA ALIMENTAÇÃO DO PESSOAL DO DGAFA

Faz-se público que no dia 25 SET. 73 pelas 14 horas no Conselho Administrativo do DGAFA, instalado no Paço do Lumiar, se procederá à arrematação de fornecimento dos géneros a utilizar na confecção da alimentação do pessoal abonado pelo DGAFA durante o período de 1 OUT. a 31 DEZ. 73. As propostas serão entregues no mesmo C.A. até às 11 horas do dia 24 de Setembro, em envelope selado e lacrado e modelo constante do Caderno de Encargos que se encontra patente no referido C.A. todos os dias úteis, excepto aos Sábados, das 9.30 às 17 horas.

Os depósitos, provisório e definitivo, são nas importâncias constantes no mesmo Caderno de Encargos.

Lisboa, 14 de Setembro de 1973.

O PRESIDENTE DO C.A.
Luís Ramos Gonçalves
Ten. Cor. Paraq.

EXCURSÕES CP

CARRUAGENS DE GRANDE CONFORTO (1.ª CLASSE); AUTO-CARROS DE TURISMO; HOTéis e RESTAURANTES SELECIONADOS; ITINERÁRIOS DOS MAIS LINDOS DE PORTUGAL

SETEMBRO — Dias 22 e 23

SERRA DA ESTRELA (TORRE) 710\$00
Alojamento em Hotel de 1.ª classe (Guimarães)

«COMBOIO HISTÓRICO» 830\$00
Viagem «O Vale do Lamego» alojamento em Hotel de 1.ª no Porto; refeições em restaurantes típicos

Dias 22, 23 e 24

ALGARVE — COSTA DE OURO 720\$00
Combosio SOLAVINHO; alojamento em Faro; refeições em Albufeira e Torralta

Dia 23

UM DIA NO VALE DO VOUGA 330\$00
Almoço regional nos Terras de S. Pedro do Sul

Dias 29 e 30

URGEIRICA, LORICA E VOUGA 720\$00
Alojamento em Hotel de 1.ª classe (Opçirica)

Dias 29, 30 e 1/10

ALGARVE — COSTA DE OURO 720\$00

Dia 30

FIGUEIRA DA FOZ E SERRA DA BOA VIAGEM 340\$00
Almoço no Restaurante das Piscinas

OUTUBRO — Dias 5, 6 e 7

MONTE GORDO — AYAMONTE — ALBUFEIRA — LAGOS 950\$00
Alojamento em Faro; refeições em Monte Gordo, Albufeira e Torralta-Alvor

Dias 6/7 e 20/21

«COMBOIO HISTÓRICO» 850\$00

Os preços (tudo incluído) referem-se a partidas de Lisboa. Nos programas completos indicam-se os preços de outras procedências. Redução para grupos de 10 ou mais pessoas e crianças.

INFORMAÇÕES, RESERVAS E PROGRAMAS COMPLETOS:

Estações de Lisboa-Rossio, Santa Apolónia e Terreiro do Paço, Rua do Arsenal, 124; e Centrais do Caminho de Ferro de Lisboa.

ORGANIZAÇÃO — TEL. 36 75 29

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

UTILIZE OS SERVIÇOS
RODOVIÁRIOS DA C. P.

HORÁRIO DA CARREIRA

BARREIRO-ÉVORA

8-30	15-10	P.	Barreiro (est.)	C.	12-10	19-10
8-54	15-34		Moita		11-46	18-46
9-20	16-00		Montijo		11-25	18-25
9-27	16-07		Atalaia		11-13	18-13
10-03	16-43		Pegões Velhos		10-37	17-37
10-10	16-50		Pegões (cruz.)		10-30	17-30
10-32	17-12		Vendas Novas		10-08	17-08
11-08	17-48		Montemor-o-Novo		9-34	16-34
11-55	18-35	A	Évora	P.	8-45	15-45

IX Convenção
dos Elos da
Comunidade
Lusíada

Prosseguem os preparativos para a IX Convenção dos Elos da Comunidade Lusíada que terá a sua abertura solene no dia 1 de Outubro, sob a presidência do Chefe do Estado.

Estarão presentes delegações de Lisboa, Porto, Estarreja, Luanda, Beira, Lourenço Marques, Santos, Rio de Janeiro, S. Paulo, Belo Horizonte, Montes Claros, Curitiba, Pedropolis e Fortaleza. A sessão inaugural terá como oradores oficiais os profs. Clóris Ramalhe e Henrique Martins de Carvalho.

Matador
de toiros
José Pinto

Efectua-se, no próximo sábado, na Tertúlia Festa Brava, um almoço de homenagem ao matador de toiros José Manuel Pinto.

As inscrições podem ser feitas pelo telefone 324252 até sexta-feira à noite.

RADICAL

O oftalmologista fará muito
pelos seus olhos...

...MARGA OCULISTA
fará o resto!

FORNECEDOR
DAS CAIXAS
DE PREVIDÊNCIA.

OCULISTA MARGA | AV. DUQUE DE LOULÉ, 97-1.ª LISBOA | TEL. 55 38 49

Gente dos campos de Silves oferece um dia de trabalho para conseguir melhoramentos



A estrada a que se refere a nossa notícia. Macadamizada até certo ponto (foto em cima), passa a partir daí a caminho de cabras (fotos central e inferior).

Largas dezenas de habitantes dos lugares de Poço Fundo, Montes da Vala e Loubite, da freguesia e concelho de Silves, tendo à frente o nosso leitor sr. António Mendes Borralho, acabam de enviar um abaixo-assinado ao presidente da Câmara local. Os signatários do documento pedem o prosseguimento da construção do ramal de estrada que parte da E. N. 124-1, junto à estação da C. P. de Silves, já construído em macadame até Poço Deão, de forma a que possa beneficiar, na sua passagem, os lugares atrás referidos, indo ligar à estrada municipal que liga Fontes da Matosa (Alcantarilha) a Lagoa.

Por outro lado, os subscritores da petição solicitam que lhes seja estendido o benefício da energia eléctrica. Esta abrangge já a área compreendida entre a estação da C. P. de Silves e o Poço Deão, pelo que o melhoramento se afigura de fácil realização.

Ao justificarem as suas pretensões, os habitantes daqueles lugares sublinham que a sua satisfação «contribuirá bastante para que os trabalhadores rurais continuem radicados ao meio em que vivem, não procurando os grandes centros populacionais por carência de comodidades que hoje são comuns à maioria das populações». E perguntam: «Quantas vezes não se terão abandonado os nossos campos, por não se atender, a tempo, ao isolamento a que foram votados os seus trabalhadores?»

Os signatários terminam a sua exposição com a oferta de um dia de trabalho como contribuição para os melhoramentos solicitados.

**CASA CHAVES
CAMINHA**

Acessórios de Indústria
LISBOA — Tel. 725163
PORTO — Tel. 20876

Pasta Medicinal Couto
Evita e trata doenças da boca **PORQUE É MEDICINAL**

ARTES PLÁSTICAS

Escola Comercial Ferreira Borges

Os Antigos Alunos da Escola Comercial Ferreira Borges vão proceder à inauguração de um salão de artes plásticas, patente ao público de 20 a 31 do próximo mês de Outubro.

Colaboram no certame os escultores Delfim Maia, Stela de Albuquerque, Martin Maqueda e Benjamin Lopes e os pintores Rosa Mendes, Barata Moura, Domingos Saraiva, Maria Vinhal da Costa, etc.

Além de prémios a anunciar oportunamente, serão atribuídos a Paleta de Ouro do Certame, as taças Banco Nacional Ultramarino e Banco Intercontinental Português e o troféu David Lopes.

Goode premiado

Richard Goode, pianista norte-americano de 32 anos, recebeu o Prémio Clara Haskill no Festival de Música de Montreux. Good, que foi discípulo de Rudolf Serkine, obteve o prémio pela execução de um concerto de Mozart.

VINDIMA SEM MÃO-DE-OBRA

Santa Cruz do Douro

Começaram as vindimas nesta região. Prevê-se grande abundância de vinho. Uma dificuldade, no entanto: falta de pessoal para os respectivos trabalhos.

KOL

SOFÁS CAMAS

AVEN. COLUMBANO
BORDALO PINHEIRO,
87-89 — LISBOA

**1 SEMANA
LONDRES**

SÓ abreu

**LHE OFERECE ESTAS
VANTAGENS:**

- 1) PARTIDAS AOS DOMINGOS (TODOS OS DOMINGOS ATÉ OUTUBRO)
- 2) MODERNOS JACTOS «TRIDENT»
- 3) CHEGADAS E PARTIDAS AO AEROPORTO CENTRAL DE LONDRES (HEATHROW)
- 4) MELHORES PREÇOS
- 5) A TRADICIONAL QUALIDADE abreu

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

abreu

FUNDADA EM 1840

LISBOA — Av. Liberdade, 160
Tel. 320021 (15 linhas)
PORTO — Av. dos Aliados, 207
Tel. 37921 (15 linhas)
COIMBRA — Rua da Noite, 2
Tel. 27001/27002

PINTOR NO PÔR DO SOL

Terá perto de quarenta anos e uma história longa — e agitada — para contar. História que ultimamente se entretete de muitos casos de cómico rombolesco. Foi oficial de marinha; «foi» porque abandonou a carreira em sequência de um caso que quis até às consequências últimas.

Aqui, parece, começou tudo. Abandonou a família e abalou para além fronteiras. Semi-reconstruiu um lar que, pelo menos, lhe trouxe abundância de meios materiais. Tudo isto me contaram; conversa de café. E mais — são unânimes os que o conhecem em afirmá-lo — este dinheiro adquirido distribui-o. Às vezes, talvez, com uns toques de exótico, mas, no fundo, com o desejo de ajudar o próximo, que parece considerar — estranhamente, nos tempos que correm — um pouco como irmão. «Tem um bom coração», dizem em síntese — e é muito.

Fez-se pintor. Talvez não se «fizesse» porque, no seu viver, na forma como tentava viver em autenticidade mesmo o que é pequeno, havia já a «diferença» que marca o artista. Era um artista — e começou a pintar.

Volta com fre-

quência ao país onde iniciou a sua aventura de viver.

Vi-o há tempo; duas vezes no mesmo dia. Na primeira, estava envolvido num pequeno acidente de trânsito — coisa de pouca «lata» amachucada. Queria, de forma que desconcertava o «outro», liquidar tudo já ali; pagar e pronto. Era um incidente que entraria para a história, a pequena história dos dias que se vivem, mas de que ele não queria fazer a história — uma história.

Na segunda vez que, nesse dia, o vi, era ao fim da tarde à beira-mar. Lá longe, entre dois penhascos, o Sol era bola de fogo a colorir de um roxo de maravilha o horizonte — quase a mergulhar neste horizonte de mar. Um dia mais ia acabar, num esplendor para os que ainda sabem olhar — olhar um banal pôr de sol neste mundo de técnicas, de máquinas, de outras maravilhas.

O pintor olhava, fascinado. Simplesmente. Despojado de quaisquer exotismos, de quaisquer extravagâncias de viver. Era só um homem maravilhado, um homem de bom coração. Um artista.

**PEDRO MARTINS DA
SILVA**

Serviço de carruagens-camas

**Lisboa
Algarve**

**...e quando acordar
estará no Algarve!**

Lisboa → V. Real de S. António
noites de Sexta-feira para Sábado

V. Real de S. António → Lisboa
noites de Domingo para Segunda-feira

CP Caminhos de Ferro Portugueses

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DA COVINA

Com a presença de grande número de accionistas e sob a presidência do sr. dr. José Bogarim Correia Guedes, ladeado pelos srs. José Manuel Bordallo e Fernando Serzedelo Fernandes, realizou-se ontem nas instalações da Rua Rodrigues Sampaio a anunciada Assembleia Geral Extraordinária da Covina, Companhia Vidreira Nacional, com a seguinte ordem dos trabalhos: a) Actos de desdobramento de acções e outros similares, destinadas a iludir as disposições do parág. 4.º do art.º 183.º do Código Comercial na sua actual redacção; b) Operações em detrimento da Covina, mas em benefício de um Banco, membro do respectivo Conselho de Administração; c) Procedimento de um ou mais membros do dito Conselho incompatíveis com as regras legais, designadamente a do parág. 3.º do art.º 173.º do Código Comercial; d) Contrato para a instalação do «float»; seus antecedentes; últimas soluções em debate; e demonstração dos prejuízos que adviriam para a Covina se aprovadas as pretensões dos defensores do contrato proposto pela empresa Pilkington; — autorizando a propositura das acções e providências previstas nos artigos 17.º e 22.º incl. do Dec. Lei 49 381 de 15-XII-1969.

Presentes, também, pelo conselho fiscal, os drs. Bustorff Silva, sr. Roberto Domingues Pinto e dr. Joaquim Bastos. Do conselho de administração, encontravam-se os srs. Arthur Cupertino de Miranda, sr. João Ildefonso Bordallo, sr. Elmano de Sousa Costa, dr. Fernando José Barosa, D. Olimpia Feteira e sr. Victor Manuel Gallo.

Abertos os trabalhos e depois do dr. Correia Guedes ter lido a ordem do dia, o sr. Lúcio Tomé Feteira pediu esclarecimentos sobre o cumprimento de algumas formalidades relativas à publicação dos anúncios da convocatória da Assembleia Geral extraordinária.

O dr. Correia Guedes, entretanto, chamou a atenção daquele accionista para o facto de ainda não se ter entrado na discussão dos números da convocatória passando então a ler uma carta do dr. Sá Viana Rebelo justificando a sua ausência numa das anteriores assembleias gerais.

O presidente da mesa pôs em seguida à discussão a alínea a) da convocatória tendo o administrador sr. Vitor Gallo pedido então a palavra e chamado a atenção da mesa de assembleia geral para o facto do accionista sr. Aragão Teixeira pretender apresentar uma proposta solicitando o adiamento da assembleia geral

que o dr. Mário Pais de Sousa preconizara, os accionistas manifestaram-se contra a sua aprovação.

OS ACTOS DE DESDOBRAMENTO DAS ACÇÕES E A POSIÇÃO DO SR. TOMÉ FETEIRA

Após esta deliberação, o presidente da mesa pôs à discussão a alínea a) da convocatória tendo, sobre esta matéria, utilizado em primeiro lugar da palavra o sr. Tomé Feteira que apresentou à mesa a seguinte declaração para ser inscrita na acta:

«O sr. presidente do conselho fiscal e um accionista, dr. Cunha Leal, já tiveram oportunidade numa das precedentes assembleias da Covina de levantar o problema do desdobramento das acções da S. Gobain para efeitos da assembleia geral, inicialmente marcada para o dia 26 de Julho p.p. Efectivamente das suas 67 500 acções, a S. Gobain conservou para si para os referidos efeitos metade das mesmas, depositando em nome dos senhores drs. António Maria Pereira e Saragga Leal, respectivamente 33 700 e 50 acções, ou seja a outra metade das 67 500, o que já foi pelo 1.º daqueles senhores e também pela própria S. Gobain confirmado em comunicados por eles publicados nos jornais. Já pelos dois referidos componentes desta assembleia foi posto a claro que desse desdobramento, resultou uma infracção do dispositivo do parág. 3.º do art.º 183 do C. Comercial, que, excepção feita ao Estado, proíbe que qualquer accionista possa representar na assembleia mais de uma décima parte dos votos conferidos por todos os accionistas. Ora, foi precisamente isto que fez a S. Gobain, desdobrando as suas acções para de, entre outras finalidades, poder votar com a totalidade das mesmas, isto é, com 20 por cento do capital social. Sucede, porém, que, para além desta transgressão aos citados imperativos legais, a S. Gobain e os senhores drs. António Maria Pereira e Saragga Leal, efectuaram, entre eles um conluio que cai manifestamente sob a alçada de dispositivos expressos na nossa lei penal, que me dispense de enumerar.

Ao trazer de novo, problema, ao debate da assembleia geral, eu pretendo varrer a minha testada porque, dadas as graves implicações decorrentes, há responsabilidades que pretendo alijar e que se, a respeito delas, não forem adoptadas soluções adequadas, me forçarão a ter de recorrer às Autoridades desde País, o que, penso, o que pensarem não farei com prazer. Fico, pois, aguardando as decisões que desta assembleia geral houver por bem tomar.»

Também o dr. Cunha Leal, usando em seguida da palavra, ainda no âmbito da mencionada alínea a) da convocatória, pôs em evidência a forma como o accionista Tomé Feteira tinha exposto o seu ponto de vista e considerou ilegal o facto de a Saint-Gobain, que possuindo 20 por cento do capital social da Covina, ter procedido ao desdobramento das suas acções de modo a poder utilizá-las na sua totalidade, e para além dos limites estabelecidos na lei.

O dr. Cunha Leal criticou a posição assumida pelo representante da Saint-Gobain e recordou que a própria lei francesa em casos semelhantes era bem severa no modo de reprimir.

O dr. Cunha Leal apresentou, também, uma proposta à mesa solicitando que fosse revogado o mandato da Internacional Saint-Gobain pois «só por pura inadvertência se pode explicar que tenha sido eleito como membro do Conselho de Administração da Covina».

Nesta fase dos trabalhos intervieram, para esclarecer os aspectos jurídicos da questão posta pelo dr. Cunha Leal, os drs. António Maria Pereira, dr. Mário Pais de Sousa, dr. Bustorff Silva, dr. Jaime Afreixo, dr. Pratas e Sousa.

Ao proceder-se à votação da proposta acima referida o dr. Mário Pais de Sousa requereu que o voto fosse nominal tendo sido, o resultado do escrutínio, no sentido de não aprovar a proposta do dr. Cunha Leal.

Seguidamente o dr. Correia Guedes no prosseguimento dos trabalhos pôs à discussão a alínea b) da ordem do dia tendo pedido a palavra o sr. Tomé Feteira que fez uma longa exposição aos accionistas sobre as operações bancárias da Covina com o Banco Português do Atlântico referindo nomeadamente o volume dos depósitos da Covina naquela instituição de crédito em diversos

períodos e também os descontos aí efectuados por aquela empresa. O sr. Tomé Feteira afirmou designadamente «que, sem necessidade, apenas para favorecer o Banco Português do Atlântico, se descontaram valores no total de 78 875 617\$80». O sr. Tomé Feteira formulou ainda outras considerações tendentes a provar que as operações da Covina com o referido Banco não tinham sido vantajosas para aquela empresa.

Também o sr. Roberto Domingues Pinto usou em seguida da palavra para pôr em evidência os seguintes aspectos: felicitou o presidente da mesa da assembleia geral, dr. Correia Guedes, pela forma imparcial como tem dirigido os trabalhos, não obstante todas as dificuldades que têm surgido; criticou o sr. Tomé Feteira pelo timbre acentuadamente de ataque pessoal que punha nas referências das suas intervenções, entendendo que essa não era uma forma construtiva de procurar resolver os problemas pendentes.

A EXPOSIÇÃO DO SR. CUPERTINO DE MIRANDA SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE A COVINA E O BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

A propósito ainda da alínea b) da convocatória, usou em seguida da palavra o sr. Arthur Cupertino de Miranda, que expôs longamente os seus pontos de vista nos seguintes termos:

«Sr. Presidente: «Não é possível defender-me — defender-me e castigar — das diatribes aqui proferidas, dos desmandos da linguagem de uso nestas assembleias, das mentiras, das injúrias, das insidias inimigáveis lançadas nesta nobre sala, sem historiar as minhas relações com Feteira, as nossas relações nas sociedades em que temos estado e um pouco da própria vida dessas sociedades para, ao fim e ao cabo, fazer compreender as razões que estão no fundo das agressões produzidas, das fantasiosas acusações feitas, dos propósitos infernais de toda esta campanha.

Campanha deflagrada com fins de escândalo público para efeitos, entre outros, de satisfazer pretensões nebulosas com processos maquiavélicos.

Só com esse objectivo é que foi pedida esta assembleia, salientando-se o que consta da alínea b).

E esta, principalmente, que me obriga a relancear previamente os meus olhos e a minha memória por um passado que, na sua linha mestra, vem a demonstrar que nada poderia deter um dia, de um modo ou de outro, a explosão que estilhaçaria este edifício se não fora a força indomita de aqueles que apostaram em o manter tão firme e intacto quanto possível.

Esse passado há que o desbobinar, em passagem rápida, embora, para que se compreenda toda a malevolência da trama tremenda que se urde para fins que não se harmonizam com os interesses da nossa sociedade e até, em parte, lhe são estranhos.

O SR. FETEIRA

O sr. Tomé Feteira é uma personalidade cuja análise desorienta e confunde. Eleva-nos a uma alta admiração para nos deixar cair, a

breve trecho, numa grande decepção.

Notável realizador intérprete, inteligente de ideias, programas e objectivos, ele mesmo, por vezes, fonte de iniciativas, capaz de rasgos amplos de generosidade, o sr. Feteira quando dominado pela ambição e pela vaidade que são constantes da sua vida, assaltado pelo desejo frenético de lutar por qualquer coisa do que é bom ou do que é mau, na exaltação do antegozo obscuro de vitórias constantemente sonhadas, ou no horror patológico de derrotas insuportáveis, o sr. Feteira, dizia, é reverso sombrio da medalha onde tem sua simpática efígie.

Nos anos 30 conheci o sr. Feteira. Apresentou-se-me através do meu sócio na casa bancária Cupertino de Miranda e C.ª, sr. João Bordallo. Propunha-me a compra de uma fábrica de vidro situada na Guia (Oeste) pertencente ao sr. José Antunes de Oliveira. A fábrica estava fechada. Seria possível comprá-la por preço considerado óptimo. Disse-lhe que comprasse. Podia contar com o apoio financeiro de Cupertino de Miranda e C.ª.

E assim nasceu a Companhia Industrial de Vidros, Lda.

A GUIA

E, por esta havia de nascer mais tarde a COVINA.

Estabeleceram-se boas relações pessoais.

As actas das reuniões da Guia, por unanimidade ou por aclamação, mencionavam louvores quer aos seus banqueiros, quer à pessoa do principal sócio da Casa Bancária financiadora.

Este sentia-se satisfeito, sobretudo porque no seu espírito ia desaparecendo aquela duplamente dolorosa impressão que lhe tinha sido causada pelo sr. Damaso Luís dos Santos, sogro do sr. Feteira, por quem tinha sido procurado, espontânea e pressurosamente, para me exprimir significativas reservas quanto ao seu próprio genro.

Nesse acto foi o sr. Damaso despedido com o meu espanto de que um sogro fosse capaz de tal atitude.

E chegámos à Covina, em 1936, depois de muitos trabalhos produzidos desde 1935.

Não foram fáceis as relações entre administradores da nova sociedade, desde logo, no início do seu labor.

Feteira foi sempre um dirigente irrequeto e inconstante. Os seus colegas quixavam-se. Eu conservava-me inalteravelmente a seu lado, dado que, depois de um reflectido balanço de fatores, o interesse da Empresa me parecia aconselhar o apoio.

De resto a nossa amizade era então efusiva e firme.

Em 1939 fui ao Brasil. Era natural que depois da experiência Covina, me interessasse pelo que se passava no sector vidreiro da grande Nação irmã. Com surpresa verifiquei que o seu fabrico de vidro plano era ainda produzido pelo sistema manual.

A volta referi o facto a Feteira que se entusiasmou, como eu, com a ideia de irmos para o Brasil, sem perda de tempo, com o «know-how» da Covina e alguns dos seus técnicos.

Assim surgiu a Covibra — Companhia Vidreira do Brasil S.ª, que Feteira ergueu ali com indiscutível sucesso.

Continua na pag. 14

BRILHANTES

De qualquer tamanho e preço, compramos. Pagamos muito bem.
GRANDE OURISSARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

MADEIRA

PONTE DO FERIADO DE OUTUBRO
Partida: 4, às 20.05 horas
Chegada: 7, às 23.40 horas
2.520\$00
Inscrições e reservas

WAGONS-LITS/COOK

Av. da Liberdade, 103
— Telef. 361521-33239
Av. de Roma, 4-C
— Telef. 722639-722654
R. Rodrigo da Fonseca, 86
— Telef. 680632

ADJUDICADA A EMPREITADA DA BARRAGEM DO ALVITO

Pela importância de 134.106.603\$90 foi adjudicada a empreitada de construção da barragem do Alvito, dos órgãos de segurança e de utilização da albufeira e da estrada de acesso à barragem, a executar pelo Ministério das Obras Públicas, através da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos.

A barragem do Alvito integra-se no aproveitamento hidroagrícola da Ribeira de Odivelas, da 2.ª fase do Plano de Rega do Alentejo.

Esse aproveitamento hidroagrícola compreende duas barragens, a do Alvito, que agora irá ser construída, a montante, e a de Odivelas, já construída, a jusante, e as respectivas redes de rega e de enxugo.

Numa primeira fase de exploração antes da execução das in-

fraestruturas de alimentação de água a partir da albufeira de Alqueva, no Guadiana, a albufeira do Alvito servirá de elemento regularizador das afluências próprias, para reforço das disponibilidades da albufeira de Odivelas, permitindo que a jusante a área a regar suba de 3800 ha para 7300 ha.

Em fase ulterior, com o recurso às águas providas do rio Guadiana, a área a regar passará para 12.000 ha, para a qual são dimensionados os canais construídos na 1.ª parte da obra, a partir da barragem de Odivelas.

A barragem do Alvito, com 48,5 metros de altura criará uma albufeira de 133 milhões de metros cúbicos de capacidade.

O Brasil desenvolve a sua política em África

Continuação da p. 10

cessidades da indústria automóvel que cresce na cadência vertiginosa de 15 por cento por ano... O que caracteriza as nações desenvolvidas, acrescenta-se, é que elas comprem e vendem as mesmas coisas. O Brasil pensa já em comprar madeira ao Gabão, embora possua na Amazônia as maiores reservas vegetais do mundo. Tratar-se-ia, para ele, de procurar essências preciosas, ao passo que exportaria os contraplacados. Sendo mais rápida a rota oceânica do que as ligações internas no Brasil, a madeira africana não ficaria, ao fim e ao cabo, menos cara do que a madeira amazônica?

A ASPIRAÇÃO À UNIVERSALIDADE

Evidentemente, nos seus sonhos africanos, o Brasil reser-

va um lugar particular a Angola, à Guiné Portuguesa e a Moçambique.

Hoje os brasileiros descobrem que já não estão sózinhos com os seus primos peninsulares, a falar português. Devido ao fenómeno da imigração, a língua espalha-se pela Europa, sobretudo em França. Na África, ela transborda das «três províncias» para as regiões fronteiriças dos países vizinhos.

Falada outrora na Ásia, no enclave de Goa, ficou a dever a sua extinção aos graves erros acumulados pelo português. Desejar-se-ia, pois aqui que a mesma desventura não se repita na África. Os brasileiros são numerosos, acrescenta-se; estão prontos a «enxamear» e a oferecer o modelo daquilo a que se chama «uma futura grande civilização contemporânea».

JUDEUS AMERICANOS VISITAM OS AÇORES

PONTA DELGADA — (L.) — Fez escala neste porto o paquete panamiano «Mardi Gras», de 27 284 toneladas brutas, que procedia de Miami e se destina a Nápoles.

Dado que o navio transportava uma excursão de judeus americanos, que vão de visita a Israel, as autoridades portuguesas determinaram medidas especiais de segurança, tal como sucedera com o transatlântico «Queen Elizabeth», quando escalou Lisboa com uma grande

excursão de judeus que iam ao seu país comemorar o 25.º aniversário.

Tais medidas foram postas em prática pela Capitania do Porto de Ponta Delgada, nelas tendo colaborado a Junta Autónoma dos Portos.

Durante a sua estadia de dois dias, desembarcaram muitos dos seus 430 tripulantes, tendo os passageiros feito as programadas excursões aos pontos de interesse turístico, de que colheram as melhores impressões.

De quem tem medo a China?

PEQUIM, — (Pelo correspondente da DPA, Hans-Joachim Bargman) — O exército chinês procede actualmente ao reforço do seu dispositivo de defesa.

De acordo com as informações e os comentários da Rádio de Pequim, e de várias estações regionais, estes preparativos concentram-se sobretudo nas regiões fronteiriças do Norte e na zona de defesa ao longo da Mongólia.

As informações que provêm do interior do país deixam supor também que os dirigentes chineses não excluem de todo a possibilidade, a longo prazo, duma «guerra relâmpago soviética».

As unidades militares estacionadas na região de Xangai teriam intensificado as suas manobras nocturnas, em particular os exercícios de tiro.

Outro artigo dos meios noticiosos maoístas chama a atenção para o facto das tropas chinesas estacionadas no sector noroeste de Sinkiang — esta região foi o teatro de incidentes fronteiriços sangrentos em 1969 — estarem prestes a fazer face a novos incidentes.

Neste conteúdo, os observadores, em Pequim, chamam por seu lado a atenção para o relatório político, sobre a situação presente, divulgado no Décimo Congresso do Partido, relatório no qual o chefe do Governo se referiu a um ata-

que surpresa possível por parte dos «socialistas imperialistas» soviéticos e da intenção, alimentada pela Rússia, de «degradar a China ao nível de uma colónia soviética».

Por ocasião do banquete oferecido em honra do chefe do Estado francês, Chu En-Lai declarou, com efeito, que o «perigo de eclosão de uma guerra» não foi afastado ainda, e que o país está resolvido desta vez a tomar as disposições para lhe fazer face.

A China — acrescentou o Primeiro Ministro — não cederá nunca a uma ameaça de recurso à força.

Os observadores políticos, que se referem a informações fornecidas recentemente por círculos estrangeiros independentes, calculam que se não trata de uma guerra de propagação pura e simples da parte de Pequim, mas que os chineses tomam muito a sério os preparativos de defesa.

Parece que os sábios chineses estão prevenidos com o aperfeiçoamento de um míssil atómico com raio de acção de 5.000 quilómetros, capaz portanto de atacar Moscovo. Poderia tratar-se de um míssil de médio alcance, com vários andares, cuja entrada em serviço não deveria tardar.

Por outro lado, Pequim trabalharia actualmente no desenvolvimento de um míssil intercontinental.

Abandono das perseguições na Grécia

O quotidiano grego «Vradyni» anunciou na segunda-feira 10 de Setembro, que catorze personalidades gregas da oposição haviam sido reabilitadas, em 22 de Junho último, por um tribunal militar, das acusações que pesava sobre elas. Assim, tendo sido desculpadas, poderiam regressar à Grécia, na condição, todavia, de não terem sido desprovidas da nacionalidade grega.

Entre estas catorze personalidades figuram os antigos ministros Constantino Mitsotakis e Jorge Mylonas, assim como os antigos directores de jornais de Atenas, senhora Helena Vlachos e Panos Kokkas. Mitsotakis e Kokkas residem em País. A senhora Vlachos, que vive em Londres, foi privada da nacionalidade grega há dois anos.

Por outro lado, segundo a A.F.P., que se refere às decisões do mesmo tribunal, com data de 21 de Ju-

nho, o compositor Mikis Theodorakis poderia, também, reentrar na Grécia. Não era, com efeito, objecto de nenhuma perseguição judiciária e, por outro lado, não perdera a nacionalidade.

Atenas — Aguardando a formação, no princípio do próximo mês, de um governo que poderia ser presidido por Spyro Markezinis, a imprensa ateniense entregase ao habitual jogo das adivinhas.

No que se refere a composição do futuro governo, os jornais afirmam que ele não comportará, para além do pequeno grupo de Markezinis, nenhum representante da antiga classe política. Não haveria, portanto, hipótese de ver Stefanopoulos tornar-se vice-presidente do conselho.

Em contrapartida, apelar-se-ia para numerosos tecnocratas e personalidades não políticas, e nenhum dos militares hoje no gover-

no, e que formam o último quadrado do «21 de Abril», veria ser-lhe confiada qualquer responsabilidade ministerial.

Quanto às análises dos jornais gregos, elas apresentam, pelo menos, um ponto comum: a constatação de que, tanto os partidários do presidente Papadopoulos como os seus intransigentes adversários, se encontram perante um dilema. Com efeito, os primeiros devem escolher entre um autêntico processo de democratização e um combate de retaguarda. No primeiro caso, devem aceitar eleições livres e regulares, não excluindo nenhum partido antigo ou novo, com excepção da extrema esquerda.

No caso contrário, em que os antigos partidos e quadros políticos seriam eliminados, o regime veria as eleições formalmente contestadas na Grécia e no estrangeiro, e o Parlamento pareceria feito um pouco

demasiadamente «sob medida».

O dilema põe-se igualmente para os adversários do presidente Papadopoulos. Ao aceitar participar nas eleições, legitimam uma segunda vez após o referendo de 29 de Julho último, um regime e um chefe de Estado que não cessam de denunciar. Abstenendo-se, correm o risco de cometer um erro político e de retardar uma possível normalização da vida política.

De momento, os meios de oposição continuam, também, reservados e cépticos. Pesam os prós e os contras, e fazem o ponto da situação. Calculam que as condições que permitam eleições normais ainda não estão preenchidas e pedem novas garantias. O presidente Papadopoulos conceder-lhas-á? Depois do regresso de Markezinis, actualmente no estrangeiro, é provável que o problema se venha a pôr em termos menos confusos.

Argentina: a CGT e a campanha eleitoral de Perón

BUENOS AIRES — Eram nove a disputar a 11 de Março a investidura presidencial: serão apenas quatro a fazê-lo no próximo dia 23. O general Juan Perón, com efeito, a favor de quem Hector Campora, eleito em Março na primeira volta do escrutínio, com 49,6 por cento dos sufrágios, demitiu-se das suas funções, inquietou os seus adversários.

Apenas, até agora, Ricardo Balbín, Francisco Manrique e Juan Carlos Coral apresentaram candidaturas. São, é verdade, à excepção do último, candidatos das formações e alianças partidárias mais sólidas.

Balbín Manrique teria sem dúvida preferido que o general Perón acedesse à presidência sem a necessidade de o afrontar novamente, porque o resultado do próximo escrutínio aparentemente está já decidido. Mas Balbín tem de lutar, afirma, que mais não seja por respeito para com os militantes e eleitores radicais, que se preocupam em manter a respectiva individualidade partidária. Quanto a Manrique, deseja apenas reunir o mesmo número de votos que obteve em Março passado. Para um como para outro, trata-se de conservar as posições adquiridas, mais do que conquistar novas.

Acertaram o desafio do general com tanto menos entusiasmo quanto é certo não dispõem sequer de meios financeiros para lançar campanhas contra ele. Os partidos não liquidaram ainda as dívidas contraídas por ocasião das eleições de Março. Quanto à esquerda, essa afastou-se para os bastidores. Encontra-se dividida quanto à atitude a adoptar

a respeito do «caudillo», e espera uma ocasião mais propícia à consecução da unidade.

A Aliança Popular Revolucionária, que tinha obtido 7,5 por cento dos votos em Março, fraccionou-se. Desde o mês de Julho passado, Oscar Allen, radical dissidente, e antigo candidato à presidência, fez saber que se não candidataria. «O povo», declarou, pronunciou-se já a 11 de Março a favor de Perón que assim deveria ser o único candidato às próximas eleições». O partido revolucionário cristão renunciou igualmente a apresentar qualquer candidato «para não entrar o acesso de Perón ao Poder».

O PARTIDO COMUNISTA APOIA O LÍDER JUSTICIALISTA

O Partido Comunista, que caba de realizar o seu primeiro congresso legal desde 1946, decidiu pelo seu lado apoiar resolutamente a candidatura de Perón, criticando embora «as falhas, os erros e as hesitações do Governo», bem como a escolha de Isabel Perón para a vice-presidência. Os comunistas observam que «a participação das massas operárias e populares no processo iniciado a 25 de Maio cria uma nova situação». «A nossa decisão», dizem eles, tende a facilitar a realização dos objectivos de Campora».

Na verdade, os comunistas que não tinham julgado conveniente apoiar este último no primeiro escrutínio não parecem ter hoje melhores razões para votar pelo general Perón. Bem organizados, mas numericamente fracos, não podem

pretender desempenhar um papel activo e a sua atitude nestes últimos meses ilustra os embaraços da esquerda argentina.

A decisão do P. C. explica-se pela sua análise da situação na América do Sul onde, segundo eles, «os yankees» passaram ao contra-ataque para travarem as lutas populares». Sem todavia emitirem um juízo sobre a política externa de Perón — este, como se sabe, arruma a U. R. S. S. e os Estados Unidos no «mesmo campo imperialista» — os comunistas argentinos apoiaram as suas realizações, tais como a reabertura de relações diplomáticas com Cuba, com a Coreia e o Vietname do Norte; a abertura de créditos comerciais a favor de Havana; negociações de acordos de cooperação económica com Cuba e os países de Leste; participação da Argentina na conferência dos países não-alinhados, etc. Esta política já teria dado os seus frutos, afirmam os comunistas.

Mas o general Perón já

censurou os dirigentes operários que viessem a «compor» com os marxistas e assinalou-lhes que a hora de reconciliação entre os peronistas chegara. Os «ortodoxos» aproveitaram para ajustarem as suas contas com os sindicatos autónomos e nomeadamente com o da construção automóvel, presa das pressões da todo poderosa União Operária Metalúrgica. Reatribuindo um papel de primeiro plano à CGT e ao seu secretário José Rucci, o general esforçou-se por subtrair os sindicatos às influências «estranhas», evitando um desliz para a esquerda socialista da maioria dos operários justicialistas. Os dirigentes da CGT receberam assim responsabilidades acrescidas: enquanto se encontravam praticamente excluídos da organização da campanha eleitoral de Campora, são agora os encarregados de lançar a do general e a da sua esposa.

PHILIPPE SABREVEUX



CONFIE NA

Guia da GUÍ

COMO O FAZ, HÁ QUASE 100 ANOS, UMA CLIENTELA CADA VEZ MAIS NUMEROSA

RUA D. DUARTE, 4 - B
(Edifício do Hotel Mundial)

SUÉCIA:

OS SOCIAIS DEMOCRATAS DECIDIDOS A GOVERNAR

ESTOCOLMO, 20 (R.) — Os sociais-democratas suecos, que têm vindo a governar o país há mais de 41 anos, mostram-se determinados a continuarem no poder por tanto tempo quanto possível, apesar do provável empate de representantes parlamentares entre eles e a oposição resultante das eleições gerais de domingo.

Enquanto se estava ainda em processo de contagem os votos das eleições — os resultados finais exactos deverão, aliás, ser hoje conhecidos — entidades ligadas directamente ao escrutínio dizem que o empate de 75 lugares para os sociais-democratas aliados aos comunistas e de 75 lugares para o bloco da oposição é virtualmente certo.

Declarações feitas por vários dirigentes do partido indicam que os sociais-democratas começam a estudar táticas destinadas a fazer afastar a tempestade e a serenar os ânimos, esperando que o actual impasse político possa vir a ser resolvido, desta ou daquela maneira, durante a sessão de Outono do Parlamento.

O líder da oposição parece estar a esperar até que se conheçam os resultados definitivos para depois entrar na acção que tenha por mais conveniente.

No entanto, peritos políticos vaticinam que, se o empate for confirmado, a oposição exigirá a resignação do actual Governo quando expirar o termo do seu mandato no fim do ano.

O mais prestigioso dos jornais suecos, o independente «Dagens Nyheter», lançou o peso do seu prestígio a favorecer a exigência dos opositoristas para uma resignação governamental, através um artigo de fundo.

O artigo dizia que o primeiro-ministro Olof Palme praticaria um tremendo erro, se pretender tirar partido das actuais incertezas na Suécia, a respeito de uma modificação de Governo para continuar no poder, quando não possui já um claro mandato do povo do país. A editorial acrescenta que até mesmo o empate significa que esse mandato foi retirado aos sociais-democratas pelo povo, a partir do facto dos sociais-democratas terem tido importantes e significativas perdas de lugares, apenas se aguentando mercê da contribuição do Partido Comunista.

Os sociais-democratas perderam sete lugares no escrutínio de domingo e o apoio que possuem do eleitorado sueco baixou agora dos 50 por cento de 1968 para 33,7 por cento.

Olof Palme espera poder permanecer no poder com a ajuda dos comunistas, cujos 19 lugares conseguidos fornecem precisamente o empate com os partidos coligados do Centro, Conservador e Liberal.

Até agora, Olof Palme tem rejeitado sempre firmemente quaisquer sugestões de deixar o Governo e concordar com novas eleições para a próxima Primavera.

Como a oposição aparentemente ainda indecisa a respeito das possibilidades de um derrube do bloco socialista sem ter também uma maioria clara a apoiá-la, observadores políticos pensam que a maior experiência política de Olof Palme poderá vir a contribuir para que o bloco no poder acabe por ganhar a batalha psicológica.

Se a oposição falhar agora em fazer o máximo de pressão para uma resignação do Governo no termo do seu mandato, esclarecendo totalmente a situação, durante a sessão de Outono do Parlamento, com os ânimos já serenados, Olof Palme tentará certamente elaborar uma base qualquer para uma coligação governamental na qual o seu partido continuará a ocupar a posição dominante.

A PALAVRA SERÁ DOS LIBERAIS?

A maior parte das especulações que se tecem dizem respeito ao Partido Liberal que parece o mais premeável ao Partido Social-Democrata. O Partido Liberal foi dos grandes derrotados das eleições e poderá não resistir à tentação de participar com mais eficácia num Governo de coligação com os sociais-democratas.

Todavia, tanto antes das eleições como agora, o líder do Partido Liberal, Gunnar Hehlén, tem afastado firmemente essa hipótese.



"PELA SUÉCIA-COMO TEMPO"

-DIVISA DE CARLOS GUSTAVO

ESTOCOLMO, 20 (F. P.) — Carlos Gustavo passa a usar o título de «rei da Suécia» abandonando o de «rei da Suécia dos Goths e dos Vendos», designação oficial dos seus antecessores.

Em cerimónia solene no palácio real de Estocolmo, o novo soberano, depois de o primeiro-ministro ter procedido à leitura da certidão de óbito do rei Gustavo VI Adolfo, indicou que usaria o nome de «Carlos XVI Gustavo», revelando ao mesmo tempo a divisa que escolhera:

«Pela Suécia — com o Tempo».

Seguidamente o novo soberano pronunciou e assinou o juramento na forma prevista pela Constituição de 1810.

A cerimónia documentada na imagem acima, decorreu na sala do Conselho de Ministros do palácio real, onde os membros do Governo se reuniram. O rei apresentou-se com o uniforme de almirante da esquadra sueca na sua qualidade de chefe supremo das Forças Armadas. Esta dignidade ser-lhe-á porém, retirada, com a maior parte dos poderes políticos que ainda lhe restam, quando tiver sido aprovada no próximo ano em segunda leitura a reforma constitucional.

Acompanhado dos membros do Governo, o novo soberano encaminhou-se seguidamente para o salão nobre do palácio real, onde já o aguardavam os dignitários da corte e os representantes do Parlamento, dos corpos constituídos, da Igreja e do Exército.

SATISFAZER AS EXIGÊNCIAS

Dirigindo-se pela primeira vez ao povo sueco, depois de evocar a memória de seu avô, declarou nomeadamente: «Através da minha divisa, «Pela Suécia — com o Tempo», desejo mostrar como me esforçarei por satisfazer as exigências que se deparam a um monarca da nossa época. Meu bem amado e tão admirado avô tornou-se o símbolo da monarquia moderna. Estou firmemente decidido a seguir o seu exemplo.»

O presidente do Parlamento, Henry Allard, falou seguidamente em nome do povo sueco. «Sucedera a um rei que soube perfeitamente viver segundo a sua divisa, «O Dever Antes de Tudo», deve constituir certamente uma tarefa particularmente difícil. O Parlamento assegura a vossa majestade o seu respeito e a sua deferência», concluiu o presidente da Assembleia.

INTEGRAR OU NÃO INTEGRAR O ULSTER NO REINO UNIDO - EIS A QUESTÃO

LONDRES, 20 (R.) — O primeiro-ministro Edward Heath disse inequivocamente que não é a favor da integração da Irlanda do Norte no Reino Unido.

O autêntico furor que se levantou a noite passada, depois de Edward Heath ter dito, numa entrevista, que a integração talvez se viesse a tornar necessária, parecia ter diminuído um pouco, embora as reacções fossem ainda intensas.

Mas essa noite o primeiro-ministro anunciou: «Nunca procurei nem estou a procurar agora adotar a integração da Irlanda do Norte no Reino Unido. De facto, penso que não seria essa a solução ideal para os problemas que têm perturbado a Irlanda do Norte».

A controversa estabeleceu-se depois de um entrevistador da televisão ter perguntado ao primeiro-ministro inglês o que poderia acontecer se os políticos

da Irlanda do Norte falhassem na formação de um executivo provincial até Março próximo, quando expirará o mandato para uma tal instituição executiva.

Edward Heath respondeu ao entrevistador: «Julgo que o povo não poderá manter-se na continuidade dessa incerteza e que, no caso de uma falha, seria muito melhor que tudo se arranjassem por meio de uma integração da Irlanda do Norte no Reino Unido».

Os dois principais partidos políticos da Inglaterra mostraram-se divididos sobre a sugestão do primeiro-ministro.

O Partido Trabalhista, da oposição, deu claramente a entender que abandonaria a sua atitude bi-partidária em relação a Irlanda do Norte se o Governo conservador pusesse em prática a ideia da integração.

Ao sugerir aquela solução para o problema irlandês, Edward

Heath chocou os políticos de Dublin, de Belfast e de Londres.

Falando ligada a coroa britânica, a Irlanda do Norte nunca esteve plenamente integrada na Grã-Bretanha e tem, em larga medida, beneficiado da liberdade de gerir os seus próprios assuntos.

O novo projecto constitucional, elaborado pela Inglaterra, com a finalidade de pôr termo ao derramamento de sangue, prevê a conservação dos elos entre Londres e Belfast, concedendo, porém, à Irlanda do Norte, o direito de se autogovernar por intermédio de uma assembleia política. O plano estipulava, simultaneamente, o estabelecimento de laços não definidos entre o Norte e a República da Irlanda.

MANOBRAS DE HEATH?

A perspectiva da integração foi lançada pelo primeiro-ministro como último recurso no caso de as facções religiosas e políticas rivais da Irlanda do Norte não conseguissem estabelecer uma administração própria até Março.

Os políticos mais influentes de ambos os lados da fronteira sectária na Irlanda do Norte rebelaram-se prontamente contra a ideia. Entre eles, Brian Faulkner, protestante relativamente moderado que foi o primeiro-ministro da Irlanda do Norte, Gerry Fitt, dirigente do Par-

tido Social-Democrático e Trabalhista, cuja maioria é católica.

A ala provisória militante do Exército Republicano Irlandês (IRA) ameaçou imediatamente levar «a ruína, a devastação e a dor» às vilas e aldeias britânicas, se a integração se transformasse em realidade.

Em Dublin, os porta-vozes do Governo da República irlandesa recusaram-se a manifestar-se oficialmente, alegando que precisavam de esclarecimentos mais pormenorizados. Contudo, fontes fidedignas declararam que nos meios oficiais irlandeses se crê que Heath estava apenas a especular e não a definir uma política.

Os mesmos informadores notam que não houve qualquer alusão a uma integração possível durante as conversações travadas entre Heath e o primeiro-ministro da Irlanda do Sul, Liam Cosgrave.

Seja como for, fundamentalmente, nenhum partido irlandês pode tolerar a integração. O partido opositorista, Fianna Fail, considera que a reunificação pacífica do Norte e do Sul deve constituir o objectivo básico de qualquer solução para o problema irlandês.

Heath repetiu, por duas vezes, a sua sugestão, a primeira numa entrevista pela rádio e, a segunda, num discurso.

Contudo, em alguns círculos políticos londrinos pensa-se que o primeiro-ministro está muito longe de perfilar essa ideia.

C.E.E. - COMECON: DIÁLOGO À VISTA

LUXEMBURGO, 20 (R.) — A pedido do Comecon, para que se firme certa forma de cooperação com a Comunidade Económica Europeia, o Mercado Comum anunciou que provavelmente entabulará muito em breve conversações de tipo exploratório com o bloco comercial do Leste europeu.

Falando em nome do Conselho de Ministros da C.E.E., o ministro dinamarquês Ivar Norgaard, disse ao Parlamento europeu que as «conversações a respeito de conversações» definirão o quadro no âmbito de cuja moldura as duas partes poderão reunir-se em conferência para debaterem assuntos comerciais e económicos.

As propostas do Comecon, que foram feitas a Norgaard em Julho, pouco depois da Dinamarca ter assumido a Presidência do Conselho de Ministros da C.E.E., será tópicos de discussões entre os ministros dos Estrangeiros da Comunidade, reunidos em Bruxelas.

Norgaard disse que um dos problemas que podem atrasar as

conversações será a formação das posições entre as duas partes participantes, porque, se a comissão da C.E.E. pode representar a Comunidade nas negociações, o Comecon não tem uma instituição desse nível, e terá que estar presentes administradores de cada um dos países do Comecon.

A questão das relações C.E.E. - Comecon foi ventilada durante a chamada «hora das perguntas», na qual os parlamentares — delegados das legislaturas nacionais dos nove países-membros — podem perguntar ao Conselho e à comissão económica quais os planos respectivos e acções das duas instituições do Mercado Comum.

Foi feita outra pergunta a respeito das relações entre a Comunidade e a China, mas Norgaard respondeu que o assunto está fora da competência do Conselho «devido aos chineses não terem ainda decidido quais as acções a levarem a efeito para entrarem em relações com a Comunidade Económica Europeia».

NÃO FUMAR NAS AULAS

BERLIM, 20 (ANI) — A universidade técnica de Berlim Ocidental anunciou a reentrada em vigor da proibição de fumar em todas as salas de aula da universidade.

A proibição tinha sido banida em 1972. Mas o comunicado da universidade, que anuncia de novo a proibição, afirma que ficou cientificamente provado que os não fumadores são prejudicados ao respirarem o fumo exalado pelos fumadores.

"BATALHA DOS SEXOS" NO TÊNIS HOJE À NOITE EM HOUSTON

HOUSTON, 20 (R) — O machist e chauvinista Bobby Riggs, um astro do tênis de outra geração, defronta hoje, à noite, nesta cidade do Texas a arqui-feminista Billie Jean King, considerada uma das maiores tenistas do mundo, numa «batalha dos sexos» em que o vencedor arrebatará um prémio de 100 000 dólares (cerca de 2 500 contos).

Se o desafio para o melhor em cinco jogos será o maior encontro de tênis de sempre, como a publicidade maciça que tem rodeado o acontecimento afirma, é uma coisa que ficará decidida num campo sintético improvisado no astrodromo de Houston.

Correctores de apostas apontam como favorito Riggs, que tem 55 anos e ganhou os títulos de campeão de tênis em Wimble-

don e nos Estados Unidos seis anos antes da senhora King, de 29, ter nascido. As apostas são feitas numa média entre 5 a 2 e 8 a 5 a seu favor.

Riggs conseguiu uma vitória fácil sobre a australiana Margaret Court num jogo disputado em 13 de Maio em Ramona, na Califórnia.

Espera-se que uma multidão de cerca de 30 000 pessoas, que pagaram entre 6 a 100 dólares (aproximadamente entre 150 e 2 500 escudos), encha o astrodromo. Aguarda-se também que mais de 40 milhões de pessoas vejam o jogo pela televisão nos Estados Unidos e em 40 outros países.

O confronto entre a feminista e o machista arrebata o público americano amante dos desportos do que qualquer outro acontecimento desde o combate para o título mundial dos pesa-

dos entre Muhammad Ali e Joe Frazier, que se travou há dois anos e meio.

As personalidades dos dois adversários conseguiram, com êxito, que o encontro se transformasse numa clássica «batalha dos sexos».

Riggs, um tenista ágil e temível, que afirma que o tênis das mulheres cheira mal, proclama estar disposto a provar que até mesmo um homem de meia idade, com «um pé para a cova», pode vencer a melhor jogadora de tênis do mundo.

A senhora King, uma defensora acérrima da libertação da mulher, desencadeou a revolta que conduziu à formação do circuito de tênis de jogadoras profissionais de Virginia Slims e a uma distribuição equitativa do dinheiro dos prémios no torneio de Forest Hills.

Possível demissão de Agnew: tema das conversas na capital americana

WASHINGTON, 20 (R) — A especulação acerca do futuro do vice-presidente Spiro Agnew continua hoje a ser o tema principal das conversas nesta capital, com os observadores tentando apurar qual o republicano destacado que difundiu a informação de que ele se demitirá em breve.

Vic Gold, o antigo secretário para a Imprensa de Agnew, pensa que o próprio presidente Nixon poderá estar por detrás dessa campanha, embora a Casa Branca o desminta.

Algumas pessoas conjecturavam que a fonte da informação foi o senador Barry Goldwater, do Arizona, o candidato republicano derrotado na eleição presidencial de 1964.

Goldwater nega-o, embora afirmasse ontem a jornalistas julgar que Agnew se demitiria se fosse pronunciado por acusações de que aceitou pagamentos em troca de contratos para empreitadas quando era, há cinco anos, governador do Maryland.

Certos amigos de Agnew pensam que a origem dos boatos poderia ser o antigo secretário da Defesa, Melvin Laird, actualmente conselheiro do presidente Nixon sobre questões internas. Contudo, Laird nega-o também.

Outro nome que tem sido mencionado é o dr Alexander Haig, chefe do pessoal da Casa Branca e antigo conselheiro-adjunto de política externa sob a orientação do secretário de Estado designado Henry Kissinger. Haig não pode, porém, ser na verdade considerado um «republicano destacado», a fonte aludida pelo «Washington Post» que publicou a notícia na terça-feira passada acerca da possível demissão de Agnew.

A notícia apareceu pouco depois do procurador-geral Elliot Richardson decidir autorizar que procuradores federais apresentassem provas contra Agnew perante um grande júri em Baltimore, no Maryland.

A decisão não significa necessariamente que se peça a

incriminação de Agnew.

Marsh Thompson, secretário para a Imprensa, de Agnew, insiste em que o vice-presidente lutará para repelir as acusações contra ele e que não se demitirá.

O defensor de Agnew que mais dá nas vistas é, todavia, Gold, que declarou a jornalistas que a Casa Branca «se prepara para servir o vice-presidente como São João Baptista, mas que o vice-presidente não quer ser servido».

O senador Goldwater asseverou ontem, em Nova Iorque que não pensava que a Casa Branca estivesse por detrás da campanha para obrigar Agnew a demitir-se, mas acrescentou: «Se quisesse descrever um cenário sobre como conseguir que um homem se afaste da vida pública, penso que o actual seria excelente».

O informador presidencial para a Imprensa, Gerald Warren, desmentiu ontem notícias de que a Casa Branca estivesse por detrás da campanha para acabar com Agnew.

Warren disse que o presidente Nixon continua a depositar toda a confiança em Agnew.

Pairando, porém, sobre todas as expressões de confiança encontra-se a recordação do «voto de confiança de 1.000 por cento» no senador Thomas Eagleton, o candidato à vice-presidência do senador George McGovern, pouco antes dele ser retirado no ano passado da lista eleitoral democrática.

Ameaçadas iniciativas mundiais para reestruturar o comércio

WASHINGTON, 20 (EFE-ANI) — A intransigência de certos sectores norte-americanos, especialmente fortes no Congresso, quanto a um restabelecimento das relações normais com a União Soviética

ameaçam agora, mais do que nunca, as iniciativas mundiais para reestruturar o comércio internacional.

Uma potente corrente de opinião contrária à concessão das reduções tarifárias à União So-

viética, provocada principalmente pela política de Moscovo em impedir a livre emigração dos judeus soviéticos e pelo silêncio imposto aos intelectuais, tem-se levantado com força no Congresso, ameaçando retardar, indefinidamente, os trabalhos legislativos sobre o projecto de lei comercial.

SINAL DE ALERTA

O sinal de alerta foi dado há dias na comissão de procedimentos (comissão Mills) da Câmara de Representantes, que fora encarregada de estudar, em primeiro lugar, as propostas do presidente Nixon para reduzir as barreiras tarifárias e não tarifárias no comércio mundial.

O facto de o presidente Nixon haver incluído no mesmo projecto de lei original a concessão do título de «nação mais favorecida» no comércio à União Soviética está a pôr em perigo as outras provisões comerciais com a Europa e América Latina, tão importantes face à chamada «ronda Nixon» de negociações multilaterais sobre comércio.

Em círculos do Congresso,

muito próximos da comissão Mills, assim chamada pelo seu presidente ser o democrata do Arkansas Willbur Mills, revelaram que o grupo se encontra «muito dividido» sobre as propostas administrativas para conceder à União Soviética uma posição especial nos intercâmbios comerciais.

A comissão, que tem atrasado a aprovação do projecto de lei, desde há quase um mês, voltou ontem a adiar a votação até ao fim da próxima semana, aparentemente à espera de uma declaração do secretário de Estado designado Henry Kissinger sobre o tema.

Propostas para melhorar as relações europeias

GENEVA, 20 (R) — Os delegados de 35 Estados que participam na Conferência de Segurança Europeia começam hoje a discutir propostas sobre medidas tendentes a melhorar as relações e reforçar a confiança entre os dois blocos europeus.

A conferência entrou na sua segunda fase na passada terça-feira, depois de uma primeira fase em Helsinquia.

As medidas tendentes a aumentar a confiança entre os dois blocos e que hoje começam a ser discutidas incluem as seguintes:

— Notificação prévia antes de qualquer país iniciar manobras militares de vulto.

— Troca de observadores entre o Pacto de Varsóvia e a NATO para assistirem em condições a combinar às manobras militares realizadas por cada um dos grupos.

Outra subcomissão inicia hoje os seus trabalhos sobre um outro ponto da agenda da conferência: o aumento do intercâmbio de informações entre os dois blocos europeus e da cooperação comercial.

Dentro do ponto sobre troca de informações os delegados vão estudar a possibilidade de acordos sobre intercâmbio de material filmado e gravado bem como sobre a melhoria das condições de trabalho dos jornalistas em países estrangeiros.

LEONID BREJNEV NA BULGÁRIA



Em visita à Bulgária, o secretário-geral do Partido Comunista, Leonid Brejnev, pronunciou numa reunião em Sofia um discurso sobre as diligências da URSS para o desanuviamento, que foi transmitido em directo por Rádio Moscovo (Telefoto UPI-T. Imprensa-DL)

CALEIDOSCÓPIO

ENCONTRO BREJNEV-SADAT? — Estaria a decorrer presentemente um encontro entre o presidente Anwar Sadat e Leonid Brejnev — afirma esta manhã o jornal libanês «Al Hayat» (Direita). O jornal, que não indica onde se realizaria a reunião, informa que o presidente egípcio anulou subitamente todas as entrevistas e deixou o Cairo com destino desconhecido, há dois dias. Brejnev e o presidente Sadat trocaram recentemente correspondência por iniciativa do secretário-geral do Partido Comunista soviético — informa ainda o jornal (F.P.).

POLÍTICA DE DEFESA DO JAPÃO — Takuya Kubo, um dos responsáveis da agência japonesa de Defesa, declarou ontem que o Japão devia ser capaz de suportar um ataque inimigo durante um período de um a seis meses para dar aos Estados Unidos tempo de lhe prestarem socorro. Kubo que apresentara o seu projecto numa comissão senatorial, acrescentou que, consequentemente, o Japão devia equipar-se com um armamento militar que lhe permitisse resistir a uma agressão durante alguns meses. É a primeira vez que o Japão desvenda as grandes linhas da sua política de defesa. O relatório apresentado por Kubo indica também que o Japão não espera

também o recurso a um ataque nuclear num eventual conflito. Por fim indicou o alcance do perímetro marítimo de defesa. Este perímetro deveria ser alargado para 200 milhas ao largo da costa do Pacífico e para 100 milhas no mar do Japão (F.P.).

AUMENTO DO COMÉRCIO DO TABACO — O comércio mundial do tabaco aumentou 50 por cento nos últimos dez anos

a despeito das intensas campanhas avisando as pessoas do mal que faz à saúde o fumo — anunciou ontem em Roma a Organização de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas. O dr. Albert Viton, um perito sobre tabaco da Organização, declarou que o comércio mundial anual do tabaco havia aumentado de 1 000 milhões de dólares para 1 500 milhões de dólares desde 1962. (R.).

Reunião de emergência sobre escassez de trigo

ROMA, 20 (R) — Representantes de cinco dos maiores países exportadores de trigo no mundo — Argentina, Austrália, Canadá, França e Estados Unidos — iniciaram hoje nesta capital uma sessão de emergência para discutir uma série de escassez de trigo no Globo e a subida em especial dos preços dos cereais.

A sessão urgente de um dia, a que assistem cerca de 20 delegados das cinco nações, juntamente com representantes da comissão do Mercado Comum Europeu, do programa mundial de alimentação e do Conselho Internacional do Trigo, foi convocada pelo dr. Adede Boerma, director-geral da

Organização de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas (FAO)

O sr. Boerma avisou que países em desenvolvimento vulneráveis devem obter o mínimo de importações de cereais essenciais se quiserem evitar grave instabilidade social e política e possível morte pela fome.

A Fao tem manifestado alarme acerca da posição mundial quanto a abastecimentos, afirmando que as reservas de trigo nãoGlobo atingiram o seu nível mais baixo em 20 anos, enquanto que os preços dos cereais no mundo triplicaram em 12 meses

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DA COVINA

Continuação da pag. 10

graças a um ardente e tenaz labor, alicerçado nos valiosos elementos, de técnica e de capitais com que a Covina avançou para alcançar para Portugal, o título de pioneiro da indústria vidreira da Nação irmã.

A COVINA

A Covina, a partir do Estado do Rio, de solidade com alguns elementos prestigiosos de São Paulo, lançou neste Estado uma empresa congénere — a Paulista.

A breve trecho as duas empresas se desentenderam. Desentendimento profundo, áspero e desprestigiante.

Feteira lutou pelos interesses da Covina.

Foi violento, obstinado, falou como de costume em «vis trações», reafirmou a sua determinação triunfalista, com vezes repetida, de lutar e vencer ainda que com sacrifício da liberdade, da saúde e da própria vida: e venceu, efectivamente, desta vez, a batalha contra a Paulista.

O sr. Feteira escrevia-me ao tempo (sua carta de 18/1/1950):

A Covina vai caminhando bem. Se levarmos por diante o programa que tenho traçado, e que dependerá muito da decisão que tomarmos no nosso encontro, dentro de pouco tempo a participação que a Covina aqui possui valerá mais do que todo o património que tem desse lado do Atlântico. Nem pode fazer uma pequena ideia do que temos já hoje e das perspectivas de grandiosidade futuras que nos estão reservadas.

Mas os accionistas de Lisboa, coesos num laço chamado «Grupo de Accionistas da Covina» começavam a alarmar-se com notícias vindas do Rio e de São Paulo no sentido de manobras para a conquista do controlo da Covina, concretizadas principalmente na retirada das acções depositadas pelo grupo no Banco Borges, do Rio de Janeiro, e pela divisão cinquenta/cinquenta do capital em acções ordinárias e preferenciais, que Feteira tentava, que o grupo repelia e que finalmente havia de verificar-se, sancionada por uma assembleia-geral adrede preparada para o efeito.

Acreditei na boa-fé do sr. Feteira e trabalhei no sentido de evitar um ataque ao seu prestígio que julguei importante manter numa pessoa que, como ele, representava então no Brasil o génio industrial português ao serviço da economia brasileira, num sector que é no mundo actual, dos mais importantes.

No melhor sentido e com as melhores intenções, desejava eu no entretanto estar devidamente informado e escrevia à sua dedicada colaboradora D. Celeste Bastos y Lago, directora em São Paulo da Paulista, aliás em resposta a uma carta sua.

«Todas as notícias e informações que me possa enviar sobre os negócios daí, para a formação dos quais também contribui com apreciável apoio financeiro, muito me obrigará.»

A história da nossa expansão industrial no Brasil, da dinâmica gloriosa da Covina na fundação da indústria vidreira na grande Nação irmã, daria uma narração demorada, não somente quanto à sua capacidade empreendedora, quanto ao êxito da sua técnica, quanto ao arrojo dos seus voos bem demonstrados na realização, como pioneiros da indústria vidreira naquela Nação como também na consideração dramática da perda da nossa bandeira nesse imenso sector industrial pela entrega, ao fim e ao cabo, a estrangeiros, des-

sa prestigiosa posição portuguesa.

Não valera a pena, agora, passadas algumas décadas sobre esses tristes acontecimentos, acordar revoltas adormecidas, amarguras que o tempo apaga, prejuízos que se desvaneceram com continuado trabalho frutuoso, ódios que a sensibilidade portuguesa não sabe manter.

Mas há uma palavra a dizer ao repór no seu lugar a tampa desse túmulo. E é esta:

Não tem limite o tempo para lamentar o facto do sr. Feteira, uma vez senhor da posição portuguesa, que ao fim e ao cabo alcançara, e que era finalmente glorioso padrão lusitano, a ter cedido ao estrangeiro.

Feteira fez assim uma fortuna imensa. A Covina ficou o que era.

CERVEJAS

O sr. Feteira proclama constantemente a sua afeição à Covina.

Seria um dever seu pela própria história da vida da empresa, pelos cargos que nela tem ocupado, pelos benefícios que dela tem recebido.

Contudo, ainda recentemente, não hesitou em negociar uma sociedade que acabava de receber do Governo da Nação um alvará para uma fábrica de cervejas, negociação que fez por infimo preço e em desfavoráveis condições de pagamento.

Nessa sociedade a Covina tinha uma participação de 15 por cento.

E o pior é que a Covina que com o seu prestígio tinha contribuído para a concessão desse alvará não poderá contar com o mesmo acolhimento, de futuro, para idênticas facilidades.

Não se trata, pois, somente de uma perda potencial no domínio dos interesses materiais, porque é também, e não menos pesada, uma perda de prestígio no campo das realizações industriais.

Quem foi o beneficiário de operação tão danosa para uma sociedade cujos accionistas esperavam ser compensados um dia do sacrifício da desvalorização de capitais há longo tempo investidos?

CHEQUE DE 33 000 CONTOS SOBRE O BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

Num acesso de cólera contra o Banco Português do Atlântico, originado numa intriga cuja origem se pensa conhecer, referindo fantasiosa falta de sigilo do B. P. A. a respeito não se sabe bem de quê — Lúcio saca sobre o B. P. A. uma soma de 33.000 contos e com este dinheiro liquida totalmente, adiantadamente, à Caixa Nacional de Crédito um crédito por esta concedido pelo prazo de 10 anos, originariamente de 50.000 contos — crédito este estabelecido em condições muito favoráveis, se considerarmos as que presentemente vigoram naquela instituição de crédito.

O curioso é que o referido cheque é assinado pelo sr. Feteira e por um funcionário.

Normalmente, e de acordo com o estatuto, pertence aos administradores-delegados, e só a eles desde que presentes — e estavam — assinar tais documentos.

Foi um saque estabelecido de um modo anormal.

Mas a maior anormalidade, de consequências de ordem administrativa, foi fazer a liquidação extemporânea desse crédito, sobretudo tendo em vista a necessidade próxima, perante a indispensável instala-

ção do «Float», de recorrer ao crédito em larga escala.

A instalação da linha «Float» custará algumas centenas de milhares de contos.

O crédito hoje custa muito caro do que o estabelecido pela Caixa Geral para aquele que o sr. Feteira, em má hora num estremecimento de injustificada indignação, extemporaneamente pagou, causando assim grave prejuízo à Covina. Efectivamente, na certeza de que a nossa sociedade vai necessitar de recorrer à mesma fonte de crédito para a instalação da linha «Float» desde já se admite, dadas as actuais taxas e condições em vigor, que quanto a uma parcela igual à referida de 33.000 contos, teremos de admitir um agravamento de encargos da ordem de 1.500 contos.

Sera esse um dos lados do prejuízo que a nossa sociedade suportará mercê das explosões dos nervos inquietos do sr. Feteira.

NEGOCIAÇÕES DAS SUAS ACÇÕES COVINA

Penosamente, com tristeza deixei de acreditar no seu devotamento à Covina, na sua fé no futuro da nossa sociedade.

Ou, na alternativa, na sua possível descrença quanto à utilidade dos serviços que no seu caso pessoal de saúde, de compromissos e de tantíssimos problemas que ocupam e preocupam a vida de um homem na sua posição, poderia oferecer a uma empresa com a complexidade administrativa e grandezas de trabalhos e objectivos como é o caso da nossa.

Sobre as incertezas e dúvidas que de há tempos se acumulavam no meu espírito a esse respeito, projectou-se luz, tudo se esclareceu quando me comunicaram o desejo do sr. Feteira de vender a sua posição de accionista da Covina.

O seu lote de acções inteiro, completo, total.

Mais alguns accionistas se propuseram, em face da insólita disposição do sr. Feteira, vender, com ele, uma parcela das suas posições e eu próprio, em tais circunstâncias inquieto, venderia, no caso de uma negociação, uma parte das acções que pessoalmente possuía.

Ficava, todavia, sereno e inamovível na disposição de plena confiança na empresa, de inquebrantável fé nos seus destinos, o Banco Português do Atlântico.

O sr. Feteira veio a mudar de ideias e talvez um accionista de última hora, representado nas folhas de presença das recentes assembleias com algumas acções, esteja a pesar nessa mudança, lançada no sentido de objectivos novos, ambiciosos e contrários às linhas tradicionais da empresa — as linhas que nós administradores temos trilhado na prossecução do seu progresso, olhos fitos nos interesses dos capitais aqui investidos.

Assim, terá aparecido o verdadeiro cérebro desta campanha. Este, por temperamento, não desistirá dos seus propósitos sem uma reacção embora inútil, tal como o seu braço, o braço que o serve e se agita nervosamente num oceano de apódos e de injúrias.

Levanta-se, assim, entre nós e eles, um muro alto e maciço, intransponível, dado que do lado de cá se defende o caminho da razão construtivo e sério. Mal do Mundo quando estas armas deixarem de ser invencíveis.

A partir destas premissas, vamos agora discutir a alínea b) da famigerada Convocatória.

Prometo, senhor presidente, não sair da ordem do dia, desta ordem do dia que me obrigou, para a atingir, a desenvolver considerações cuja maior parte me foram dolorosas.

Enunciemos essa — para o sr. Feteira — tão gostosa alínea b).

«Operações em desfavor da Covina, mas em benefício de um banco membro do respectivo conselho de administração.»

As operações que a Covina pratica com os Bancos são, na generalidade: depósitos, descontos, cobranças.

Depósitos: Existem contas de depósitos em quase todos os Bancos. A conta principal está, normalmente, como é natural, no Banco Português do Atlântico.

Descontos: Os descontos praticam-se em vários Bancos, principalmente no Banco Português do Atlântico, como é óbvio também, e até porque este reserva à Covina taxas muito favoráveis.

Cobranças: As cobranças endereçam-se de preferência ao Banco Português do Atlântico que, além de instalado em toda a metrópole tem no ultramar, como principal senão único correspondente, o Banco Comercial de Angola, radicado em Angola, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

Verifica-se assim que o Banco Português do Atlântico tem primazia no movimento da Covina, no que respeita a depósitos, letras e cobranças.

Porquê?

Primeiro porque é um dos seus fundadores.

Segundo porque tem sido como banco comercial um dos seus principais financiadores.

Terceiro porque sempre lhe tem reservado taxas convenientes.

Que se diria da empresa intimamente ligada ao seu Banco, na estrutura, no governo e na finança se lhe não desse a preferência no seu movimento financeiro?

E que se diria do Banco se ele fosse excluído desse movimento?

E que pensariam desse Banco os demais organismos bancários se constatassem essa falta e o encaminhamento para eles, sem qualquer sacrifício ou comprometimento, do surto financeiro de uma empresa que outro criou ou ajudou a criar, com a agravante de estar na sua mais alta direcção?

E que pensariam da própria empresa os bancos estranhos?

Prossigamos:

O sr. Feteira foi vice-presidente do conselho de administração da companhia nos anos de 1960 a 1965.

Invocando esse facto, pediu à administração que lhe fosse dada a relação do movimento de depósitos e de letras com o Banco Português do Atlântico no período em que serviu nessa função de vice-presidente.

Tão pronto quanto possível esse pedido foi satisfeito e aqui está a fotocópia que demonstra quanto esse movimento foi de fidelidade ao Banco Português do Atlântico pela mão então reconhecida ao sr. Feteira.

E também tenho aqui o gráfico relativo ao movimento da conta da Covina com o B.P.A. no período, mais recente, de 1967/1970, em que se demonstra que a Covina foi permanentemente devedora ao B.P.A., no decurso desse período, de importâncias que ascenderam a cerca de 30.000 contos em sistema de «over-draft» ue é a modalidade de crédito mais favorável ao cliente, pois que lhe são aplicados apenas juros sobre a curva do seu débito e

os que o B.P.A. lhe contou no caso pertinente não excederam a taxa de 4,5 por cento ao ano.

A mais favorável taxa que o B.P.A. então reservava aos seus melhores e mais devotos clientes.

E corrente, é de rotina, as grandes empresas mandarem, no fim de cada mês, para facilidade dos seus serviços financeiros e de contabilidade, o seu papel vencível a curto prazo, para desconto ao seu banqueiro.

E não se diga que a modalidade de cobrança simples é melhor, ou mais favorável. Além da maior complexidade contabilística, verifica-se que a bem conhecida lentidão do serviço bancário de cobranças, directa ou pelos correspondentes, envolve normalmente mais perda de juros, do que os juros pagos pelo desconto. Isto é um facto, isto é evidente.

Por isso o senhor Feteira o adoptava, por isso mesmo o método se não altera.

Todavia, a referida alínea b) da convocatória alertou o B.P.A. ao verificar que os depósitos da Covina não têm correspondido aos méritos do banco nas suas relações com a empresa.

Esses depósitos encontram-se muito abaixo do que é justo, dado que não ascendem actualmente em média a mais de cerca de 50 por cento dos depósitos totais, no conjunto de mais 16 bancos onde tem conta!

Muitos engulhos despertam as relações da Covina com o seu principal banqueiro.

Na acta da assembleia-geral n.º 37 de 14/3/1952, fls. 31 v., consta que a intervenção de um accionista, o sr. Feteira, respondeu: «... referindo-se a depósitos bancários disse que era a administração que sabia escolher os bancos e lembrava que a companhia, para se fundar, precisou de recorrer àquele banco (o B.P.A.) e, portanto, devia provar-lhe a sua estima e gratidão».

Mas há mais:

Na acta da assembleia geral de 30/3/1953, fls. 46 v., em resposta a um accionista que idênticamente perguntava a razão pela qual a Covina tinha os seus depósitos concentrados no B.P.A., o senhor Feteira, respondendo, defendeu a necessidade, por **boa ética administrativa** das disponibilidades se encontrarem no Banco Português do Atlântico; e o relatório em apreço foi aprovado por unanimidade.

Já em 31/3/1950 Lúcio Feteira dizia numa carta que possuía: «Enquanto aqui estiver (na administração da Covina), não consentirei que se enviem para outro banco que não seja o seu. O contrário não se compreende».

Tratava-se do envio de extractos para os bancos.

E em 29/9/45, ainda o B.P.A. não estava instalado em Lisboa, Lúcio envia do Rio a Cupertino de Miranda este telegrama: «Telegrafei hoje Covina ordenando seja enviado exclusivamente seu banco todo papel sobre Porto abraços». Mas há ainda mais e melhor:

Em 10 de Dezembro do ano de 1971 estavam depositados no B.P.A. cerca de 17.000 contos enquanto em outro seu corrente figuravam 24.500 contos. O vice-presidente do conselho de administração, senhor Lúcio Feteira, ao notar que um seu colega estava a derivar os depósitos para outro banco que não o B.P.A., envia para a tesouraria a seguinte nota cujo teor deve ter deixado os administradores-delegados bem conscientes da sua fraqueza:

Ordem que os movimentos bancários, quer de emissão de cheques, quer de depósitos, se façam tendo em atenção que a conta do Banco Português do Atlântico deve apresentar sempre o mais alto saldo positivo, com grande diferença referente ao mais alto que qualquer dos outros bancos com os quais temos relações»

O Vice-Presidente
a) Lúcio Th. Feteira
Covina, 10 de Dezembro de 1971

Seria para agradecer se não fora a circunstância desse rotundo «ordeno» tão despoticamente lançado, não significar mais, no fundo, do que uma dolorosa, desprestigiante e premeditada agressão ao Administrador que assim tinha distribuído os depósitos da Sociedade.

E a alínea b)... acabou;

Concluindo:

Esta inútil Assembleia, convocada pelo sr. Feteira para atingir, entre outros, um homem e uma Instituição que, um e outro, se impõem pela sua perfeita identificação com os superiores interesses da vida nacional ao mesmo tempo que com a gente boa da sociedade portuguesa, a gente do trabalho sério e construtivo na tarefa do engrandecimento da Pátria, não trouxe mais aos accionistas e àqueles que se interessam de boa-fé nesta Empresa de grande projecção na vida económica do que a confusão, a esteril luta por um caminho perigoso, a própria dúvida do mundo industrial sobre a seriedade da Covina, na explosão lamentável do caso Akfirat.

Grã-Cruz do Cruzeiro do Sul, como alguns se diz, simples Comendador como parece ser, a verdade é que esse respeitável galardão junto à venera da Ordem Portuguesa da Indústria, são atributos e honras que não pode deixar de ter presentes no convívio, na acção e no labor, quanto ao respeito pela dignidade e pelos interesses e direitos alheios, na sociedade em que vive, seja qual for a qualidade desta seja qual for a sua fisionomia.

A sua condenação por injúrias e difamação, registada em 1957 nos nossos tribunais sob querela do Coronel Victorino Godinho, deve-se ao temperamento que Feteira não sabe ou não pode dominar. Na exaltação e na obstinação pela conquista dos seus objectivos que nem sempre e nem toda agente julga atendíveis ou justificáveis, transcendendo a linha do perdoável e depois encontra-se portador dum ferrete que não mais se apaga.

O coronel Victorino Godinho, de quem por vezes fui adversário na Administração da Covina, era uma alta figura da República, um soldado valeroso da 1.ª Grande Guerra, no C.E.P., um homem público que foi ministro de grande prestígio do Governo da Nação.

Assim mesmo o sr. Feteira não teve dúvida em o enxovalhar.

Como poderão surpreender-me os termos desprimorosos e até injuriosos com que aqui e lá fora — sobretudo lá fora — se me refere;

Recordando-lhe a pena que sofreu talvez lhe acorde a sensibilidade — se a tem — quanto aos riscos de reincidência já decorrentes e que, pelos seus desviados impulsos, vai agravando.

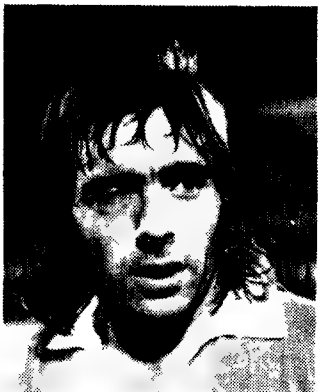
E por agora nada mais.»

No final da exposição o sr. Cupertino de Miranda considerando o adiantado da hora, o presidente da mesa suspendeu os trabalhos marcando o seu prosseguimento para esta manhã.

QUARTA-FEIRA EUROPEIA

Fracasso espanhol e brilho inglês

Se houvesse que resumir em poucas linhas os eventos futebolísticos da noite europeia, diríamos que se assistiu a um fracasso quase total e absoluto do futebol espanhol, enquanto as equipas inglesas conquistavam posições de extraordinário realce para a segunda eliminatória, numa afirmação indelével de equilíbrio, potencialidade e valor médio excelente do futebol da loira Albion. Não fora o avanço redu-



Adolfo: o fim da sua batalha

zidíssimo conquistado pelo Anderlecht na «Taça das Taças», e diríamos que também a Bélgica esteve em particular evidência, enquanto o futebol da República Democrática da Alemanha progride a olhos vistos, com os consequentes e geralmente favoráveis resultados.

A evidência da jornada a nível singular: Sunderland da Inglaterra e Racing White da Bélgica. Ambos ganharam fora a grandes senhores do futebol europeu: Vasas e Barcelona, respectivamente.

TAÇA DOS CAMPEÕES

A abrir, os 8-0 do Bruges à equipa de Malta, o empate consentido em casa pelo Atlético de Madrid e a escassíssima derrota do Apol em Vorochiolograd, na União Soviética.

Os belgas desfizeram-se dos tacanhos malteses com a maior das facilidades, conquistando o mais volumoso resultado da noite europeia. O que não admira. Mas já espanta o facto de o Apol ter perdido apenas por dois, quando o seu futebol (pensava-se), era ainda pior que o de Malta. Lembra-se da «cabazada» que o simpático Apol apanhou em Alvalade, aqui há uns anos (16-1)? Pois, deste então, muito se deve ter progredido em Chipre, para chegar ao resultado de ontem. A não ser que o desconhecido Zaria, um surpreendente campeão da URSS, não esteja ao nível internacional das demais equipas soviéticas: desde o Dinamo de Kiev ao Torpedo e ao Dinamo de Tbilisi.

O empate cedido em Madrid pelo Atlético (ante os turcos do Galatasaray) e a magra vantagem conquistada em Lisboa pelo Benfica, também deve surpreender os observadores internacionais. Mas, pelo que a tabela de resultados anexa nos mostra, o nivelamento de valores parece ser coisa assente, até porque o Ajax descansou...

Quase tudo ficou por decidir para a segunda «mão» marcada para o dia 3 de Outubro. Classificados podem considerar-se apenas o Liverpool, Dinamo de Bucareste, CSKA, Celtic, Ujpest e Bâle. No resto, incerteza até final desta primeira e interessante eliminatória da «Taça dos Campeões Europeus».

Por DANIEL REIS

O sorteio dos oitavos de final está marcado para 5 de Outubro, no Hotel Atlantis em Zurique.

QUADRO DE RESULTADOS

Estrela Vermelha (Jugoslávia), 2-Stal Mielec (Polónia), 1 (1/0 ao intervalo); Vejle BK (Dinamarca), 2-Nantes (França), 2 (2/1); Spartak Trnava (Checoslováquia), 2-Viking Stavanger (Noruega), 1 (2/1); Jeunesse de Esch (Luxemburgo), 1-Liverpool (Inglaterra), 1 (1/1); Bayern Munique (Alemanha), 3-Atvidaberg (Suécia), 1 (1/0); Dresden (Alemanha Oriental), 2-Juventus (Itália), 0 (2/0); Bruges (Bélgica), 8-Floiriana (Malta), 0 (5/); Crusaders (Irlanda do Norte), 0-Dynamo de Bucareste (Roménia), 1; Zaria de Vorochiolograd (URSS), 2-Apol (Chipre), 0; CSKA de Sofia (Bulgária), 3-Wacker Innsbruck (Áustria), 0 (3/0); Turku (Finlândia), 1-Celtic (Escócia), 6 (1-2); Waterford (Irlanda do Sul), 2-Ujpest Dozsa (Hungria), 3 (1/1); Atlético de Madrid (Espanha), 0-Galatasaray (Turquia), 0; BENFICA (Portugal), 1-Olympiakos (Grécia), 0 (0/0); Bâle (Suíça), 5-Fram (Finlândia), 0.

O último jogo desta série (Fram-Bale) realiza-se mais cedo e o Ajax já está apurado para os oitavos de final pois ficou isento na primeira eliminatória. A segunda mão está marcada para 3 de Outubro.

«TAÇA DAS TAÇAS»

Quem suporia o futebol das ilhas britânicas capaz da proe-

(na Checoslováquia).

Pergunta-se: para além do nível médio excelente do futebol britânico não andarão também por detrás das boas exibições de ontem o começo avançado (em relação aos países do continente) dos campeonatos locais? As Ligas já decorrem há largas semanas e com elas vem a rotação e confirma-se a superioridade.

Curiosidade: sete empates a zero, adiando soluções. Desse septeto, realce para o nulo imposto pelo Atlético de Bilbao em Moscovo, frente ao Torpedo. Foi, aliás, a única vela acesa no caminho quase desesperado do futebol espanhol na rota europeia deste ano.

Afinal, parece que nem com estrangeiros a Espanha lá vai...

RESULTADOS

Ac Milão (Itália)-Dynamo Zagreb (Jugoslávia) 3-1; Anderlecht (Bélgica)-Zurique (Suíça) 3-2; Ankaragücü (Turquia)-Rangers (Escócia) 0-2; Banik de Ostrava (Checoslováquia)-Cork Hibernians (Irlanda) 1-0; Beroa Stara de Zagora (Bulgária)-Fola Esch (Luxemburgo) 7-0; Nac (Holanda)-Magdeburgo (Alemanha Oriental) 0-0; Cardiff City (Wales)-Sporting (Portugal) 0-0; Chimia Ramnicu de Valcea (Roménia)-Glenfarran de Belfast (Irlanda) 2-2; Gzira United (Malta)-Brann de Bergen (Noruega) 0-2; Légia de Varsóvia (Polónia)-Pack de Salonika (Grécia) 1-1; Larnaca (Chipre)-Malmö (Suécia) 0-0; Reipas de Tahti (Finlândia)-Lyon (França) 0-0; Torpedo de Mos-

leus (36) e Teugels (80) e assistiram cerca de 25 000 espectadores.

Este pode considerar-se o escândalo maior da jornada inicial da «Taça UEFA». Se lhe juntarmos o fracasso do Barcelona, em Nice (0-3) e o do Real Madrid em Ipswich (derrota 0-1) avalia-se melhor a sorte que espera as equipas espanholas. Francamente frustrante.

No lado oposto as equipas da Grã-Bretanha: empate do Leeds fora de casa, vitórias: Aberdeen (4-1), Hibernian (2-0), Ipswich (1-0 ao Real Madrid) e do Tottenham (5-0). A única «nódoa» pertenceu ao Dundee (da Escócia) que perdeu em casa com o Twente (da Holanda).

O escândalo segundo, para lá do oferecido pelos espanhóis: as equipas italianas quase afastadas da «Taça UEFA»: Fiorentina empatou em casa (0-0), e perdeu Inter (1-2) e Torino (1-2), ambos no seu terreno. Valeu o Lazio e o seu amplo triunfo. Não fora isso e, adeus italianos, na terceira competição europeia...

GRUPO 1 — Fredrikstad (Noruega)-Dinamo Kiev (URSS), 0-1; Ruch Chrzów (Polónia)-Wuppertal (Rep. Fed. Alem.), 4-1; B1903 (Dinamarca)-AIK (Suécia), 2-1; Carl Zeiss Jena (Rep. Dem. Alem.)-Mikkelin (Finl.), 3-0.

GRUPO 2 — Stromsgodset (Noruega)-Leeds (Inglaterra), 1-1; Feyenoord (Holanda)-Östers (Suécia), 3-1; Ards (Irlanda do Norte)-Standard Liège (Bélgica), 1-6; Hibernian (Escócia)-1BK Keflavik (Islândia), 2-0.

GRUPO 3 — Nice (França)-Barcelona (Espanha), 3-0; Düsseldorf (Rep. Fed. Alem.)-Naetsved (Dinamarca), 1-0; Tottenham (Inglaterra)-Grasshopper (Suíça), 5-0; Aberdeen (Escócia)-Finn Harps (Rep. Irlanda), 4-1.

GRUPO 4 — Dundee (Escócia)-Twente (Holanda), 1-3; Español (Espanha)-Racing White (Bélgica), 0-3; Union (Luxemburgo)-Marseille (França), 0-5.

GRUPO 5 — Vitória F. C. (Portugal)-Beerschot (Bélgica), 2-0; Ipswich (Inglaterra)-Real Madrid (Espanha), 1-0; Lazio Roma (Itália)-Sion (Suíça), 3-0.

GRUPO 6 — Fiorentina (Itália)-Universitatea Craiova (Roménia), 0-0; Gwardia (Polónia)-Ferencváros (Hungria), 1-0; Stuttgart (Rep. Fed. Alem.)-Olympiakos (Chipre), 9-0 e 4-0; Tatra Presov (Checoslov.)-Velez Mostar (Jugosl.), 4-2.

GRUPO 7 — Dinamo Tbilisi (URSS)-Slavia (Bulgária), 4-1; Panathinaikos (Grécia)-OFK (Jugoslávia), 1-2; Inter (Itália)-Admira (Áustria), 0-1; Arges Pitesti (Roménia)-Fenerbahçe (Turquia), 1-5.

GRUPO 8 — Kosice (Checoslováquia)-Honvéd (Hungria), 1-2; Torino (Itália)-Lokomotiv Leipzig (R. Dem. Alem.), 1-2; Eskiserhirspor (Turquia)-Köln (Rep. Fed. Alem.), 0-0.

Falta iniciar-se a eliminatória entre o Belenenses (Portugal) e o Wolverhampton (Inglaterra), enquanto o Panahiki Patras (Grécia)-Graz (Áustria) se realiza hoje. O segundo jogo da eliminatória está marcado para 3 de Outubro.



Inacreditável: o Barcelona foi a Nice «encaixar» três «secos»



Lasa ao ataque: Bilbao em Moscovo, salva a face do futebol espanhol



Diamantino vai entrar em campo: sol de pouca duração

za conquistada ontem? Certamente ninguém, apesar de conhecer o seu valor médio geral. Atente-se só nisto: duas equipas da II divisão inglesa apresentam-se na «Taça das Taças» e uma (o já famoso Sunderland) vai ganhar a Budapeste, ao conhecidoíssimo Vasas, por duas bolas a zero; a outra (em representação do País de Gales) bate o pé ao Sporting e obriga Damas, o guarda-redes português, a uma exibição inesquecível. Mas, há mais, a referir, relacionado com as ilhas britânicas: o Rangers arrecadou vantagem de dois golos em Ancara (na Turquia) enquanto o Glenfarran (da Irlanda do Norte) foi empatar à Roménia e o Cork Hibernians (da quase ignorada Irlanda do Sul) apenas perdeu por uma bola a zero em Ostrava

covo (Rússia)-Atlético de Bilbao (Espanha) 0-0; Vasas de Budapeste (Hungria)-Sunderland (Inglaterra) 0-2; Randers Freja (Dinamarca)-Rapid de Viena (Áustria) 0-0; Vesmanayear (Islândia)-Borussia Moenchengladbach (RFA) — jogo a realizar hoje.

Os jogos da segunda «mão» efectua-se a 3 de Outubro, excepto o Fola Esch-Bero Stara (de Zagora) marcado já para 22 dbmcorrente.

TAÇA UEFA

O Racing White de Molenbeek (Bélgica) foi a Barcelona vencer o Espanhol por 3-0, na primeira «mão» da primeira eliminatória da «Taça Uefa». Marcaram: Koens (9 minutos), Pol-

TAÇA UEFA

BELENENSES WOLVERHAMPTON

DIA 26 DE SETEMBRO DE 1973
AS 21.30 H.

PREÇO DOS BILHETES

BANCADA CENTRAL	120\$00
BANCADA LATERAL	80\$00
SUPERIOR	50\$00
GERAL	35\$00
SÓCIOS	30\$00

ESTÁDIO

ALMIRANTE AMÉRICO THOMAZ

DL/ DESPORTOS

CARDIFF, 0-SPORTING, 0

... e aqui está como o Sporting garantiu um excelente resultado em Cardiff. Temia-se (em função de resultados anteriores) este confronto do futebol português com o galês, que é britânico; e foi preciso um técnico português (Mário Lino) tomar conta de uma das turmas portuguesas de maior prestígio e classe, para se ir à Grande Ilha buscar um resultado que abre excelentes expectativas quanto à passagem da eliminatória.

O nulo que os rapazes do Sporting trazem hoje de Cardiff, representa muito de moral para uma equipa que está em nítida subida de forma: porque a história como a defesa soube defender

o resultado, é linda e merece ser comemorado. Foi Damas (o regresso) o primeiro a dizer aos seus camaradas que ele estava lá, na baliza, atento a todas as tentativas do adversário. Conquistado que foi a confiança dos camaradas, foi a vez de Carlos Pereira e Alinho não quererem ficar atrás do seu companheiro mais recuado e arrancaram para uma exibição de grande vulto. Porque, na primeira parte, eles chegaram e sobram para sustentar as investidas dos homens de Cardiff, anulando toda e qualquer tentativa de penetração na sua zona. Depois, quando os remates saíam de longe ou de outro flanco, lá estava Damas a gritar presente e a esboçar algumas defesas de grande mérito. A esta hora, os 19.000 espectadores que estiveram ontem em Ninian Park, lamentam o insucesso dos seus jogadores, mas ganharam admiração por esse rapaz simples que se chama Vítor Damas de Oliveira, é português, e defende as cores do Sporting.

Voltando à história de como a defesa leonina soube defender um resultado, é importante que se diga que a primeira parte do encontro pertenceu quase por inteiro aos homens do País de Gales: realmente, eles entraram em campo com a firme disposição de cedo resolverem o problema, abrindo caminho para uma vitória que transformasse o encontro da segunda «mão» num autêntico passeio turístico. Foi aí que a defesa do Sporting se soube impôr, nunca perdendo a cabeça e actuando com perfeito conhecimento da sua missão. Para cada avançado galês, havia sempre um homem do Sporting disposto a dar-lhe luta. E tanta ela foi, que os primeiros minutos passaram sem que o objectivo dos locais fosse concretizado. O facto enervou os homens de Cardiff, que viam os minutos escoarem-se na ampulheta do tempo e todas as suas tentativas de penetração morrerem nos pés da defesa leonina ou nas mãos do seu guardião Damas. Quan-

do o intervalo chegou, com o marcador em branco, Mário Lino terá socorrido, por ter sido conseguido o seu primeiro objectivo: segurar o impeto inicial dos homens do Cardiff.

Conseguido esse «milagre», que restava ao técnico do Sporting? Eprestar toda e qualquer oportunidade para botar o ouro sobre o azul já conquistado; ou seja, tentar o golo que daria aquela tão necessária tranquilidade para o jogo da segunda «mão». E foi isso que esteve quase a acontecer, principalmente quando já muita gente abandonava Ninian Park: Alinho primeiro, Yazalde depois, tiveram essa oportunidade nos pés, mas o golpe fatal falhou por milímetros. A concretizasse, o Sporting não conseguiria apenas um «brilharete», já que conquistara (pelo jogo desenvolvido na segunda parte) o mérito à vitória.

Resta agora a Mário Lino sa-

ber como inverter as posições: é mais que certo que o Cardiff virá no próximo dia 3 de Outubro defender a todo o transe a inviolabilidade das suas balizas, tentando (simultaneamente), explorar o facto da equipa de Alvalade se entregar totalmente à conquista do golo, «esquecendo» o seu sector recuado. E aqui que Mário Lino tem de mostrar saber atacar e defender: porque também já mostrou que a equipa que orienta não dura apenas a primeira parte dos jogos, antes tem estofos suficientes para «aguentar» os 90 minutos de luta.

Em linhas gerais, aqui está a história (linda) como a defesa do Sporting soube ontem, em Cardiff, defender um resultado. Quem dera de hoje a duas semanas poderemos descrever a forma como o ataque de Alvalade, soube construir um resultado que fará com que os adeptos leoninos cantem alegria, pela eliminatória ganha.



Damas, regressado ao seu verdadeiro lugar de guarda-redes único e insubstituível do Sporting e um dos maiores do mundo da sua geração, mostrou em Cardiff a razão de ser do seu prestígio. Foi o maior de toda uma equipa a jogar em grande

A defesa defendeu o resultado

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICO DOS GRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO Nº 3 DE 23 DE SETEMBRO DE 1973

Bondiazinho — 1x2 211 11x 2211; Brado Africano Desporto — 1x2 2x1 1x2 x112; Brado Africano Ronga — 1xx 221 112 x11x; Cabine 2 — 122 x21 1xx 21xx; Domingo Alegre — 1x2 2x1 12x x2xx; Passatempo — 112 1x1 11x 111x; Rádio Desporto — 12x 2x1 11x 1xx1; Revista Desportiva — 12x x21 11x 1x11; Roteiro Sonoro — 122 2x1 1x1 1xx1; Terceiro Progra-

ma — 121 2x1 11x 22xx; 20 Ponto D — 112 222 111 121x; Diário — 1x2 x21 1x1 x111; Notícias da Beira — 1xx x2x 112 1112; Renovação — 122 x22 111 111x; Nova Onda Clinar — 1x2 12x 111 xx11; Ponto Treze — 12x 222 1x1 1x11; Fórmula Jota — 112 x21 112 1111; Notícias do Totobola — 1x2 x21 11x x111; A Minha Ma-

triz — 12x x2x 111 2x1x; Açores — 1x2 2x1 11x x1x1; Folha de Tondela — 1x1 2xx 111 x111; O Algarve — 11x 221 111 x211; Badaladas — 1x1 x21 1xx 1221; Beira Baixa — 1xx x21 11x x1x1; Boa Nova — 12x 221 111 2111; Cardeal Saraiva — 1x2 211 111 x211; Cavalcada do Ritmo — 11x x11 11x xx1x; O Benfica — 1x2 2x1 11x 11x1;

A Comarca de Arganil — 1x1 x21 111 11x1; O Comércio de Leixões — 122 2x1 112 2111; Comércio de Portimão — 112 2xx 111 1111; O Comércio do Porto — 1x2 2x1 111 x11x; O Concelho de Fátima — 12x 221 11x x111; Correio dos Açores — 1x2 221 111 2111; Correio de Coimbra — 1x1 221 11x x111; Correio do Minho — 1xx 121 111 x111; Correio do Vouga — 121 221 11x 2111; A Defesa — 1x2 x21 11x 111x; Às 10 Espere por Nós — 1xx xx1 11x x11x; Diário do Minho — 1xx x21 11x 2111; O Distrito de Setúbal — 1xx 211 111 x2x1; Fcos de Estremoz — 12x x21 111 21x1; Fcos de Cacia — 12x 221 111 2111; Fcos do Desporto — 1x2 x21 111 11x1; Fpoca — 1xx x21 111 x111; Fstrela da Manhã — 1xx 221 112 x111; Fu Sei Tudo — 11x 112 111 x22x; Folha do Domingo — 11x 221 111 x111; Dos fracos não reza a História — 111 2x1 1x2 2x12; Gazeta das Caldas — 122 xx1 1xx x111; Gazeta do Sul — xxx 221 1xx x11x; A Ilha — 1xx xxx 11x x11x; Imagens Piedenses — 1x2 2x1 1x1 2111; Novidades — 11x x21 11x 211x; Jornal do Barreiro — 1xx 221 1xx x1xx; Jornal da Beira — 121 xx1 1xx

22x1; O Jornal de Felgueiras — 12x x21 111 x111; Jornal da Jiraça — 111 111 111 1111; Jornal de Notícias — 1xx 221 111 2111; Jornal do Sul — 111 222 111 2211; Jornal de Viseu — 1xx 21x 11x 22x1; O Mensageiro — 12x x21 111 1x11; Fichas de Fivas — x22 221 1x1 x111; Litoral — 12x x2x 111 2111; Maria da Fonte — 1x2 x21 111 x111; Mosaico — 1x2 221 1x1 2112; O Norte Desportivo — 1xx 121 1xx 1111; Notícias de Chaves — 1xx 2x1 11x x11x; Notícias de Évora — 1x1 x21 111 x111; Notícias de Felgueiras — 1xx 2x1 11x x1x1; A Ordem — 1x2 xx1 1x1 111x; Peça que não maça — 1x2 x21 11x 2111; Presença Coimbra — 12x 211 111 x111; A Rabeca — 11x xx1 111 x121; Rádio Alameda — 111 x21 111 1111; Rádio Oceano — 122 221 11x 1111; Rádio Esports — 111 1x1 111 x1x1; Reconquista — 122 2x1 111 xx11; Renovação — 12x 22x 11x 1111; Repórter do Dia Angola — 112 221 11x 11x1; República — 12x 221 111 xx11; Revista de Som — 12x 22x 111 2111; O Sorriso da Hora do Almoço — 11x 221 1x2 2x11; O Telégrafo — 1xx x21 11x x111; O Templário — 1xx 121 11x x112; Gazeta do Zêzere

— 121 221 111 211x; A Voz Desportiva — 122 2xx 112 2111; A Voz do Domingo — x21 x2x 11x x1x1; Voz de Lamego — 111 2x1 111 2111; A Voz dos Rídiculos — 122 121 111 1111; Auto Rádio — 1xx 221 12x 2212; Boletim Desportivo — 1xx 221 111 x111; Clube do Ar — 122 221 11x 1xx1; Diário do Porto — 12x 1x1 111 x1x1; Fstúdio 64 — x22 2x2 112 11x1; Manchete Desportiva — 122 x21 111 xx11; Miscelânea Musical — 12x 2x1 1x1 xxx2; Música e Desporto — 11x 221 11x 111x; Penalti — 1xx 121 112 x111; Placard Desportivo — x12 12x 1x1 2x11; O Primeiro de Janeiro — 1xx 12x 1x1 xx12; Programa da Manhã — 112 221 111 x11x; Programa Sem Nome — 1x2 1x1 1x2 x112; Quadrante Desportivo — 122 221 11x 1221; Quadrante Norte — 1x1 121 11x 2111; Rádio Placard — 111 111 111 1111; Resenha Desportiva — 1xx xx1 112 2x1x; Só Rádio — 111 121 11x 22x1; Placard Desportivo Açores — 121 x11 111 2112; Ritmo e Amizade — 122 xxx 111 21x1; Montra do êxito — 1x2 121 11x 1111; Diário de Lisboa — 1xx x21 112 x111; Voz do Casa Pia — 1xx x21 11x x111.

	RESUMO			BOLAS			(a)
	1	X	2	1	X	2	
1. CUF-MONTIJO	108	5	0	11	1	1	
2. FARENSE-PORTO	23	52	38	2	6	4	
3. ORIENTAL-GUIMARAES	20	51	42	2	6	4	
4. BELENENSES-BENFICA	18	39	56	2	4	6	
5. LEIXOES-SPORTING	10	32	71	1	3	8	
6. BOAVISTA-ACADÉMICA	92	15	6	9	2	1	
7. SETÚBAL-OLHANENSE	113	0	0	12	1	1	
8. BEIRA MAR-BARREIRENSE	90	21	2	9	2	1	
9. MÚRCIA-CASTELLÓN	55	44	14	6	5	1	
10. A. BILBAU-REAL MADRID	31	48	34	3	6	3	
11. SARAGOÇA-REAL SOCIEDADE	78	20	15	8	2	2	
12. BARCELONA-ESPANHOL	84	25	4	8	3	1	
13. MÁLAGA-CELTA	80	23	10	8	3	1	

a) Nos termos do Artº. 109.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera de sorteio nas quantidades indicadas no presente Anexo.

A chave lógica será:
1XX 221 111 X111

TACA DOS CAMPEÕES: Benfica, 1—Olimpiakos, 0

DL/DESPORTOS

CADA HOMEM
TEM O SEU MESSIAS

Por Neves de Sousa

Não há dúvida: cada homem tem um santo salvador, um protector, um anjo da guarda. Ontem, a mão celeste estendida para Jimmy Hagan chamou-se Messias.

Antes do jogo, Artur Jorge dissera-me:

— Nem sequer estive convocado. Não cheguei a ser indicado para estágio e mal se estabeleceu o grupo para a concentração, logo reparei que o técnico me excluía. Decerto que no seu processo de jogo eu não teria entrada.

Depois do jogo, pergunto eu: — Para quem eram aquelas bolas altas, sistematicamente

da parte, de uma claríssima supremacia técnica do Benfica, jamais acentuada (porém) por inoperância absoluta e confrangedora da sua frente de ataque. De facto, desde o primeiro minuto que se reparou que os gregos são vulgaríssimos futebolistas, apenas dotados de força nas pernas e de coração como gigantes. Para além disso, uns pontapés à toa, umas corridas a ver se pegavam, um desesperado esforço para cortar de cabeça os

var o público. Só que, pelo tempo adiante, o juiz revelaria uma total e indesmentível seriedade: sempre certo, sempre enérgico, sempre na jogada. Mesmo quando (muitíssimo bem) anulou dois lances em que a bola entrou na baliza dos «encarnados».

Pois, cá vamos no desdobinar: apupos a uma «cabeça» de Massias que coloca a bola nos pés de um contrário e Humberto a pedir calma ao público, num gesto que define um carácter. O massagista grego aos pulinhos dentro do campo. Toni a segurar bem o esférico e a lançar Néné. O guarda-redes do Olimpiakos atrapalhado com as joelheiras. Magníficos endosses (à mão) de José Henrique para os seus laterais. Mais velocidade do Benfica, cobertura de 9 homens à baliza do Pireu.

Cantos aos punhados contra os gregos, um belíssimo corte de Adolfo, o primeiro remate certo anulado (optimamente) ao Olimpiakos: Messias em linha com Gioutsos e Kritikopolos mais que fora-de-jogo.

Messias a emendar umas falhas de Malta: as suas intercepções no vácuo. Benfica a afunilar a progressão ante a floresta grega. Atenienses em contra-ataque sempre pela direita: José Henrique a socar o ar e a cabeça de Gioutsos a rasar a trave.

Do banco do Benfica, uma ordem de Hagan: «pelo ar, pelo ar». Escuta-se na bancada e, para desfazer dúvidas, entende-se perfeitamente o gesto que secundava a ideia...

Toni e Simões a segurarem as rédeas. Vitor Martins sem atinas com a bússula dos passes. Jordão a não vencer um só lance. Eusébio simplesmente metido num espartilho triangular. Néné a galopar.

Mais cantos contra o Olimpiakos. Trinta minutos de jogo e o público desperta: «Benfica, Benfica, Benfica». Oito «backs» gregos despacham para onde estão virados: o Benfica não encontra a fechadura.

O 11 grego à ponta direita. Sozinho. O 9 grego entre Humberto e Messias. Sozinho. Malta aleija-se: entra Artur. Livre contra o Benfica, baliza escancarada, chute de Gioutsos a beijar o ângulo trave-poste. Calafrios e silêncio.

ENTRE «LEÕES»

Humberto às deixas de Artur, inseguro nos lances de abertura. E, subitamente, o Benfica afunilado: toda a Grécia a meio-campo, José Henrique a berrar com Simões, Toni a chamar Eusébio para ao pé de si, Jordão a rebolear-se pelo chão depois de outra finta sem bola. E, novamente o esférico no fundo das malhas: bola empurrada com a mão. Sinal que os gregos até estavam a pensar num «milagre»...

Três «leões» tomam conta de Eusébio: se ele viesse à cabina, eles não o largariam. Disso, logicamente, beneficiariam dois colegas. Mas, quais? Jordão? Pessimismo. Vitor Martins? Quase o mesmo.

Mais cantos contra o Pireu. Mais chutos por alto. Mais bagunça a meio-campo. O batalhão a cumprir os planos do «general»: e nós todos a vermos o resultado...

O.D.A.

O GOLO

Regresso à esgrima. Artur acerta nas costas do 8: livre contra os portugueses e nova falta de Artur, agora sobre o 9. Na emenda, José Henrique voa de poste a poste.

Cadê Jordão?

Onde está Eusébio?

Onde mora Vitor Martins?

Para quem os centros a primor de Néné?

No banco, a mesma tranquilidade: por alto é que é bom.

Toni atira a um palmo das malhas. E, como um relâmpago na noite tímida, Messias vem lá de trás e faz que sim à bola. Era o golo. E, mais que isso, a providencial retribuição do jogador à confiança depositada no escurinho por Hagan.

Uma vez mais, os santos ao lado do inglês.

O DILEMA DE SIMÕES

Então, acentua-se a pressão rubra. Finalmente, o Benfica tenta jogar pelo chão. Artur sobe de rendimento e começa a dar o tom do ataque: mas Jordão, mas Vitor Martins, mas Eusébio, mas toda a frente continua a andar aos baldões. Messias e Humberto Coelho tornam-se os rematadores de serviço. Nos gregos, entra o 14 e sai o onze: Galaycos por Kritikopolos. Cartão amarelo a Sintopulos (6). Adolfo é tocado: Diamantino entra para a frente e Toni recua para «back».

Logo, logo: Diamantino (alegria e coragem para entrar na muralha) aplica duas «gambetas» a Gaitatsis que lhe entortam os olhos. Humberto aos malmequeres: agora nem sequer tem homem à vista. Outra troca grega: o 15 pelo 9 (Starapoulos por Gioutsos, o melhor das aquelas bandas). E a bola a tornar a andar pelo ar, os bons propósitos de diamantino e Néné a caírem no meio daquele maralhal sem rei nem roque.

Messias: óptimo. Artur: excelente a varrer terreno. Humberto a tentar uma aberta. Toni a bater sesta lá na beira da relva. Jordão outra vez de papo para o ar. Eusébio com o triunvirato de novos amigos. Simões sem saber se devia jogar como sabe, se como lhe queriam impingir.

ACABA A FEIRA

Letreiros de vinho grego («Ouzo») à espera da Televisão que fugia deles como o Benfica do jogo à flor da relva. Artur dá uma cotovelada nas costas do 15 (Starapoulos), o árbitro puxa do «amarelo» para o grego (!), o fiscal de linha emenda metade da burrice e, por fim, quem ouve a reprimenda é Humberto Coelho: que nem é loiro, nem morava naquela história.

Diamantino e Gaitatsis aos pontapés. Livre em cima da hora, apito final, gregos aos abraços com o quase êxito. Garafas no ar e pancadaria bravia na bancada lateral, com gregos a verem-se gregos para encontrarem o último degrau. Campeão e «gentleman». Livramento segura pelo braço um garoto que queria dar «uma trancada naquele malandro grego».

Enfim: o costume em casos destes. Gregos: rápidos, aguerridos, possantes e contentes. Portugueses: às ordens de sua estática magestade britânica.



Lá vem ela pelo ar...



Artur Jorge: «É verdade: nem sequer fui convocado»

OS «TEAMS»

BENFICA — José Henrique; Malta da Silva, (Artur), Humberto, Messias e Adolfo, (Diamantino), Vitor Martins, Toni e Simões; Néné, Jordão e Eusébio.

OLYMPIAKOS — Kelesidis, Gaitatsis, Aggetis, Siokos e Gleros; Sinetopolous, Persidis e Delikaris; Gioutsos, Viera e Kritikopoulous. (Depois: Galagos e Staropoulous)



Os melhores em campo foram três gregos: Gioutsos, Siokos e Sintopulos. No descalabro português salvaram-se Messias, José Henrique e a complacência do público.

despachadas a pingar sobre a grande área grega? Seriam para ser aproveitadas pelo lesionado Vitor Baptista ou pelo forçadamente «doente» Artur Jorge?

Primeiro erro do árbitro: consentir que no banco dos «responsáveis» gregos estivessem 12 pessoas. Qual será o código que permite tal ajuntamento?

Bem: inde de fio a pavo, diremos que o encontro da Luz foi, na primeira, como na segun-

lances que os benfiquistas tentavam em atirar por alto exactamente para as cabeças dos atenienses.

FERVER EM POUCA ÁGUA

Apitadela inicial do árbitro Boosten contra o Benfica: assobios. Logo outra silvada: a favor da casa, e de molde a cati-

INSTANTÂNEOS...
DE LUZ

Fram 21 horas, quando os jogadores do Benfica deram entrada no Estádio da Luz. Eusébio (o capitão) só pedia uma coisa: que a história das assobiadelas de domingo passado, não se repetissem. Porque havia ainda alguns jogadores magoados com o comportamento de um sector de público da bancada de sócios.

Às 21.30 os gregos entraram no relvado da Luz «perdido» ainda na escuridão quase completa. Envergando os seus fatos de treino encarnado, os jogadores do campeão grego ouviram alguns assobios. Já antes alguém ousara criticar a iluminação da Luz?

As bancadas não ficaram totalmente vestidas de público, ao contrário do que tem acontecido em jornadas congêneres anteriores. Será isso, reflexo da confiança que começa a faltar à massa associativa do clube?

Logo numa das primeiras jogadas do encontro, Malta da Silva lesionou-se na execução de um centro bem perto da grande área adversária. Mais tarde (ainda no primeiro tempo) essa lesão agravar-se-ia num lance a meio campo da sua equipa. No entanto Hagan não deu pelo sucedido, tendo sido necessário Toni chegar-se até ao banco dos responsáveis, para chamar a atenção do técnico para a inferioridade física do n.º 2 do Benfica. Só então entrou Artur...

Adolfo (estourado) teve de ser rendido. O escolhido foi Diamantino. Houve quem observasse: andou tantos jogos a experimentar o Moinhos, que acabou por preferir Diamantino que vem de uma longa e arrelviadora lesão...

Ainda na primeira parte, os gregos «marcaram» dois golos. Quando a bola beijou as malhas da baliza à guarda de José Henrique, houve quem se levantasse e gritasse qualquer coisa: eram os adeptos do Olimpiakos que não tinham ouvido o apito do árbitro holandês...

No final do jogo, os jogadores suplentes do campeão grego deram largas ao seu contentamento pelo resultado obtido. Esquecem-se que ainda faltam 90 minutos de jogo.

Também alguns adeptos do clube visitante deram largas ao seu contentamento no final do prélio. Na sua linguagem ininteligível, falavam, falavam, não se percebendo uma: ou antes, percebia-se que todas as frases terminavam com «Caput». Vamos pedir que nos digam qual o significado...

Artur Jorge (o grande ausente) viu o jogo da bancada. Mas, no final, foi às cabinas cumprimentar os colegas...



COTAÇÃO DE 4.ª FEIRA

FUNDOS DE ESTADO

	1955	4905
Cons 2 3/4	1.80	5805
Cons 3 1/2	1.4655	6.00
Centenários		1.4655
Tes 5 % 57		1.0065
Tes 5 % 59		6295
Exter 1 a c		6355
Exter 3 a c		7305
Exter 3 a c		7205
Caut 3 a s		1655

FUNDOS PÚBLICOS

A Lx 6 %	9155	9305
C M L 5 3/4	1.0005	
C P 5 5/8	67	
C P 5 5/8	68	
C P 5 5/8	69	
Corr 5 3/4	9005	9105
Metr 5 3/4	9805	
Tur 5 3/4		
C P 63/4	1.105	1.0105

ELÉCTRICAS

G 5 % 58	8005	8005
G 5 % 59	8005	
G 5 % 62		
G 5 % 63		
G 5 % 64		
G 5 % 65		
G 6 % 67	9705	9705
G 6 % 69	9605	9605
G 7 % 71	1.0105	1.0125
H E C 5 %		
H E C 6 %	7255	
H E C 7 %		
H E N P 5 %	7255	
H E S E 5 %	9105	
H E S E 6 %		
H E Z 5 % 57		9105
H E Z 6 %	7955	8105
H E Z 7 %		
N E C 5 %	7305	
N E C 6 %	9305	
Termoe 5 %		
U E P 5 % 60		
U E P 5 % 63		
U E P 6 %	9205	
U E P 7 %		

DIVERSAS

A P T 5 % 56		8405
A P T 5 % 58		8405
Lisnave 6 %		
Nitratos 60		
Pel 2 a e 3 a		
Sacor 7 %	1.0055	1.0305
Sacor 5 % 54		
Sacor 5 % 60	8555	8555
Sid 5 % 2 a		7505
Sid 5 % 3 a		7505
Sid 5 % 4 a		7505
Socel 5 %		
U Fabril 67	9205	9305
U Fabril 68	9205	

ULTRAMARINAS

Carboni 5 %		6505
Rev 5 % 57		
Rev 5 % 59/60		
Moçamb 5 %	6205	
Sonete 5 %		8205

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	6.6005	6.5505	6.6005
Argave	3.6505	3.6105	3.6505
Alentejo	3.6405	3.6405	3.6505
Angola	7.1005	7.0005	7.1005
Borges & Irmão	10.8005	10.7755	10.8005
Crédito Predial	6.1005	6.1005	6.2005
Espírito Santo	20.0005	19.9505	20.0005
Fomento	7.1005	7.0005	7.1005
F & Burnay			115.0005
Intercontinental Português	30.0005	29.9005	30.0005
N. Ultramarino-m		8.3005	8.7005
N. Ultramarino-c	11.9505	11.9505	12.0005
Pinto & Sotomayor	21.9005	21.8005	21.9005
Portugal-n	6.3005	6.3005	6.3505
Portugal-p	9.6505	9.6505	9.7505
P. Atlântico	18.8505	18.8005	19.0005
Totta & Azevedo	10.9905	10.9505	10.9905

J. BURNAY, Lda

Notas estrangeiras
Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 TEL. 321273



	12-9-73	17-9-73	19-9-73
GERAL	369.7	371.9	372.4
METROPOL	390.0	392.6	393.0
ULTRAM	220.6	219.8	221.6

De Seguros

Alentejo	7005	6505	7705
Bonança	22.0005	21.0005	22.0005
Imperio			49.0005
Mundial	4.6505	4.6005	4.7005
Soberana	7.1505	7.1505	7.2005
Tranquilidade	14.6005	14.5005	14.8005

Electricas

C P E P			
C P E n			
E Beiras			
G Elec c			
H E A A			
H E N P			
H E S E			
U E P			

Ultramarinas

Ag Casseque	1.1605	1.1605	1.2005
Ag Incomat	1.9005	1.9005	1.9205
Ag S T e P	2505	2505	2605
Ag Angola	1.7605	1.7605	1.8005
Ag Angola	3605	3605	
Ang Agric	6805	6805	7005
Boror	2905	2905	3005
Boror Com	905	905	
Buzi	1705	1705	1905
Cabinda		7005	1905
Com Lobito			
D A T 100	2.6705	2.6505	2.6805
H E Revue			6005
I do Princ		5505	6505
Moçambique	3805	3705	3905
Sonete n		4905	
Sonete p		4905	
Zambezia	1155	1155	1185

Diversas

Ag Lx ani			
Ag Lx 34			
Ag Lx 36			
Cel Guadiana			
C Leiria p			
C Tejo p			
F Ramada			
Fornos Elec			
P Celulose			
Siderurgia p			
Siderurgia n			
Socel			
Cidla			
C U F	5.0005	4.9995	5.0005
Intar	7205	7155	7205
Nitratos	1.5505	1.5005	1.5505
Petroquímica	1.7505	1.7005	1.7505
Sacor	6.0005	5.9805	6.0005
Tab. Portugal	8.3005	8.4505	
Tabaqueira	15.9955	15.9905	16.0005
U F Azoto	1.2505	1.2005	1.2505
Empor		5205	
Ind Aliança			
I P Colon	2.2005	2.1505	2.2005
Nac Naveg	3.6505	3.6005	3.6505
Naveg (Col)	2.2005	2.2005	2.2505
P Pesca			1.3005
Matur			
R Marconi			
TAP			
Compal	1.5405	1.5405	
Salvor	4.1505	4.1505	4.2005
Penina	7.3005	7.3005	
Grão-Para	2.3005	2.2505	2.3005
Lisnave	16.9505	16.9505	17.0005
Vidago, P Saig			

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico	274\$80	283\$00
F I D E S		

COTAÇÕES

PAÍSES	COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul Rand	-5-	-5-
Alemanha Marco	95.40	95.70
América		
Dollars de 1 e 2	22.70	23.70
Dollars de 5 a 20	23.00	24.00
Dollars de 50 a 1000	23.20	24.20
Argentina Peso Novo		
Austria Schilling	30	36
Bélgica Franco	360.5	373.5
Brasil Cruzeiro	3.20	4.00
Canadá	22.30	23.30
Dollars de 1 e 2	22.70	23.70
Dollars de notas gr		
Dinamarca Coroa		3.90
Espanha Peseta	40.8	43.3
Francia Franco	5.5	5.50
Holanda Florim	8.60	8.60
Inglaterra Libra	12.00	6.00
Italia Lira	20.6	20.6
Marrocos Dirham		10
Noruega Coroa	4.0	4.0
Suécia Coroa	1.50	5.75
Suiza Franco	7.70	8.05
Ouro		
Inglaterra Libra Isabel	750.00	8.00.00
Inglaterra 1/2 Libra	650.00	700.00
Ouro fino Barra	77.00	87.00

BANCO DO ALENTEJO

GESTÃO DE CARTEIRAS DE TÍTULOS
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS
Praça D. João da Câmara 18 - Telef. 328045
Rua do Ouro 52 - Telef. 30309

televisão

HOJE

1.º Programa (22.05)

Noite de Teatro

«O Caso do Senhor Vestido de Violeta»
Original de Miguel Mihura em tradução
e adaptação de José Baptista

2.º Programa (22.00)

Foi êxito na TV
«Randall e Hopkirk»

MADEIRA SIEMENS

O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa
1.º Período

12.45 Desenhos animados «Bealtes Show»
13.00 Vária
13.15 «Joris em Apuros»
13.45 Telejornal 1.ª edição
14.00 Um dia com
14.15 Logo à noite
14.20 Fecho

2.º Período

19.30 Telejornal 2.ª edição
19.40 Lassie
20.10 Sangue na estrada
20.20 Em foco
20.55 Imagens da poesia europeia
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.05 Noite de teatro «O Caso do Senhor Vestido de Violeta»
23.45 Telejornal 4.ª edição
23.50 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados «Bealtes Show»
20.45 Um dia com
21.00 «Joris em Apuros»
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.00 Foi êxito na TV «Randall e Hopkirk»
22.55 Encontro com o mundo a arte e o homem para o próximo ano em In-Gall
23.25 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa
1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados «Abbot e Costello»
13.00 Feminino singular
13.20 «Um Ano Sem Domingos»
13.45 Telejornal 1.ª edição
14.00 Conheça o Portugal desconhecido
14.15 Logo à noite
14.20 Fecho

2.º Período

19.30 Telejornal 2.ª edição
19.45 Cartaz TV
20.00 Presença do Brasil
20.25 Falando de opera «A Princesa das Czaras» de L. Stein e B. Jenbach
21.00 Cinemateca
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.05 Noite de estreia «A Testemunha do Crime»
23.45 Telejornal 4.ª edição
23.50 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados «Abbot e Costello»
20.45 Vária
21.00 «Um Ano Sem Domingos»
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.00 Convívio musical «Tony Bennett Show»
23.00 Encontro com o mundo Bali

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C. V. P.	56 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C. R. G. E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Aguas	36 1361
P. S. P.	36 6141	Combóios	32 6222

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado para norte do rio Douro com chuviscos e geralmente pouco nublado para sul do referido rio e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	17°
P. DOURADAS	15°
COIMBRA	16°
PORTALEGRE	19°
LISBOA	20°
FARO	21°
FUNCHAL	21°

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA

Máxima 28°

MONTALEGRE

Mínima 4,5°

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 19,5°
Atmosfera 18°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
9.45 3,3 m	2.55 1,6 m
22.47 3,2 m	15.58 1,6 m

Dia 21

11.23 3,4 m	4.35 1,7 m
	17.34 1,5 m

Dia 22

0.13 3,3 m	6.01 1,5 m
12.39 3,6 m	18.45 1,2 m

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado para sul do Mondego e períodos de céu muito nublado para Norte períodos de chuva na faixa costeira para norte do rio Mondego; o vento era fraco.

AMANHÃ

NAScer AS 7.22
OCASO AS 19.37

DIA 26 DIA 4 DIA 12 DIA 18

rádio

EMISSIONA 1.º Programa

16.00 Noticiário
16.05 Ao encontro da melodia
16.30 Convívio Programa da juventude
18.05 O convidado de hoje Paulo Guinard
18.20 Espetáculo Teatro por Figueiredo de Barros
18.40 Música portuguesa
19.10 Selecção das zarzuelas «El Hussard de la Guardia» (Giménez) e de «La del manejo de rosas» (Sorozabal)
20.00 Diário sonoro
20.30 16.º Episódio do folhetim «Os fidalgos da Torre»
20.50 Melodias
21.00 Momento 73
21.20 Música só musica
21.50 Dia a dia com a ciência pelo Dr. Marques da Costa
22.10 Ritos de todo o mundo
23.05 Um dia para o outro por Armando Correia
00.30 Diário sonoro
00.45 Escala na madrugada por Júlia Maria
02.00 Fecho

PROGRAMA EM MF 1 DE LISBOA

23.00 Rádio universidade
00.00 Junção com o 1.º programa

2.º PROGRAMA

16.00 Quequer ouvir?
18.00 Música Portuguesa
19.00 O canto e os seus intérpretes
20.30 Música de Câmara
21.00 Árias de operas de Wagner, pelo tenor Jess Thomas

EMISSIONA 2.º Programa

21.20 Tempo literário
21.45 Pequena suite (Roussel)
22.00 Teatro dos nossos dias pelo Dr. Leopoldo de Araújo
22.46 Scaramouche (Milhaud)
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

RÁDIO CLUBE

ONDA MÉDIA

16.00 Noticiário
16.04 Programa CUC
18.02/21.00 Quadrante 2-9-0
W21.30 Diálogo
21.08 Sessão musical
21.30 Quando o telefone toca
22.05 Antiquário
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens bíblicas
23.19 Grandes orquestras
00.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

LISBOA

TURNO M - 1

(TODA A NOITE)

ALCANTARA
Infante Santo, R. do Olival, 290 (T. 661003)

ALVALADE
Alentejo, Av. da Igreja, 28-B (T. 712682); Estados Unidos, Av. dos Estados Unidos da América, 16-B (T. 725859)

ARROIOS
Brasil, R. Alves Torgo, 29 (T. 46843)

AVENIDAS NOVAS
Cardote, Av. Visconde Valmor, 28-A (à Av. da República) (T. 722291)

BAIXA
Frazão, R. das Portas de Santo Antão, 72 (T. 328180)

BENFICA
Vilex, E. de Benfica, 373-B (T. 780548)

CAMPOLIDE
Imparcial, R. General Tabor, 28 (T. 680931)

CAMPO DE OURIQUE
Almeida, R. Silva Carvalho, 136 (T. 681726)

CONDE REDONDO
Branco, Av. Duque de Loulé, 61 (T. 45048)

GRAÇA
Monte, R. Senhora do Monte, 30-A (T. 867842)

LUMIAR
Patoleira, R. do Lumiar, 122 (T. 790332)

MADRAGAÇA
Lys, R. da Esperança, 17 (T. 660913)

OLIVAIS
Central, R. Alferes Barrilero Ruas, 7-C (Oliva-Norte) (T. 315539)

PEDROÇOS
Restelo, R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C (T. 610741)

PICHELEIRA
Marluz, C. da Picheleira, 140-B (T. 720703/728391)

RESTELO
Restelo, R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C (T. 610741)

SANTO AMARO
Santo Amaro, R. Filinto Elísio 29-A (T. 637070)

S. PAULO
Ultramarina, R. de S. Paulo, 99-101 (T. 321771)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sirius, R. Fialho de Almeida, 39-A (T. 44000)

CAMINHOS DE FERRO

Alves de Carvalho, R. Vale de Santo António, 7-9 (T. 480125)

CAMPOLIDE
Rualto, Alto de Varvalhão, 5-B (T. 651721)

CAMPO DE OURIQUE
Condestável, R. Coelho da Rocha, 119 (T. 66606)

CHARNECA DO LUMIAR
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (T. 790969)

CHIADO
Durão, R. Garrett, 92 (T. 324166)

ESTRELA
Gama, C. da Estrela, 130 (T. 660339)

GRILLO
Griló, R. do Grilo, 25 (T. 385264)

OLIVAIS
Fernando Borges, R. Cidade de Benguela, lote 300 (Oliva-Norte) (T. 311091)

PENHA DE FRANÇA
Dimar, R. Conde de Monse-raz, 17-B (T. 842538)

S. MAMEDE
Cunha, R. da Escola Politécnica, 16 (T. 325455)

Linha de Cascais

ALGÉS
Miramar, R. Ernesto Silva, 81 (T. 212048)

CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (T. 2432034)

OEIRAS
Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090)

PAREDE
Aisr, Av. Gago Coutinho B. das Caixas de Previdência (T. 2472948)

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, (T. 263052)

ESTORIL
Ostende, R. de Espinho, 1 (T. 261391)

CASCAIS
Cordeiro, Av. Comb G. Guerra, 40 (T. 280170); Nova, Est. de Alameda-Fontainhas (T. 281044)

Linha de Sintra

AMADORA
Dias, Av. Marquês de Pombal, lote 9 (T. 934589); Campos, R. Elias Garcia, 185 (T. 930072); Clabel, R. António Sardinha, 23-D (T. 938551)

DAMAIA
Confiança, Est. Militar, Lote D (T. 9710231)

VENDA NOVA
Girassol, R. Elias Garcia, 17-C (T. 974161)

QUELUZ
Zeller, R. da República, 83 (T. 950045); Correia, L. do Mercado, 3 (T. 950906)

CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (T. 2942181)

MEM MARTINS
Quimica, Est. de Mem Martins, 285 (T. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (T. 980456)

SINTRA
Misericórdia, L. dr. Gregório de Almeida, 2 (T. 980391)

COLARES
Abreja, (T. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 234100)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 224250)

ALMADA
Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (T. 270504)

BAIXA DA BANHEIRA

Nova Fatima, Est. Nacional 221-B (T. 224141)

BARREIRO
Moderna, R. D. Henriqueta Gomes de Araújo, 12 (T. 2073443)

COVA DA PIEDADE
Rainha Santa, Est. das Barracas, 50-A (T. 2760182)

MOITA
União Moitense, Av. dr. Teófilo Braga (T. 239029)

MONTIJO
Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (T. 230156)

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (T. 229028)

SETUBAL
Bocageana, R. do Romeu (T. 23425); Bairos, B. Santos Nicolau (T. 23330)

SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (T. 2218560)

PORTO

9.º TURNO

SUB-TURNO A

Barreiros, Rua de Serpa Pinto, 8. Martim, Sucr., Praça Mar. de Pombal, 122. Pombal, C. Mártires da Patria, 152. Pretada (da), R. Central de Francos, 316. R. Roque da Lameira, R. S. Roque Lameira, 1111. S. da Bandeira, R. S. da Bandeira, 236.

SUB-TURNO B

Ameal, R. do Ameal, 1227. Campo Alegre, R. do Campo Alegre, 723. Ferreira da Silva, R. dos M. da Liberdade, 150. Peninsular, R. Chã 100. 102. S. Lázaro, Av. Rodrigues de Freitas, 297.

COIMBRA

TURNO J

Machado, R. Bernardo de Albuquerque (T. 23767). Sitália, Largo da Sé Velha 13-14 (T. 23234). Luciano e Matos, R. da Sofia, 7-11 (T. 22147)

ROXY (T. 48560), 14.00 - 16.30 - 19.00 e 21.45 Grupo D (18 anos) 2.ª Semana! Technicolor. Duatin Hoffman. ALFREDO ALFREDO, um filme de Pietro Germi (Metro Intendente)

CONDES (Tel. 322523-3267 01) 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45 Grupo D (18 anos) 4.ª Semana LIÇÃO PARTICULAR. Com Nathalie Delon

LONDRES (Tel. 731313) 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45 Grupo D (18 anos) 5.ª Semana Da mulher objecto à mulher pessoa. Jane Fonda no filme de Joseph Losey. A CASA DA BONECA.

EDEN (Tel. 320768) 15.30, 18.30 e 21.45 Grupo C (14 anos) Eastmancolor. António Sabato, Chris Avram. OS SEM DEUS.

POLITEAMA (Tel. 326305) 15.15, 18.15 e 21.45 Grupo D (18 anos) 2.ª Semana! Karl Malden, Raf Valone e Olivia Hussey em UM VERÃO PARA MATAR. Eastmancolor. As 00.30 h. Grupo D (18 anos). Ciclo Terror à meia noite. Amanhã: A OBSESSÃO DE JOEL DELANE. Sábado: O VAMPIRO.

EUROPA (Tel. 661016) 15.15 - 21.30 Grupo D (18 anos) Color 3.ª semana! A VINGANÇA DO DRAGÃO NEGRO.

MUNDIAL (Tel. 538473) 15.15, 18.30 e 21.45 Grupo D (18 anos) Eastmancolor. INSTINTO DE MATAR. Jean Gabin, Bernard Blier.

ROYAL (Tel. 865037) 15.00 e 21.00 Grupo B (10 anos) SONHOS DE UM VELHO MARI-NEIRO. Em complemento: OS HIPPIES E OS GANGSTERS.

ODEON (Tel. 326263) 15.15, 18.15 e 21.30 Grupo B (10 anos) Grande êxito da Alta comédia musical a cores. MARISOL, PRINCE-SA SEM PRINCE. Conheceu a felicidade enquanto ele não descobriu quem ela era. Canções e ba-lados.

cinemas

ESTÚDIO (Tel. 55310) 15.30, 19.30 e 21.45 Grupo D (18 anos) 2.ª Semana A polémica obra-prima de Glauber Rocha. ANTONIO DAS MORTES. Colorido (Metro Alameda)

CINEARTE (Tel. 660446) Encerrado temporariamente para re-feciações

CINEMA CASTIL (Tel. 530194) 15.30, 18.30 e 21.45 Grupo D (18 anos) 5.ª Semana! Gene Hackman e Al Pacino. O ESPANTALHO. (Estacionamento: Par-que Castil).

SATÉLITE (Tel. 50595) 15.30 - 18.30 e 21.45 Grupo D (18 anos) 3.ª Semana! Adrian Bogdan e Marcel Berleau. A APAIXONADA. Colorido.

BERNA (Tel. 776098) 15.15 - 18.30 e 21.45 Grupo D (18 anos) 5.ª Semana. Scope. Eastmancolor. O novo fenómeno do filme de acção Bruce Lee. O IMPLACÁVEL. Big Boss.

MONUMENTAL (Tel. 551310) 15.00 e 21.30 Grupo C (14 anos). Cor de Luxe. 17.ª Semana! 3 Oscars. 8 Prémios Internacionais. UM VIOLINO NO TELHADO.

TIVOLI (Tel. 50595) 15.15 - 18.30 - 21.45 (Grupo D (18 anos). 13.ª Semana! Technicolor. Um autêntico acelerador de malandrice, mas... CUIDADO COM AS CURVAS.

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095) 15.30, 18.30 e 21.45 (Grupo D - 18 anos) 3.ª Semana! Alain Delon e Mónica Vitti em O ECLIPSE.

ESTÚDIO APOLO 70 (Tel. 763319) 15.15 - 18.30 e 21.45 Grupo D (18 anos) 6.ª Semana! Technicolor. Um filme de Hal Ashby. ENSINA-ME A VI-VER. Com Ruth Gordon e Bud Cort. Hoje às 24.00 horas. Clássicos a meia noite. Grupo D (18 anos). ELVIRA MADIGAN. de Bud Wider-berg.

ESTÚDIO APOLO 70 (Tel. 763319) 15.15 - 18.30 e 21.45 Grupo D (18 anos) 6.ª Semana! Technicolor. Um filme de Hal Ashby. ENSINA-ME A VI-VER. Com Ruth Gordon e Bud Cort. Hoje às 24.00 horas. Clássicos a meia noite. Grupo D (18 anos). ELVIRA MADIGAN. de Bud Wider-berg.

IMPÉRIO (Tel. 551345) Estreia às 21.30 Grupo C (14 anos) Eastmancolor. Richard Roundtree, Chuck Connors e Max Von Sydow. ASILOPOLÍTICO. As 15.15 Grupo D (18 anos). A IMAGEM DO MEDO.

VOX (Tel. 720808) 15.15, 18.30 e 21.45 Grupo D (18 anos) 5.ª Semana! Ele seduziu as mais belas mulheres Richard Burton. BARBA AZUL. Eastmancolor

AVIZ (Tel. 47163) 15.30 e 21.45 34.ª Semana CONTINUAR A CHAMAR-ME TRINI-TA. c. Terence Hill e Bud Spencer Todos os dias às 18.30 Grupo A (6 anos) Marisol em UM RAIÃO DE LUZ. Eastmancolor

ROMA (Tel. 727778) 15.30 e 21.45 Grupo A (6 anos) Eastmancolor 8.ª Semana. Les Char-lots. OS MALUCOS DA CASERNA. Todos os dias às 18.30 h. Grupo A (6 anos). Technicolor. PPI DAS MEIAS ALTAS. As histórias da Pippi em alburns coloridos, a venda nas livrarias Publicações Dom Qui-xote.

S. JORGE (Tel. 54154/54153) 15.15, 18.15 e 21.30 Grupo B (10 anos). Grande êxito em 2.ª Semana. Falado em portu-guês. LUCKY LUKE, O DESTEMI-DO.

ALVALADE (Tel. 77480) 15.15 e 21.45 (Grupo D - 18 anos) Ea tmancolor - Robert Quarry e Martha Harley. YORUA O RIVAL DE DRACULA. Todos os dias às 18.30 Eastmancolor. Grupo A (16 anos). OS ALEGRES PIRATAS DA ILHA DO TESOURO.

CASINO ESTORIL (Tel. 46264862) 15.30, 18.30 e 21.30 Grupo C (14 anos) OS EMIGRANTES. Com Max Von e Liv Ullmann.

RESTELO (Tel. 40604/5) 21.30 (Grupo D - 18 anos) HOMENS SEM AMANHÃ. Com Vic Morrow e Alan Alda Technicolor

BARS BOITES

DANCINGS

ESPADARTE CLUB Sesimbra Dis-coteca c. peq. progr. de fados e musica de folclore às 2.ªs, 3.ªs, 4.ªs e 6.ªs. Encerrado aos domín-gos. Tel. 229189.

NINA Dancing com atrações. Rua Paiva de Andrade, 7-13. Telef. 34589-365167

CASINO ESTORIL Jogo autoriza-do. Variedades internacionais. Te-lefones 26461, 264526, 264596, 264621 e 264946

HIPOPÓTAMO Com Helder Reis Encerra aos domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 44384

SOLAR DA HERMINIA Herminia Silva hoje e sempre. Largo Trinda-de Coelho, n.º 10 e 11. Encerra aos domingos. Telef. 320164

TAMILA Marão e s. conjunto. Ma-tinees todos os dias. Encerra aos domingos. Avenida Duque de Lou-lé, 69. Telef. 534117

SAN-PAYO Bar-boite c/ musica constante. Aberto até às 5 h. da madrugada. Rua Rodrigues Sam-paio, 34. Telef. 561422 (Ar condi-cionado)

CACO Dancing com musica am-biente, com singular quarteto. Rua Camilo Castelo Branco, 23-A

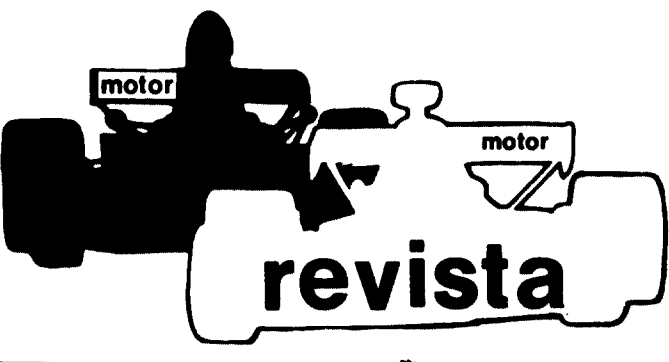
Exposições

ARCADAS DO PARQUE Traba-lhos de Branca de Aquino (das 10 às 22 h.).

PALÁCIO VANDERLINS (Sintra) Trabalhos de Cândida Cunha (das 10 às 12 e das 14 às 20 h.)

CASINO ESTORIL Pinturas de Peter Nijinsky (das 15 às 3 h.).

BELAS-ARTES Exposição per-manente da organização da Socie-dade Nacional de Belas-Artes (das 14 às 20 h.)



ESTORIL Casinó 13.30, 18.30 e 21.30 (14 anos) Os emigrantes.

MOSCAVIDE 21.00 (18 anos) Cães de palha.

PROMOTORA 21.0 (18 anos) Zapala.

Sociedade Odalense 21.30 (10 anos) O túmulo do pistolero.

SACAVÉM S. José 21.00 (18 anos) X, Y e Z.

Linha de Cascais

ALGÉS Stadium 21.30 (14 anos) Seu nome era Espirito San-to.

OEIRAS Oeiras-Cine 21.00 (10 anos) O magnifico Robin Hood.

PARADE Royal-Cine 21.15 (18 anos) O homem perdido.

Linha de Sintra

DAMAIA D. João V 21.30 (10 anos) Laligo.

QUELUZ Queluz Cinema 21.15 (18 anos) A morte é mulher.

MEM MARTINS Cine Chaby 21.30 (18 anos) O Padrinho.

OUTRA BANDA

COVA DA PIEDADE União Artística 21.15 (18 anos) O homem que veio do pas-sado.

ALMADA Incrível 21.15 (18 anos) Os galos da madrugada.

LARANJEIRO Instrução e Recreio 21.30 (18 anos) A dama vermelha mata sete vezes.

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA 21.45 (18 anos) Dois num guarda vestidos.

PORTO/Cinemas

S. JOÃO 15.30 e 21.30 De tinos nas trevas.

JULIO DINIS 2.30 (0 anos) Continuaram a chamar-me Trinita.

VALE FORMOSO 15.30 (14 anos) O Invenível.

RIVOLI 21.30 (18 anos) Divórcio.

TRINDADE 21.30 (10 anos) A Queda do Império Roma-no.

OLÍMPIA 21.30 (14 anos) Os que não perdoam.

AGUIA D'OURO 21.30 (18 anos) Big Boss o Implacável.

COLISEU 21.30 (14 anos) O direito de nascer.

CARLOS ALBERTO 21.30 (10 anos) O ladrão de Bagdad e Aca-ba com eles e volta só.

TERÇO 21.30 (14 anos) A Vingança de Django.

PASSOS MANUEL 21.30 (10 anos) Continental circus.

BATALHA 15.00 (18 anos) Boneca perigosa.

ESTÚDIO 21.30 (18 anos) Perseguição impiedosa.

COIMBRA

AVENIDA 21.30 (10 anos) Os revólveres do Cano.

Bombeiros Voluntários 21.45 (18 anos) A sétima mulher de Henri-que VIII.

TIVOLI 21.30 (10 anos) O As vale mais.

GIL VICENTE 21.30 (10 anos) O Desafio das águias.

DL/GERAL



RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIO DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185 1.º 2.º E 4.º
TELEF. 654531/2 3 4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA 57
END. TEL. DIBOA. TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

Iate africano encalhou no Bugio

A poucos minutos do princípio do dia de hoje os pilotos da barra de Lisboa, foram alertados de que havia encalhado um iate nos areais do Bugio. Para a zona seguiu o rebocador «Piloto-Mor Florêncio» que logo tratou de arrancar do local o barco em apuros. Tratava-se do «Avillion II» com matrícula da África do Sul.

Os esforços dos pilotos só foram coroados de êxito cerca das 4 e 25 da madrugada. O iate, sem qualquer avaria de tomo, seguiu para a doca do Bom Sucesso, onde se encontra ancorado. O pequeno barco apenas trazia três homens, os quais, para além do susto, nada sofreram.

INSTITUTO COMERCIAL

Os exames de admissão ao Instituto Comercial iniciam-se amanhã, às 10 horas, na sede daquele estabelecimento de ensino, na rua das Chagas.

MENOS PORTUGUESES EMIGRAM PARA O BRASIL

RIO DE JANEIRO, (F.P.) — O Brasil deixou de ser o país mais procurado pelos emigrantes portugueses, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) publicados pelo «Estado de São Paulo».

Dos 54.000 portugueses que deixaram legalmente Portugal no ano passado, apenas 1158 vieram para o Brasil, e 160 destes retornaram.

Segundo as estatísticas da I.B.G.E., a maioria dos lusitanos que emigraram em 1972 foram para outros países da Europa. Na América, os Estados Unidos e o Canadá acolheram mais portugueses que o Brasil, com, respectivamente, 7574 e 6854.

TEATRO EM CAMPOLIDE

O espectáculo a «Farsa do Advogado Pathelin», adiado por motivos estranhos ao grupo de Campolide será estreado no próximo sábado dia 22 pelas 22.00 na R. Marquês da Fronteira 163-1.º, Lisboa.

A peça é de um autor anónimo, francês, do século XV e foi encenada por José Martins.

Este espectáculo voltará à cena no domingo dia 23 à mesma hora e no mesmo local.

CANDIDATOS A ENFERMAGEM

Foi baixada para 16 anos a idade mínima dos candidatos ao curso de enfermagem geral, e para 17 anos no que se refere aos restantes cursos ministrados nas escolas de enfermagem.

VIAGENS EXCURSÕES CRUZEIROS
paneuropa
Braamcamp 11 Telef. 563401 Lisboa

obtenção urgente de passaportes

NOVOS CURSOS

cial
CENTRO DE LINGUAS

LISBOA * COIMBRA
T. 533733 T. 23173



A União Soviética e a Ocidental Petroleum Corp., dos Estados Unidos, assinaram um acordo para a construção em Moscovo de um centro internacional de comércio destinado a incrementar os negócios soviéticos com o estrangeiro. O centro, de que a telefoto mostra um anteprojecto, custará 110 milhões de dólares. Armand Hammer, o presidente da Ocidental, afirmou que várias firmas americanas estão a ser consideradas para o trabalho de arquitectura e de engenharia. (UPI-Telimprensa-DL).

TRANSFERÊNCIAS DE JUÍZES EM TODO O PAÍS

A abertura do ano judicial de 73/74, em 1 de Outubro próximo, vai encontrar novos juizes titulares em largo número de tribunais do País. As nomeações, transferências e promoções constam duma lista de muitas dezenas de nomes, tornada pública ontem.

O movimento judicial atingiu a maioria dos tribunais civis e correctionais de Lisboa e do Porto. Os novos titulares deverão tomar posse até ao princípio do mês.

O presidente do 3.º Círculo Judicial de Lisboa é o corregedor António Carlos Vidal de Almeida Ribeiro, que exercia funções na 5.ª Vara Cível.

O 1.º Juízo Criminal de Lisboa, de que era titular o dr. Bernardino de Sousa (que presidiu ao tribunal em que foi julgado António Champalimaud e

que era 1.º acesor do Plenário da Boa-Hora), tem agora como corregedor-presidente o dr. Adelino Barbosa de Almeida. O dr. Guilherme Lourenço Pinheiro, que era corregedor-auxiliar do mesmo juízo, foi colocado como corregedor do 2.º Juízo do Tribunal de Família de Lisboa.

Vão ter novos presidentes a 1.ª, a 2.ª e a 5.ª Vara Cível de Lisboa, a 2.ª Vara Cível do Porto e os círculos judiciais de Faro, Leiria, Évora, Figueira da Foz, Barcelos, Barreiro, Funchal, Oliveira de Azeméis, Guimarães, Tomar, Portimão e Setúbal.

O subdirector de Lisboa da Polícia Judiciária, dr. Araújo e Sá, foi promovido a juiz de 1.ª classe, permanecendo porém nas suas funções. Foram entretanto promovidos a juizes de 3.ª

classe dois delegados do Procurador da República de 1.ª classe servindo como inspectores da mesma Polícia: os drs. Alfredo de Sousa e José Manuel Azambuja Fonseca. O primeiro continua na P.J., o segundo foi colocado na comarca de Moura.

Os Juizes de Instrução Criminal de Lisboa e do Porto têm novos auxiliares: os drs. Vítor Sá Pereira (que era adjunto-auxiliar do Procurador da República na Relação de Lisboa) e Jorge Remigio Pereira Lopes (que tinha idênticas funções na Relação do Porto).

Foram também nomeados os procuradores da República junto das Relações do Porto e de Évora: são os drs. José Alexandre de Paiva Mendes Pinto e José Maria Sampaio da Silva.

A mesma movimentação judicial atinge ainda grande número de comarcas em todo o País.

Escândalo na Ópera de Londres CALLAS CANCELOU O SEU REAPARECIMENTO

A cantora de ópera Maria Callas lançou ontem uma bomba nos meios artísticos internacionais através de um telefonema de cancelamento do espectáculo marcado para sábado à noite no «Festival Hall» de Londres.

A chamada telefónica desatou centenas de admiradores que tinham pago, em alguns casos, 110 libras (cerca de seis mil escudos) no mercado negro por bilhetes para o primeiro espectáculo na Inglaterra depois de uma ausência de oito anos.

Estava previsto ser o espectáculo do ano e cerca de 3000

admiradores apressaram-se para a obtenção dos 3 000 lugares num frenesi idêntico ao causado pelos ídolos «pop».

Na sua chamada telefónica de Milão, Maria Callas, de 49 anos, informou o director artístico do «Festival Hall», Sander Gorlinsky, que sofria de uma infecção na vista. E confirmou mais tarde por telegrama esta informação.

O médico ordenou-me que descansasse pelo menos seis semanas. Estou muito triste por desanimar o meu público — diz o telegrama — contudo, o médico assegura-me que estarei apta

para o espectáculo para fins de Novembro.

Esta afirmação alegrou os admiradores que, não tendo tido a oportunidade de comprar bilhetes para o primeiro espectáculo, tinham comprado para o segundo, programado para 26 de Novembro.

Entretanto, a empresa reembolsa pelo valor facial os bilhetes referentes ao primeiro espectáculo ou revalida-os para o segundo. Alguns dos admiradores pagaram por bilhetes com valor facial de 10 libras a importância de 110 libras.

NOTAS VÁRIAS

DR. CÉSAR MOREIRA BAPTISTA

O dr. César Moreira Baptista, secretário de Estado da Informação e Turismo, inaugura no Porto, no próximo sábado, as novas instalações da delegação daquele departamento governamental. Antes, em Ovar, visita o Museu Regional — e em Gondomar visita uma exposição de ourivesaria artesanal. À noite, assiste a um festival integrado no III Seminário de Folclore do Norte.

VISITA MINISTERIAL CONTRA O FOGO

No fim de semana, o secretário de Estado da Agricultura, prof. Mendes Ferrão, visita as regiões do Norte atingidas pelos incêndios de Julho e Agosto. Entrará em contacto com técnicos florestais, nomeadamente os do Parque Nacional da Peneda (Gerês). Objectivo da visita: apreciar problemas referentes à protecção contra fogos.

FIM DAS JORNADAS CORPORATIVAS

Terminam esta noite, sob a presidência do secretário de Estado do Trabalho e Previdência, as Jornadas Corporativas do Distrito de Santarém, integradas nas comemorações do 40.º aniversário da promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional. Profere uma conferência o dr. Basílio Horta.

MONSENHOR AVELINO GONÇALVES

O sacerdote e jornalista mons. Avelino Gonçalves, director do nosso prezado colega «Novidades», foi condecorado com o grau de grande-oficial da Ordem Militar de Santiago da Espada.

EXPOSIÇÃO MUNDIAL DE PESCA

Partiu para Vigo uma missão de estudos composta por dezasseis industriais de conservas de peixe, um grupo de consultores da especialidade e um técnico do Fundo de Fomento de Exportação. O grupo, que viaja com o patrocínio daquele organismo, visitará a Exposição Mundial da Pesca, que está a decorrer naquela cidade espanhola.

GOVERNADOR NA CHARNECA

O dr. Afonso Marchueta, governador civil do distrito de Lisboa, vai no domingo à freguesia da Charneca, onde visitará, pelas 17 e 30, a sede do Clube Desportivo Local.

O governador Afonso Marchueta presidirá a uma sessão com a qual se encerrarão as comemorações do 40.º aniversário da colectividade.

INSPECTOR GERAL DO ENSINO PARTICULAR

O dr. Aldónio Gomes foi nomeado, por despacho conjunto do Presidente do Conselho e do ministro da Educação Nacional, Inspector-Geral do Ensino Particular. Outro despacho conjunto nomeia o prof. Nornha Feio para o cargo de Director-Geral dos Desportos, conforme já é do domínio público.

O novo inspector geral do Ensino Particular, que desde 1965 até Abril último foi director da Telescola, é uma figura bem conhecida dos telespectadores, devido ao seu justamente apreciado programa «Língua Portuguesa», que em 1971 mereceu o prémio da Imprensa.

FESTIVAL DE LUXO

A FAVOR DO HOSPITAL INFANTIL DE S. JOÃO DE DEUS DE MONTEMOR-O-NOVO

CAVALEIROS

J. MESTRE BAPTISTA
L. MIGUEL DA VEIGA
JOSÉ JOÃO ZOIO

ESPADAS

JOSÉ FALCÃO
RICARDO CHIBANGA
"CURRILHO"

NOVILHEIROS CARLOS PIMENTEL • JAIRÓ ANTÓNIO (Espanhol)

FORCADOS AMADORES DE MONTEMOR-O-NOVO capitaneados por António José Zuzarte



Grupo A - maiores 6 anos

CAMPO PEQUENO

Hoje às 22 horas

8 TOIROS DE OLIVEIRA & IRMÃOS e CABRAL ASCENSÃO

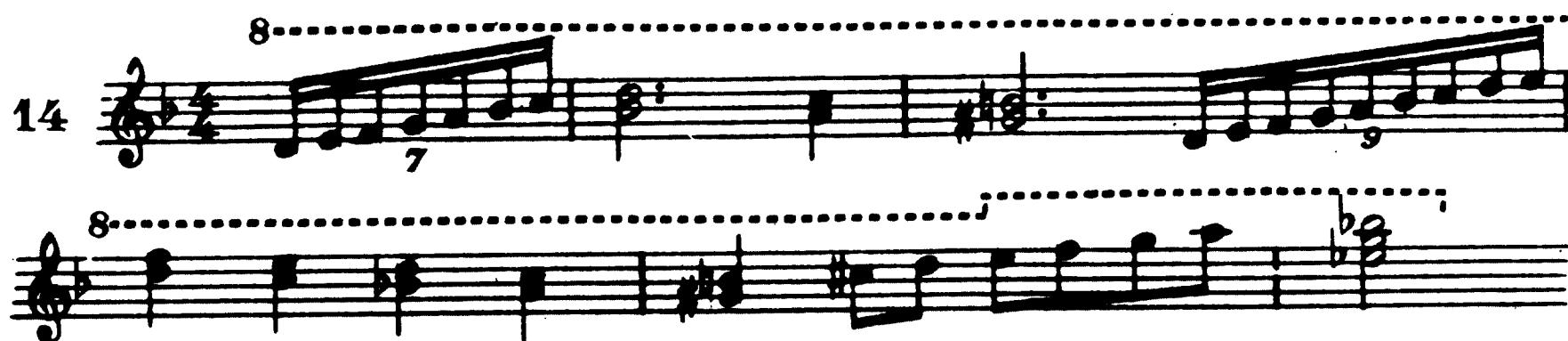
RUBEN A.

SILÊNCIO PARA 4

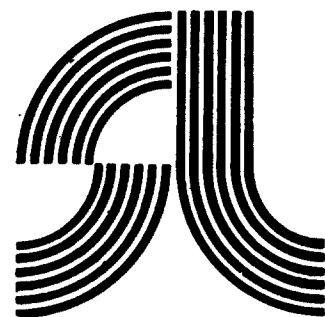
O DIÁLOGO EM ROMANCE DIFERENTE

MORAES

EDITORES



SUPLEMENTO LITERÁRIO



INTERVENÇÃO CRÍTICA

FERNANDO LUSO SOARES

"A AVENTURA CRIOULA", de Manuel Ferreira



Manuel Ferreira

Decorridos seis anos sobre a publicação da síntese étnica e cultural de Cabo Verde levantada por Manuel Ferreira com larga informação e agudo espírito, volta-nos agora esta sua obra à presença. «A Aventura Crioula» (de 1967) reaparece com o mesmo prefácio de Baltasar Lopes, o erudito escritor que seleccionou a *Antologia da Ficção Cabo-Verdiana Contemporânea*. Este prefácio revive os exactos termos da edição anterior. Mas o texto mostra-se com ampliação de conteúdo capaz de definir a posição cultural de um ensaísta que não estratifica nem sedimenta.

Do ponto de vista esquemático, relativamente uma a outra, oferecem-nos as duas edições (a de 1967 e esta de 1973) patentes diferenças que se revelam notórias a partir do quarto capítulo — «A morna — expressão de lirismo». Este ensaio está hoje precedido de uma introdução. Mas quanto a ele verifica-se também a inclusão de novos números ou parágrafos. Designadamente os que abordam em concerto o tema da «morna». No antigo texto o tema ficava-se por uma interrogação genérica da origem daquela. Raiz africana? Raiz europeia? Agora, porém, vai mais longe a exploração, até esta outra pergunta destinada ao alcance de uma maior tipicidade: — será a «modinha» portuguesa a ancestral primeira da morna cabo-verdiana?

Mas deixemos as questões particulares do livro, que seriam incomportáveis no parco texto de uma crítica, e olhem-o antes mais do alto, isto é, na sua perspectiva essencial.

Manuel Ferreira é um escritor inquieto — sinal vivo de uma inteligência analítica. Por isso mesmo foi ele modificando e reelaborando o texto primitivo. Aliás, já o de 1967, quando publicado, não correspondia ao original que tinha servido à leitura para o prefácio de Baltasar Lopes. Isto é o que sabemos pela nota final (a pág. 269) do volume que se integrava na «Coleção Poesia e Ensaio» da Ulisseia. Agora, na edição actual da Plátano, temos de novo a refusão, a reescrita, a reelaboração do pensamento que confirma ou corrige, de algum modo, a forma primitiva.

Manuel Ferreira pratica assim a legítima forma do ensaio. E nos precisos termos que nos vêm de um António Sérgio: — crítica e exame, treinamento e pedagogismo, ginástica mental e análise, avaliação de ideias e contrastarias, aventamento de hipóteses e movimentação dialéctica do espírito investigador. Neste esquema — diria, por exemplo, Sílvia Lima a págs. 165 do seu «Ensaio sobre a Essência do Ensaio» — estão incluídas todas as características constitutivas da verdadeira feição ensaística. O que na origem coincide, entretanto, com a frase básica do velho Montaigne: «Je sais par expérience». E é isso: — Manuel Ferreira, o que sabe, tem-no pela acção intensa e inteligente da sua experiência vivida em Cabo Verde.

Eis o caso do mutativismo interno de «A Aventura Crioula». Escritor metropolitano, mas enraizado na compreensão do fenómeno sociocultural do arquipélago o romancista de «Hora di Bai» exercita o espírito com esta nova edição da sua obra. Pratica uma progressão lógica e evita, com o uso da dialéctica, o delírio impressionista. Os seus textos — situados, decerto, no plano experimental de um conhecimento que se vai significando em formas de síntese — não se deixam dominar por acidentes humorais, tão viáveis em matérias susceptíveis das maiores e mais irracionais paixões, como é a das relações euro-africanas no tempo actual. Daí provém o tom sereno deste seu livro. A «síntese

étnica e cultural» de Manuel Ferreira mostra-se-nos num contraponto extremamente rigoroso. Defrontam-se a consciência interior daquele que escreve com a temática exterior sob análise. «A Aventura Crioula» resulta, por isso, num caso de verdadeira ascese literária. De domínio do tema, o mais inteligente e preocupado. De psicométrica cultural, aturadíssima, eficaz.

Mas como partiu Manuel Ferreira para esta experiência, sem dúvida provocada pelo exemplo proposto pela Unesco, entre outros, quanto ao estudo das Antilhas francesas, confiado em 1955 a Michel Leiris?

Baltasar Lopes o notaria desde logo, à porta inicial do seu prefácio. Interviu Manuel Ferreira no processo cultural de Cabo Verde munido da condição (indispensável ao estudioso) de uma total ausência de preconceitos. Ele não pertence — diria Baltasar Lopes — ao número daqueles que, ou apressados ou dogmáticos, à viva força pretendem enquadrar Cabo Verde e o seu caso específico numa premeditada moldura.

E que situação se deparou ao escritor proficiente, enquanto assim se entrega ao estudo e à análise dos problemas da sociedade do arquipélago? Quais enfim os factores que lhe poderiam eventualmente tentar o desvio da compreensão?

Segundo resulta do final do texto na primeira edição, ele produziu este livro (pelo menos a sua parte básica) nos últimos dos anos cinquenta. No clima das relações internacionais com forte acento marcado pelo pós-guerra mundial, dominava o conflito entre a velha tese de Gobineau — da inferioridade rática do afro-negro — e a moderna antropologia cultural. Lévi-Bruhl arpejava caminho à sua teoria do comportamento espiritual «pré-lógico» do homem primitivo, para reconhecer e afirmar que a estrutura lógica é igual em todos os seres humanos. Em 1952 Franz Fanon publicava «Peau Noir, Masques Blancs». Em 1939, o «Cahier d'un Retour au Pays Natal» d'Aimé Césaire. Ao mesmo tempo contrapunha-se uma corrente que sustentaria ainda a «clássica» ideia da antinegitude, ideia sustentadora, além do mais, de que a «negritude» não passava de um «mito» (Cfr. por exemplo junto de *Nación y Alienación en la Literatura Negro-Africana*, de Fernando Moran). E acresce ainda que em regra a situação do escritor africano seria, de forma genérica, a de se lhe deparar uma estrutura devoluta. Ele via-se obrigado, mercê do vazio cultural da sua posição pós-colonial, a criar um conjunto de valores deduzido desse mesmo vazio.

Diante de semelhante quadro se encontrou Manuel Ferreira enquanto (em 1958, salvo erro) se vota ao estudo da conjuntura socio ou cultural do arquipélago. Um dos seus grandes méritos reside precisamente, despoído de quaisquer preconceitos — como anotaria Baltasar Lopes no aludido prefácio de *A Aventura Crioula* — no ter sabido captar aquilo que acontecera com o homem cabo-verdiano, mais particularmente com o escritor de Cabo Verde. «Cultura» e «Sociedade» aparecem-nos neste livro como realidades coerentes ou harmónicas, o que se dirá constituir desde logo um curioso estádio social na solução das contradições. Daí a sua pergunta sobre se a «cabo-verdianidade» traduz ou não uma expressão original.

Esta é concretamente a matéria do sexto capítulo de *A Aventura Crioula*. Ela arranca desde os problemas levantados pela existência da revista «Claridade», que tomou vulto na literatura cabo-verdiana e que de certo modo representa uma curiosa antecipação do neo-realismo, e decorre num longo itinerário até àquela interrogativa sobre a vivência positiva de uma verdadeira literatura específica. E, naturalmente, colocado perante as coordenadas que eram de assinalar, Manuel Ferreira reflecte o substracto etnológico do problema. *Negritude?* Cabo-verdianidade? Que lugar compete ao negro naquele processo cultural: justaposição de culturas?, alienação? ou antes fusão harmónica?

A pergunta já aliás vinha feita, pelo respectivo autor, desde o prefácio à *Antologia da Poesia Negra de Expressão Portuguesa*. O próprio Aimé Césaire — em quem André Breton veria ressaibos de autêntico surrealista — admite, relativamente ao contacto dialéctico de estruturas europeias e negras, a formação de uma cultura mestiça desalienada. Baltasar Lopes igualmente o reconheceria. E Manuel Ferreira também. Harmonização esta que então havia de ser de molde a possibilitar uma literatura específica, autonomamente cabo-verdiana.

Foi em Cabo Verde, assim o notariam António José Saraiva e Oscar Lopes na *História da Literatura Portuguesa*, que em primeiro lugar se esboçou uma temática específica, temperamentalmente própria e desde logo diferenciável. O mesmo do arquipélago repara por seu turno Manuel Ferreira, logrou aquele difícil equilíbrio de forças que — no dizer de Césaire — poderá obstar à alienação cultural. Por isso se afirma em *A Aventura Crioula* que Cabo Verde é um capítulo surpreendente da sociologia moderna. Não é comum depararmos-nos ali elementos que se identifiquem com as linhas gerais de uma negritude como tal definida. Haverá que falar, sim, em cabo-verdianidade (cfr. a pág. 325).

Por tal motivo o remate do livro, cujo título o autor insiste em grafar maiusculadamente na edição actual (tal como na anterior), intitula-se «Simbiose: semente do futuro». E repare-se, ao mesmo tempo, ainda neste factor importante: Baltasar Lopes sustenta no respectivo prefácio (a pág. XIV) que Cabo Verde constitui até um caso mais significativo do que o Brasil no que respeita aos resultados da aculturação. O Brasil é sempre apontado, assim se sabe, como paradigma do processo de criação de sociedades tropicais resultantes da expansão portuguesa no Mundo. Pois bem — responderá Baltasar Lopes —, à polivalência brasileira (de génese plural pelo plural de muitas implicações distintas) responde Cabo Verde com um mecanismo muitíssimo mais simplificado no jogo das suas forças. A sua condição de «pequíssima nau» terá conferido uma maior «pureza» ao resultado da interacção das forças culturais em presença. Daí acreditar Manuel Ferreira, com o apoio de Baltasar Lopes, que o arquipélago nos representa um organismo social bastante mais harmonioso que o brasileiro.

Esta simbiose vem particularmente enunciada e explicada (a pág. 314-315) por uma nivelção paraigualitária. Se se pretende referenciar atitudes racistas de leve ou inconsequente significado, aquelas que são somente possíveis em Cabo Verde e, salvo excepções raríssimas, provenientes de preconceitos de uma resistência obtusa, iremos — assim esclarece Manuel Ferreira — encontrá-las particularmente em elementos metropolitanos. Ou em uma ou outra família oriunda da Metrópole, quantitativo aliás exíguo na voz e diminuto no número total da população, que por circunstâncias anómalas não se haja integrado no sistema vivencial crioulo.

E o que dizer então desta forma apurada de vida?

Muito estranho seria — acrescentará ainda o prefaciador do livro de Manuel Ferreira (a pág. XIV), sempre com a autoridade do investigador cultural que nos deu a estuante obra *O Dialécto Crioulo de Cabo Verde*, agora em apoio de generalidade de muitos problemas analisados em *A Aventura Crioula* — muito estranho seria, repete-se, que uma linguagem há séculos ao serviço do comércio social do ilhéu, e que se tem sempre mostrado activa, não passasse de um instrumento insignificante ou precário.

A partir desta ideia dá-nos Manuel Ferreira a ampla demonstração de uma reconhecida capacidade literária do crioulo.

Pois aí estão poetas como Osvaldo Alcântara (pseudónimo de Baltazar Lopes enquanto poeta), António Nunes, Gabriel Mariano e Aguiar de Fonseca entre outros — sem esquecermos os casos curiosíssimos de António Pedro com o seu *Diário* de 1929, e de Daniel Filipe, um crioulo ausente ou separado da sua raiz telúrica, mas que se lançou (sob o pseudónimo de Raymundo Soares) à aventura de desvendar de longe o sentimento de uma inegável insularidade popular. E aí estão também — por exemplo — Manuel Lopes, Aurélio Gonçalves e tantos mais que, a par deste metropolitano de alma crioula que é Manuel Ferreira, ilustram a ficção daquele povo singular.

Recordarei então, e para remate, o «equivoco» que tão bem se compreende e se explica, «cometido» por Oscar Lopes. De Manuel Ferreira diria este (a pág. 143 do texto hoje integrado no segundo volume do *Modo de Ler* que chegou a parecer-lhe cabo-verdiano enquanto usufruía as páginas de *Morna* e *Morabeza*). E se, por exemplo, atentarmos na contemporaneidade relativa deste último texto e da demanda sociológica do escritor para *A Aventura Crioula*, teremos como certo que a sua investigação étnica e cultural explica perfeitamente a tipicidade rigorosa do seu realismo. Um processo de trabalho que eu diria irmão chegado daquele outro que Alves Redol praticava quanto ao seu Ribatejo.

EXTERNATO JOSÉ RÊGIO

ABERTAS AS INSCRIÇÕES

CICLO PREPARATÓRIO — LICEU

LABORATÓRIOS PRÓPRIOS

Familiares de alunos — Descontos especiais
— Militares

Rua Joaquim Bonifácio, 8, 2.º (a 2 minutos do Metro-Anjos) — Telef. 56 18 97 / 56 12 68
— Expediente: 16 às 21.30 horas

OS INQUÉRITOS À OPINIÃO PÚBLICA NO SÉCULO XIX

Desde sempre que as relações Imprensa/Público se revestiram de características muito particulares, predominando a tendência dependente da primeira quanto ao segundo elemento do binómio. Não é por acaso que a administração do jornal e os indivíduos que nele escreviam — o escritor público, como então se lhes chamava — procuraram utilizar as melífluas seduções da sereia para atrair o público ao pagamento da assinatura ou à aquisição isolada do exemplar. Persiste, em geral, esta tônica no jornalismo moderno. Mas, nessa altura, o Público era uma entidade abstracta que não interferia no período. Pagava-o, e para que o fizesse com alguma alegria, procurava a redacção aliciá-lo com informações e temas que correspondessem aos seus interesses imediatos, visando estabelecer relações, quase sempre defeituosas, entre o leitor e o que se passava no mundo, sem excluir as cuscuvilhices do burgo.

Como dizia João Chagas, o brilhante jornalista oitocentista, numa das suas crónicas:

«Só com os jornais da cidade, eu estaria emparedado e não veria do planeta mais do que os muros do meu quintal e um braço de hera erguendo-se para o meu céu, sempre azul».

Na segunda metade de oitocentos, registou-se uma mudança de qualidade no esquema de relações Imprensa/Público, devendo-se isso ao facto de o homem comum começar a ser chamado a depor nas colunas da Imprensa, que era e é, quando livre, o tribunal da opinião pública.

Quais os factores que contribuíram para a nova situação?

Por um lado, a força dinamizadora, mal explorada até então, que a Imprensa continha em si mesma; por outro, o reconhecimento, pelo menos em espírito, do direito de cidadania.

Em Portugal, a situação socio-política evoluiu de tal modo no último quartel de oitocentos que propiciou a transformação a que aludimos. Com efeito, nesse período, por mais de uma vez, é feito apelo à consciência cívica do homem comum, sobretudo a partir do momento em que a participação popular nos acontecimentos nacionais foi desejada, estimulada e efectivamente praticada. O ponto de clivagem para a tendência intervencionista (ruptura abrupta com o marasmo e o imobilismo tradicionais), dá-se de maneira espectacular com as comemorações do tricentenário da morte de Luís de Camões (Junho de 1880). Pela primeira vez se reconheceu, com alguma surpresa, a espantosa força dinamizadora da Imprensa, a sua insuspeitada capacidade de tocar as grandes massas da população.

A fase imediata, de intervencionismo do homem comum no tribunal da opinião pública, aparece como corolário da situação anterior. Esboça-se timidamente, primeiro, para acabar por assumir uma feição vinicamente interventora. De qualquer modo, esta tendência acompanha e fortalece a implantação, em bases sólidas (ainda que sujeitas a flutuações, como é evidente), do movimento democrático no país, que viria a culminar com o surto insurreccional que teve o seu desfecho na madrugada de 31 de Janeiro de 1891.

A primeira iniciativa de vulto neste sentido situa-se no ano de 1884 e revestiu a forma de um inquérito literário, de carácter nacional. Os promotores do original certame, que se revestiu de aspectos inovadora-

mente democráticos, pertenciam na sua maioria à Academia conimbricense e trabalhavam na redacção do **Imparcial de Coimbra**.

Pretendia-se saber: **Quais são os três escritores portugueses actualmente mais notáveis?** E, em vez de se dirigirem em exclusivo a uma elite de intelectuais, a votação foi alargada a todas as camadas da população, incluindo o Brasil.

O processo democrático adoptado resultava das condicionantes então existentes no meio português e denunciadas nas colunas do **Imparcial**, no n.º 168, de 25/XII/1884:

«A deplorável escola do ELOGIO MÚTUO introduziu no nosso acanhado meio literário uma tal facilidade de criar reputações, em celebrar talentos, em guindar insignificâncias às alturas incomensuráveis do Génio, que chegamos ao tempo em que nos julgamos autorizados a supor no povo, nessa grande massa que constitui a opinião pública, uma falta absoluta de critério, de bom gosto, de orientação literária perfeitamente definida e justificada à luz imparcialíssima da razão».

Era, como se vê, uma reacção salutar contra a mediocridade que se instalara no domínio literário. Por outro lado, os resultados do escrutínio, se bem analisarmos as posições relativas dos nomes de letras votados, dá-nos uma ideia clara das opções liberais e democráticas do «eleitorado».

Por ordem decrescente de votos, a preferência do público recaiu nos seguintes escritores: Camilo Castelo Branco, Manuel Pinheiro Chagas, José Maria Latino Coelho, José Maria Eça de Queirós, José Duarte Ramalho Ortigão, Joaquim Teófilo Braga, Joaquim Pedro Oliveira Martins, Abílio Guerra Junqueiro, D. António da Costa, João de Deus, Tomás António Ribeiro Ferreira, Antero de Quental, José da Silva Mendes Leal, Visconde de Benalcanfor, Zofimo Consiglieri Pedrosa, António Ennes, Dr. Tomás de Carvalho, João de Leões, Gervásio Lobato, Silveira da Mota, Luciano Cordeiro, José Simões Dias, Mariano de Carvalho, Rodrigues de Freitas e Emigdio de Navarro.

Não vamos repetir agora as peripécias que acompanharam o **Plebiscito Literário**, levado à prática com indiscutível êxito por um grupo de estudantes de Coimbra. O leitor interessado poderá consultar o nosso trabalho, **Acerca de um «Plebiscito Literário» em 1884**, em curso de publicação na revista **Vértice**.

Interessa sublinhar, isso sim, que o **Plebiscito Literário** de 1884, pela retumbância que alcançou na época, pelas controvérsias acaloradas que provocou e, sobretudo, pelas normas de puro democraticismo de que se revestiu, abriu caminho a uma série de iniciativas do mesmo género, de auscultação da opinião popular, que culminaria, sete anos volvidos, com o Julgamento d'Os Crimes da Monarquia.

Vamos enumerar alguns desses inquéritos, não com uma preocupação de rastreio estatístico, mas com o objectivo exclusivo de inserir no seu autêntico contexto a iniciativa do «jornal académico republicano» de Lisboa, **A Justiça**.

Em 1890, um jornal portuense de título expressivo, **A República** (1.º número, de 19/IV/1890), lançou as bases de um inquérito, de nítida problemática política. Interrogava os seus leitores sobre a seguinte questão:

QUAL É O HOMEM MAIS ANTIPÁTICO DO PAÍS?

Por ALEXANDRE CABRAL

O jornal não camuflava as suas opções republicanas, conforme se deduz do eloquente programa que se inseriu no 1.º número:

«Na dolorosa crise, interior e externa, que ao presente atravessa a Pátria, talvez infelizmente votada ainda a provações mais acerbas, havendo-se os homens que a seus ombros meteram o duro encargo de aconselhar e orientar a opinião nacional desinteressadamente disposto a afirmar a doutrina e a exercer a crítica dos actos públicos, no uso de direitos sacratíssimos, que para a letra da lei fundamental do Estado conquistaram nos seus pais, em extremos de sacrifício, já aterrorizados em lóbregas masmorras, já esmolando o pão amargo do desterro, vertendo o seu sangue excelente na fúria de mil bárbaros combates, — os fundadores, directores e colaboradores da **República** iniciam seus trabalhos na inspecção do poder a que cumpre a guarda inviolável da constituição e que é a suprema garantia das regalias cívicas, confiadas à sua severa vigilância pelo sufrágio popular».

A «dolorosa crise» a que se alude no texto era, evidentemente, o «ultimatum» de 11 de Janeiro, que desencadeara no

«Durante uma noite e dia
Consultei a consciência
Consultei a natureza
Para ver se acharia
Da portuguesa nação
O homem mais antipático.
E achei que era o... Simão.
Benedito Ottomio, de Aveiro».

«Dei voltas à moleira
Que me disse em conclusão
O homem que tu procuras
É Simão.
Herodes, de Padrão da Légua».

«Alto está,
Alto mora;
Todos o vêm,
Ninguém o adora.
Um Campónio».

«O homem antipático é Simão;
Tem por apelido Vicente;
Está ao nosso pão;
Tem asas de gavião
E quer voltar-se contra o patrão.
Eduardo de Matos, do Porto».

«Sapos, morcegos e corujas
Infundem nojo e repulsão
Mas o maior antipático,
Asno, vampiro, lunático...
O Simão, só o Simão!
D. Francisco de Bragança, do Porto».

«O homem mais antipático,
Berzundanga, biltre, intrusão,
Desenxabido, lesma, fanático:
É o tal... Simão!
Libânio, de Viana do Castelo».

«O homem mais antipático do país, está entre os mais simpáticos. Quer ver?
Elias Garcia
Consiglieri Pedrosa
Felizardo Lima
Manuel Arriaga
Latino Coelho
M. Castro, de Foz do Douro».

«Ilustríssimo Senhor
Proprietário ou redactor
Do jornal **A República**
Permita-me fazer pública
Esta minha opinião
Sobre o caso do Simão.
Esse moço detestado
Que todos dizem simpático
Do outro lado, (1)
Taumaturgo Mendonça, do Porto».

«Ora toma Mariquinhas
Ora toma e sabe bem,
O homem mais antipático
É Simão, pois então quem?

O republicano Abílio Rocha, do Porto».

«Qual é o homem mais antipático do país? Assim interrogava eu o meu espírito, quando de súbito me senti arrebatado nas asas da Liberdade e transportado ao alto da torre Eiffel.
— Repara — me disse a Liberdade, fazendo sacudir os raios do seu facho sobre o Ocidente.
Olhei e vi um povo algemado.
Por cima dele, elevava-se um vulto para o qual se dirigiam todas as imprecções desse povo.
— E Simão! E Simão!
A. A. S. Jorge».

«E aquele a quem nós havemos de caçar. (2)
Eufémia, de Coimbra».

«Eu ando a compôr um hino
Que causará sensação
Pois canto o doutor Urbino
Se seringar o Simão.
Banala, presidente; Capeta, secretário».

«Para as torradas manteiga.
Para o fastio limão.
Uma força para o Urbino,
Um navio para o Simão.
Joaquim Gonçalves Martins».

«Na minha opinião, Simão é ultra-antipático. Não haver um Urbino que o extermine. (3)
D. Manuel de Bragança, de Coimbra».

No ano de 1891, em pleno processo de recrudescimento revolucionário, foi a vez do «jornal republicano da noite» **A Revolução de Janeiro**, de Lisboa, abrir as suas colunas à intervenção do público que quisesse dar a sua opinião sobre um tema de candente oportunidade:

O QUE SERÁ PORTUGAL, SE EM 31 DE JANEIRO DE 1892 AINDA DURAR A MONARQUIA?

Repare-se que a pergunta contém implícito o voto de derube das Instituições; é, em si mesma, um apelo à acção revolucionária. De resto, ao proceder ao lançamento da ideia (n.º 8, de 9/VI/1891), num artigo com a epígrafe «Plebiscito da Revolução de Janeiro», não se escamoteia esse objectivo:

«No momento em que todo o país olha para o partido republicano, como para um centro de actividade honesta; quando todo esse partido se dispõe a fazer vingar os seus princípios de justiça e a proclamar o regime do direito; na hora solene em que os partidos da monarquia lançam à face do País a vergonha de um tratado em que são desprezados os nossos direitos históricos e as condições mais humilhantes não são impostas, com aplauso, quase unânime da monarquia; a **Revolução de Janeiro** apela para a opinião do povo que trabalha e todos os dias é ludibriado, SOBRE O QUE SERÁ PORTUGAL SE O QUE VENTURA A VIDA DA MONARQUIA ULTRAPASSASSE O DIA 31 DE JANEIRO DE 1892, PRIMEIRO ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO DO PORTO».

Como no inquérito d'A República, apela-se para a opinião do povo.

Eis as respostas:

«Portugal será a Polónia do Ocidente... sem polacos... Eugénio, de Lisboa».

Continuando o partido republicano a dormir, seremos uma colónia inglesa; se por acaso o partido republicano trabalhar mas... a valer, seremos grandes e respeitados. — Marques, de Lisboa».

«Se em 31 de Janeiro de 1892 ainda durar a monarquia em Portugal é a prova mais frisante da incuria e cobardia de todo aquele que se diz por-

tuguês. — José Peres, de Lisboa».

«E opinião minha que o País terá a dita de mudar de vida, devendo a mudança efectuar-se antes daquela época. Espero que os cálculos me não falhem e praza a Deus que tal se realize breve, pois, do contrário... Basta de vergonha. Pela Pátria! — António José Moraes, de Vila Real».

«Será uma nação conduzida à bancarrota por uma monarquia esbanjadora. Uma nação desprezada que servirá de escárnio à Europa, mercê dos seus actuais governantes. — Jamenil».

Creio que não há duas opiniões a este respeito.

Se até essa data o aliado fiel de Inglaterra não tiver seguido viagem no **Alagoas** (4), aí da nossa querida Pátria! Aí da nossa nacionalidade independente!... Ou seremos o Egipto ou a Polónia do Ocidente! — Um Transmontano, de Lisboa».

«Um osso entregue a uma matilha de cães famintos que lhe comeram a carne, e que o não querem deixar sem o verem completamente limpo...»

«Portugal é hoje uma nação moribunda, e terá fatalmente sucumbido se, por meio de um facto enérgico, os verdadeiros portugueses não tiverem eliminado a monarquia e proclamado a República. — J. C. Noqueira, de Lisboa».

«Portugal que, mercê de todos os elementos monárquicos, é uma esfera de caoutchouc com que o chimpanzé bretão se diverte será — se a monarquia existir em 31 de Janeiro de 1892 — uma soberba colónia inglesa. — A. Ta-cos, de Aveiro».

«Portugal, não será independente: será apenas uma província esmagada sob a tirania da Grã-Bretanha! — António Y. F. da Costa, de Lisboa».

O Julgamento d'OS CRIMES DA MONARQUIA, que **A Justiça**, «jornal académico republicano» de Lisboa, abria cerca de um mês depois de iniciado o «Plebiscito d'A Revolução de Janeiro», insere-se nesta linha de orientação da luta política: estimular a intervenção popular na apreciação dos graves problemas que afligiam a nação portuguesa. Não sendo propriamente um inquérito semelhante aos das iniciativas anteriores, traduz no entanto, o princípio firmemente implantado e defendido pela Imprensa democrática: fazer ouvir a voz do povo no debate das questões que directamente lhe diziam respeito.

NOTAS

1) Entenda-se, o que está bem entendível: o Simão passará a ser simpático se sair do território nacional, o que significa deposição, voluntária ou forçada.

2) Sublinhe-se a influência do poema de Junqueiro, **O Caçador Simão**: Papagaio real, diz-me, quem passa?

— É alguém que foi à caça Do caçador Simão!...

3) O Urbino dos epigramas, é o Dr. Vicente Urbino de Freitas, médico e professor, condenado por ter causado a morte, por envenenamento, a cinco pessoas de sua família. (V. Imprensa da época, a partir de 16/IV/1890).

Na altura da revolta de 31 de Janeiro, encontrava-se na Cadeia da Relação, tendo sido companheiro de João Chagas, então enclausurado por delito de Imprensa.

4) Nome do navio em que, ao ser deposto, viajou o imperador do Brasil.



D. Carlos à chegada às Pedras Salgadas, quando da inauguração do caminho-de-ferro entre aquela localidade e Vila Real



As quatro verdades de Françoise Giroud

...*Si je mens...*, 1.º volume da colecção dirigida por Claude Glayman nas Editions Stock, de Paris, é um dos mais vivos e interessantes que, no género, nos tem sido dado a ler. Em primeiro lugar pelo talento da sua autora, Françoise Giroud, que maneja a palavra com amor e talento e sabe ser cínica, irónica, subtil e mordaz segundo as circunstâncias. Em segundo lugar pelos acontecimentos e os homens relatados durante 275 páginas que «cobrem» quarenta anos de vida profissional, ou de vida «tout court»: membro activo da Resistência durante os anos sombrios da ocupação alemã, presa em 1943 e libertada pouco depois do desembarque dos Aliados na costa normanda (e um mês antes da libertação de Paris), em Julho de 1944, Françoise Giroud perdeu o seu primeiro filho nesta «guerra secreta» contra a Gestapo quando esta dinamitou a casa de sua irmã, onde a criança se encontrava... Antes, entre 1933 e 1940, trabalhara como

«scrip-girl» com os realizadores Marc Allégret e Jean Renoir e, terminada a guerra como dialoguista de Jacques Becker. A partir de 1946, e até à fundação de *L'Express*, em 1953, Françoise Giroud dirige, conjuntamente com a sua fundadora, Hélène Lazareff, a revista *Elle*, onde aprendeu, confessa, todos os segredos da fabricação de um jornal. Para quem conhece Françoise Giroud (ou alguma vez teve ocasião de lhe falar e de cair sob o charme do seu sorriso franco e imenso, cuja transparência seduz e desarma ao mesmo tempo — e quem não acreditar que experimente...), mas sobretudo para quem a lê, Françoise Giroud é a encarnação feminina da coragem, da tenacidade, do espírito de iniciativa e do talento que todos, por ou contra, são bem obrigados de lhe recolher. Sensível, arguta, dotada de um espírito e de um temperamento que fizeram a sua reputação como a maior (melhor) jornalista francesa da sua geração,

Françoise Giroud é talvez o mais vigoroso porta-bandeira da emancipação da mulher. Do seu combate permanente e arrojado testemunha toda a sua vida e estas palavras, a propósito precisamente da sua vocação jornalística e das responsabilidades que assumiu na direcção de um semanário cuja tiragem ultrapassa os setecentos mil exemplares e emprega mais de quinhentas pessoas: «Dès qu'une femme franchit la frontière du territoire masculin, la nature du combat professionnel change. Les vertus que l'on exige alors d'une femme, on se demande combien d'hommes seraient capables de les montrer». Ou a arte de saber dizer (traduzir) claramente uma situação. Em apenas meia dúzia de palavras. Mas carregadas de sentido. Penetrantes e lúcidas. Françoise Giroud, digamo-lo sem rodeios tem-se mostrado não só uma profissional capaz mas eficaz. *L'Express* não cessa de crescer, a sua audiência e a sua importância. De tal modo que grupos financeiros e políticos mais de uma vez tentaram, através de «manobras nauseabundas», como ela declara no seu livro, dispor do controle de um órgão de reflexão e de informação cuja influência os preocupa e incomoda. Desta luta desigual, como da luta pela sobrevivência durante a guerra da Argélia e, em 1962, pela sua renovação, testemunham as suas rugas.

«Tout le monde porte sa vie sur son visage», escreve a autora de *Si je mens...*, acrescentando: «Moi je porte de surcroît la vie d'un journal». A vida de um jornal e mil episódios pitorescos dessa existência e da existência de homens, colaboradores ou não do *L'Express*, que têm por nome Gide, Saint-Exupéry, Roger Vailland, François Mauriac, Albert Camus («Il avait le plus beau regard du monde. Un regard bleu et nocturne à la fois»), Pierre Mendès France, François Mitterrand, Gaston Defferre, Sartre, Simone de Beauvoir e... Khrouchtchev (que, em Moscovo insistiu para que ela aceitasse um dos muitos charutos que lhe enviara o seu «novo amigo» Fidel Castro), de Gaulle, evidentemente: o do Apelo do 18 de Junho de 1940 («le char auquel j'avais attaché mon étoile»), e, naturalmente, o do 13 de Maio de 1958 (do qual Françoise a décroché son étoile...). O símbolo apagava-se entre os que lutavam por ideais diferentes: A Camus que se fechava num mutismo neutro, sofrendo profundamente mas recusando-se a tomar posição nesta guerra fratricida, unicamente porque ela era fratricida e não por cobardia, François Mauriac, que se resolve a percorrer os trezentos metros que sobre os Campos Elísios o separam do *Figaro* do qual passa a confiar o seu *Bloc-notes* (por amor de de Gaulle, instalado a dois passos do Rond-Point), etc. «J'ai eu horreur de cette époque, de bout en bout, y compris les manifestations aux-

quelles j'ai consciencieusement participé», confessa a directora do *L'Express*. As ameaças de morte, as bombas que reventavam todas as noites nos patamares, nas livrarias, nos depósitos e nas redacções dos mesmos jornais, o *couvre-feu*, *les ratonnades*, a perspectiva de um acordar em sobressalto, com o céu de Paris coalhado de pára-quedistas vindos de Argel o *show Lagailarde* e a soberba (soberana) frase de de Gaulle: «Dans la Vème République, il n'y a pas de 6 février. M. Lagailarde, comme M. Pinay, s'est trompé de République.» «Oito anos da nossa vida», prossegue Françoise Giroud, «que farão vinte linhas nos manuais de história de amanhã». E apenas uma sobre de Gaulle: «A sauvé l'honneur de la France le 18 juin 1940.» Linha extraordinária que diz mais do que um manual inteiro.

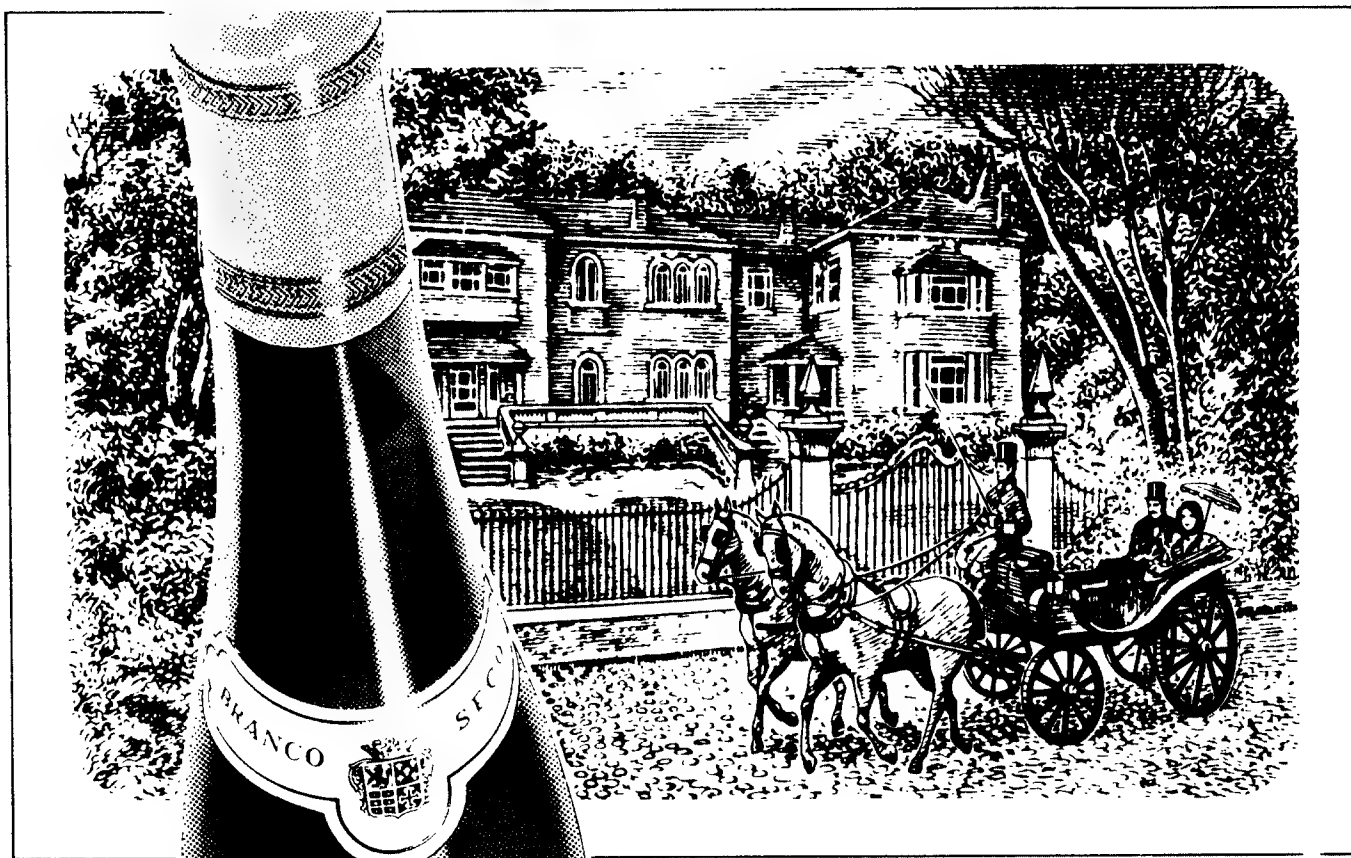
Para quem, como nós, viveu parte desta época em Paris, os pontos de contacto são perceptíveis: vivos na memória da cronista de *Si je mens...* como na nossa, em dias de desassossego, noites de sobressaltos, com a livreria Maspero a estalar sob a força brutal do plástico terrorista ou os homens a cair, mortos e feridos, na estação do metro Charonne... Os conciliábulo nos cafés e nos restaurantes árabes, as rusgas e os assassinatos, as represálias...

Tudo coisas vividas intensamente pela jornalista, que afirma com rara dignidade: «J'aime mieux comprendre que juger». Ela que viveu então, pela segunda vez, na clandestinidade: cabelos longos e pistola no bolso... E que vai ganhando as suas difíceis etapas na vida à custa de muita tenacidade e de uma ética profissional bem patente nesta crónica que é sua e do seu tempo: da Frente Popular à Ocupação, da Guerra Fria à guerra da Indochina, da guerra da Argélia a Maio 68.

«Quand j'ai planté mes dents, je ne lâche pas», declara Françoise Giroud. E toda a sua vida atesta efectivamente da determinação de uma tal expressão encerra. A sua vida e a do semanário a que já deu vinte anos de labor e de devoção dos quais quinze sob esta «monarchie tempérée» que é o gaulismo dissecado semana após semana no volume que as edições Robert Laffont acabam de publicar com o título de *Une poignée d'eau*: recolha de 232 dos seus famosos (e acerbos) editoriais, ou seja cerca de quatro anos de análise à actualidade francesa e internacional.

Dois livros indispensáveis a quem se interessa pelas coisas do nosso tempo e nelas procura a autenticidade e a objectividade de uma observadora atenta e talentosa que se impôs uma e outra como filosofia numa profissão em que as ciladas espreitam no canto de cada página e os gatilhos de dissimulam nas pregas de cada palavra.

ALCIDES DE CAMPOS



O vinho aristocrata para o paladar educado

Longa tradição de uma família mantém viva a técnica muito especial deste tipo de vinho. Um gosto para eleitos que sabem apreciar a leveza e transparência deste branco seco. Vinho verde — capitoso — fresco — bem vivo! Quinta da Aveleda branco seco um prazer para poucos escolhidos.

QUINTA DA AVELEDA
branco seco

Sá de Miranda

EXTERNATO • SEMI INTERNATO

CICLO PREPARATÓRIO — LICEAL

- ★ INEXCEDIVEL CORPO DOCENTE
- ★ INSTALAÇÕES FUNCIONAIS
- ★ AMBIENTE DE ESTUDO

RUA ALEXANDRE BRAGA, 17 (à Estefânia)
Telef.: Sect. 45310 — Direcção 537532

ABERTAS AS INSCRIÇÕES

ITINERÁRIO DA GUERRA CIVIL

REVOLUÇÃO: PRÓ E CONTRA (II)

Perante a Revolução (de 1820), interesses de classes antagonizavam-se em convergência interinimica.

Convergência em relação a João VI, tão lá longe, saudade! Uma alta nobreza, um alto clero (e também, num e noutro caso, extractos de menor altitude), órfãos de rei, suspiravam pelo regresso do monarca, seio maternalíssimo onde mamavam a mercê, as graças, o privilégio, a sinecura, o cargo sem encargos, e com esse regresso um de maior amplitude, o da corte por inteiro, garantia da restituição do ritual monárquico e da torna aos bons tempos nos quais Lisboa mandarinava um império com açúcar, o melaço que na talha de ouro contorcendo-se em lascívia, arrotando anjinhos cúmplices de qualquer coisa, enfim ornatos de confeiteiro davam a capelas, igrejas, o ambiente de pastelaria devota e que enraizava pelas províncias uma plantação de palácios barrocos.

A burguesia do comércio também o exigia — e aqui pode falar-se com rigor contabilístico — em importação de el-rei mercadoria, aval de um Brasil preso pelo umbigo ao umbigo de cá, bebendo o nosso vinho, vestindo alguns dos nossos têxteis, ingurgitando por nosso meio a maquinaria britânica ou outra e, em transusão, matérias primas tropicais, açúcar, etc.

Entre João VI e o Brasil, o galá da cena política é o Brasil (pois lhe cabia também, e acima, a parte de leão na economia); Sua Majestade representava os dignos papéis de anzol e de estafeta.

O Brasil, veremos depois, deitará sempre a sua sombra nas lutas económicas, políticas, sociais ou mesmo militares e nos dramas dos exilados até 1831, data em que Pedro I (ex-IV de Portugal) abdica do império brasileiro e, duque de Bragança (embora os soldados cercados no Porto, por nostalgia napoleónica saúdem: «Viva o Imperador!», toma a chefia da causa de sua filha).

E havia com proeminência, entre os actores, a dama do «cucu», tramando-o com a aliança. Os latrocínios, destruições, apressamento (de barcos), tutela, colonização económica, as humilhações de todo o género (o «morceau de bravoure» de Lorde Springfield, a que assistimos no Rio, é um entremez onde grotescam o «hobereau» prussiano e o laço refractário), humilhações às quais os militares, beresfordizados e mal pagos, se mostravam particularmente sensíveis — tudo provocava um ódio, a bem dizer geral, à Grã-Bretanha. Fechar a porta a Beresford que vinha do Brasil aonde fora buscar — e trazia, vice-rei — poderes imperiais, eis um objectivo que, junto com a exportação colectiva dos oficiais ingleses, grande parte das populações urbanas punham em evidência.

A revolução ia ainda ao encontro dos que sofriam a miséria ecuménica, a crise da economia, a exaustão de numerário (a gente de cabedais, tornando mais rarefeita essa exaustão, recolhera os cabedais a penates, não lhes antevedendo lucros em vadiagens pelas ruas).

Quais porém os intuitos da burguesia (a mais e a menos) revolucionária?

Vamos simplificá-los.

No plano económico: destruição dos embargos à liberdade capitalista de produzir e comerciar; mobilidade de mão-de-obra, quer nos campos

quer no artesanato ou na manufatura simples (por exemplo: extinção das corporações de mesteres), emancipação da tutela económica britânica; reajuste do Brasil ao capitalismo português.

No plano político: instauração das liberdades fundamentais — la nation, liberté, égalité — dentro de um regime representativo monárquico. Embora a Constituição votada seja de acento tónico republicano, onde o primeiro magistrado se chama apenas rei, a fórmula república sem rebuços, desejada por extratos (pequeno) burgueses radicais, foi posta de parte pois um corte com a realza era o mesmo que um corte com João VI, ainda então no Rio, e assim cumulativamente com o Rio...

O sistema representativo nos moldes de uma **commonwealth** utópica e liberal, abrangendo o Reino Unido de Portugal, Brasil a que se somavam os domínios.

Ainda no plano político, afastamento da satrapia militar inglesa.

No plano social: fim dos privilégios de nascimento, descristalização das estruturas inerteiras da sociedade.

Bom é de perguntar agora se a convergência de factores propícios em que já palestrámos, eu e o leitor, propícios para receber, ou seja, dar hospitalidade a quem entra e aparece, neste caso pela primeira vez, a Revolução, ou melhor, a mudança, não se transtornará inimigamente, a passo e passo que tal mudança a desvendar que era mais funda — pela palavra exacta Revolução?

Pois bom é de responder que a convergência — e não o vimos já também? — se desatará num ódio antigo, reclamando, a que a experiência revolucionária, nos campos antagonizantes que a viveram (mas ainda mais a contra-revolucionária de 1823) limpará de todas as ambiguidades, complacências, de modo a dirigi-lo para as armas, a Guerra Civil necessária, meio único de dar a interesses tão opostos a solução histórica pedida.

Oposta, devemos lembrar aqui, era também a Europa. E pela primeira vez Portugal (e a Espanha da revolução liberal) reside na Europa mas contra (politicamente) a Europa. Esta, depois de vencido Napoleão fardara-se de Santa Aliança, o fardamento do gendarme pronto a arcabuzar a ameaça ou facto consumado de regimes de liberdade.

A Grã-Bretanha constitucional destoa dos sistemas dominadores no continente: a sociedade por quotas do Trono e do Altar; mas tal constitucionalismo é para uso intestino: fora estimulará os regimes Metternich.

Vamos então compreender porque nestes contrastes de pró e contra revolução o governo provisório português revolucionário terá de expor à queia Europa respeitosa o seu «manifesto» defensivo e justificativo.

E documento longo, mas creio, leitor, que lhe será útil conhecê-lo, por extenso. Nele se desenvolve, em facetas variadas, a miséria conjuntura do país nas vésperas do 24 de Agosto e, com as reservas diplomáticas que são de todos os tempos e os períodos de oratória romana que é o da época, aí acompanhámos, ora o vibrar de indignação ante as humilhações nacionais, ora o hábil dobre de espinha, os protestos obrigatoriamente fidelíssimos ao Senhor João VI que estava no Brasil, ora a

árvore genealógica portuguesa dos direitos revolucionários de impor condições aos monarcas (por termos de prudência «a necessidade inevitável de ser feliz»), ora a defesa da legitimidade

dos seus domínios transatlânticos. E posto que esta resolução de sua majestade se julgou então da mais reconhecida vantagem para a causa geral da liberdade pública da Euro-

interna de Portugal depois de circunstâncias tão novas, de esforços tão extraordinários e de um transtorno tão universal e transcendente, mais fácil é concebê-lo do que exprimi-lo

mente oferecia ao espectador admirado o triste quadro da fome e da miséria.

Exaustão das rendas públicas

A sensível diminuição das rendas públicas, causada pela ruína da povoação, do comércio e da indústria, pela perda irrevogável dos grandes cabedais que o inimigo extorquiria violentamente das mãos dos portugueses, obrigando a nação a contrair novas avultadas dívidas, para cuja satisfação eram desiguais os seus recursos, acabou de dar o último golpe no crédito público, já vacilante pela escandalosa malversação dos agentes fiscais, e ainda mais pelo errado sistema da administração.

Esperar ou não esperar as providências del-rei

Se os portugueses não amassem e respeitassem o seu príncipe e a sua augusta dinastia com uma espécie de amor e adoração quase religiosa, se não quisessem receber da sua só justiça e beneficência as reformas e melhoramentos públicos, que um tal estado de coisas imperiosamente exigia, mui fácil lhes seria naquela época pôr limites ao poder, ou ditar-lhes condições acomodadas a tão urgentes circunstâncias.

Porém o carácter dos portugueses nunca soube desmentir-se. Eles quiseram antes esperar tudo do seu príncipe, do que dar à Europa, ainda aflita das passadas desgraças, o espectáculo de uma nação insófrida e inquieta, ou parecer que abusavam da facilidade e oportunidade das circunstâncias para se mostrarem revoltosos ou menos submissos. O sofrimento silencioso e pacífico de seus males foi a base de seus procedimentos; a confiança nas virtudes do príncipe, o fundamento de suas esperanças.

Mas, é forçoso dizê-lo, estas esperanças foram perfeitamente baldadas e a quele sofrimento foi levado ao último termo, a que parece poder chegar a paciência de uma nação briosa, cheia de sentimentos de suas desgraças e não ignorante dos meios de remediá-las.

Não é preciso, para prova desta penosa verdade, renovar agora aqui o triste quadro da situação progressivamente decadente de Portugal em todos os ramos de sua administração, nos seis anos que têm decorrido desde a paz da Europa até o presente. A Europa toda, ou o tem presenciado, ou o tem ouvido recontar com mágoa, e os augustos soberanos das diferentes nações não podem deixar de ter sido informados de tamanha desventura pelos seus ministros ou agentes diplomáticos, que, havendo lido na história o esplendor, a glória e a grandeza, a que em outros tempos chegaram os portugueses, terão sem dúvida admirado, e não poucas vezes lamentado, o incompreensível abatimento a que se acha reduzido este povo, que nos favores e benefícios da natureza não cede a nenhum outro povo da Europa.

AUGUSTO DA COSTA DIAS



dade do novo regime, pois «não é ilegítimo senão o que é injusto, e não é injusto senão o que se pratica sem direito ou contra direito».

Foi redactor deste belo «Manifesto» uma das grandes figuras do clero liberal, Frei Francisco de São Luís.

Perante a Santa Aliança dos reis da Europa a defesa da Revolução (1)

A nação Portuguesa, animada do mais sincero e ardente desejo de manter as relações políticas e comerciais que até agora a têm ligado a todos os governos e povos da Europa, e, tendo ainda mais particularmente a peito continuar a merecer na opinião e conceito dos homens ilustrados de todas as nações, a estima e consideração que nunca se recusou ao carácter leal e honrado dos portugueses; julga de indispensável necessidade oferecer ao público a sucinta, mas franca exposição das causas que produziram os memoráveis acontecimentos há pouco sucedidos em Portugal, do verdadeiro espírito que os dirigiu, e do único alvo a que tendem as mudanças que se têm feito e pretendem fazer na forma interna da sua administração. E confia que esta exposição, rectificando as erradas ideias que porventura se hajam concebido dos referidos acontecimentos, merecerá a benévola atenção dos soberanos e dos povos.

A Grã-Bretanha constitucional destoa dos sistemas dominadores no continente: a sociedade por quotas do Trono e do Altar; mas tal constitucionalismo é para uso intestino: fora estimulará os regimes Metternich.

Vamos então compreender porque nestes contrastes de pró e contra revolução o governo provisório português revolucionário terá de expor à queia Europa respeitosa o seu «manifesto» defensivo e justificativo.

A fuga da corte para o Brasil

Toda a Europa sabe as extraordinárias circunstâncias que no ano de 1807 forçaram o senhor D. João VI, então príncipe regente de Portugal, a passar com a sua real família

pa, ninguém, contudo, deixou de prever a crítica situação em que ficava Portugal por esta ausência do seu príncipe, e os factos ulteriores provaram demonstrativamente que esta providência não era vã e temerária.

Portugal, separado do seu soberano pela vasta extensão dos mares, privado de todos os recursos das suas possessões ultramarinas, e de todos os benefícios do comércio, pelo bloqueio dos seus portos, e dominado no interior por uma força inimiga que então se julgava invencível, parecia haver tocado o último termo da sua existência política e não dever mais entrar na lista das nações independentes.

Serviços prestados à Europa no levantamento patriótico contra Napoleão

Em tão apurada crise este povo heróico não perdeu nem a honra, nem o valor, nem a fidelidade ao seu rei, porque estes sentimentos não lhe podiam ser arrancados do coração pela violência das circunstâncias, nem pela força prepotente do inimigo. Eles se manifestaram efectivamente da maneira mais enérgica, logo que se ofereceu conjunção oportuna. Os portugueses, com o auxílio dos seus aliados, conquistaram, à custa dos mais penosos sacrifícios, a sua própria existência política, restituíram com generosa lealdade ao seu monarca o trono e a coroa, e a Europa imparcial há-de confessar (ainda que nem sempre se tenha feito esta justiça) que a eles deve também em grande parte os triunfos que depois alcançou em benefício da liberdade e independência dos tronos e dos povos.

Qual fosse porém a situação

Sangria demográfica

A ruína da sua povoação, começada pela emigração dos habitantes, que seguiram o seu príncipe ou procuraram escapar à suspeitosa desconfiança ou à perseguição sistemática do inimigo, aumentou-se pelas duas funestas invasões de 1809 e 1810 e pelas perdas inevitáveis de uma dilatada e profusa guerra de sete anos.

Decadência completa do comércio e da indústria

O comércio e a indústria, que nunca podem devidamente prosperar senão à sombra benéfica da paz, da segurança e da tranquilidade pública, tinham sido, não só desprezados e abandonados, mas até parece que de todo destruídos pela ilimitada franqueza concedida aos vasos estrangeiros em todos os portos do Brasil, pelo desastroso tratado de 1810, pela consequente decadência das fábricas e manufacturas nacionais, pela quase total extinção da marinha mercante e militar, e por falta absoluta de todo o género de providências que protegessem e animassem estes dois importantíssimos ramos da prosperidade pública.

Agricultura «mortal abatimento»

A agricultura, base fundamental da riqueza e força das nações, destruída dos capitais que a sustentam e que talvez se haviam empregado em objectos de mais instante necessidade, desamparado do alento e vigor vital que costumava dar-lhe a indústria nacional e o giro activo do comércio, tanto interno como externo, jazia em mortal abatimento, e so-

(1) Os subtítulos foram postos por mim (A. C. D.). O texto completo do «Manifesto» concluirá no próximo número.

Alguns atropelos "f" do Serviço de Música da Fundação

Uma das razões que o Conselho de Administração invocou na sua nota de 5 de Julho (publicada neste Suplemento em 23/8/73) para me acusar de **ma fé e obsessão** foi a de eu esquecer, ou fingir ignorar, no exercício da crítica, inúmeros aspectos da actividade musical da Fundação. Nada adianta pretender atingir deste modo a idoneidade «moral» ou «psicológica» de um interlocutor, sem responder ao fundo dos problemas. Claro que não adiro a tal método de argumentação, tão do agrado dos senhores administradores. E por isso prefiro não levar à conta de ingenuidade a ideia de vincular o crítico à obrigação de «desculpar» certas coisas que se fazem por um lado com certas coisas que se fazem pelo outro, embora tudo no mesmíssimo campo da música. Ao escudar-se (como alguma dose de triunfalismo, valha a verdade) na enumeração das «realizações» do Serviço de Música, a propósito de problemas concretos realtivos nomeadamente à Orquestra Gulbenkian, e o próprio Conselho quem reconhece a necessidade de ir mais além. Simplesmente, não tira todas as consequências da sua posição: parte do princípio de que essas realizações, postas num dos pratos da balança, sobrelevam os erros (se é que os admite... cometidos noutros casos particulares. Seria, no entanto, mais prudente, a meu ver, considerar os casos particulares fruto de questões de âmbito mais geral, que se torna indispensável investigar e discutir.

O feixe dos problemas que se levantaram a propósito da Orquestra Gulbenkian — muitos dos quais, afinal transcendem já os estritos limites da actividade desta e dos músicos nela integrados — não pode deixar de ser consequência de estruturas e orientação débeis do Serviço de Música. Justifica, pelo menos, que se ponha em causa a acção musical global da Fundação. Quem nos garante que em matéria de bolsas de estudo, de iniciação musical ou «balética», de subsídios para estabelecimentos de ensino, de subvenções a artistas e agrupamentos para deslocação ao estrangeiro, de fomento da ópera, de prospeção folclórica, de encomendas a compositores, de edição de discos, e de música impressa — quem nos garante que aí a Fundação está a exercer uma acção altamente positiva, se nos sectores investigados são tão frequentes os pontos fracos, as acções negativas, e tão graves os erros praticados?

E manifesto o equívoco do Conselho, quando, no final da sua já referida nota, afirma: «Tudo isto não conta para o crítico musical do Diário de Lisboa». E o remate com o *De minimis non curat praetor*, digno de latinistas eméritos, não o absolve (salvo o devido respeito) desse equívoco. Porque efectivamente, tudo isso conta para o *praetor* (neste caso, crítico musical do Diário de Lisboa), conforme

o mesmo *praetor* de resto já tentou demonstrar em alguns dos seus escritos dedicados à Fundação.

Infelizmente, quanto mais se investiga a política musical da Gulbenkian tanto mais se avoluma o conhecimento do que nela há de condenável e, por vezes até, de lesivo para o progresso da nossa cultura musical.

FOLCLORE COMERCIAL «OFERECIDO À UNESCO PELA FUNDAÇÃO

Acaba de me chegar às mãos um disco intitulado **PORTUGAL** e editado pela UNESCO na série Atlas Musical. Na contracapa, lê-se o seguinte:

Preparado com a cooperação do Departamento Musical da Fundação Calouste Gulbenkian. Gravações efectuadas por Hubert de Frayssseix com a colaboração de A. Coimbra Margarida Ribeiro. Itens 7, 15, 16, e 17 recolhidos por Virgílio Pereira (1900-1965) para o Departamento Musical da Fundação. Introdução e notas de Alain Daniélou. Traduções em colaboração com A. Coimbra Martins.

A música popular das várias províncias portuguesas apresenta uma grande variedade de formas e estilos, dos quais só poucos exemplos puderam ser incluídos neste disco.

Segue-se a especificação de cada uma das faixas e, no rodapé, precisa-se:

Colecção editada pelo Conselho Internacional da Música através do Instituto Internacional de Estudos de Música Comparada (Berlim/Veneza), com a assistência da Fundação Gulbenkian. Editor Geral: Alain Daniélou. Etc.

Calcule-se a minha incredulidade quando, entre os diversos exemplares de música popular portuguesa — tida pela mais autêntica em termos de UNESCO — se me deparam com cinco fados, dois cantados por Maria Teresa de Noronha e três por Manuel Vicente. Assim mesmo: com subsídio da Fundação Gulbenkian, a contrafacção folclórica, a música comercial mais vulgar, elevada à dignidade de produto superior duma cultura genuinamente popular. Nem a paternidade de tal ou tal autor na elaboração da letra ou da música dos espécimes seleccionados constituiu óbice...

Passando depois para o capítulo da música rústica, onde seria lícito esperar uma melhoria de qualidade, deparo com documentos na sua maior parte paupérrimos, alguns até bastante tributários do estilo «rancho folclórico» muito propagandeado entre nós pelo sr. Pedro Homem de Melo.

Como se explica que a Fundação forneça e patrocine a edição destes espécimes de contrafacção comercial e turística do nosso folclore, que Lopes-Graça vem denunciando desde há décadas?

E como se explica que Alain Daniélou, Director do Instituto de Berlim/Veneza, que considera modelar e re-

comenda oficialmente a recolha sistemática efectuada por Michel Giacometti e analisada por Lopes-Graça, apontando-a como exemplo a seguir noutros países (há documentos seus publicados em revistas da UNESCO), tenha «embarcado» agora nestas deploráveis misturadas impingidas pelo Departamento Musical da Fundação Gulbenkian?

Temos de recuar no tempo para explicar o inexplicável. Neste caso, o que se se passou — o que se passa — é muito mais perigoso do que aquilo que se afigura a Manuel de Lima como sendo regra de actuação do Serviço de Música: «um músico da categoria de Lopes-Graça nunca é consultado em nenhuma circunstância» (1). Na verdade, aqui a Fundação Gulbenkian não se limitou a ignorar um músico da categoria de Lopes-Graça. Agiu conscientemente de modo a afastar e neutralizar a influência que ele poderia ter em assunto que conhece melhor do que ninguém.

RELEMBRANDO UM DEPOIMENTO DE MICHEL GIACOMETTI

Começo por transcrever extractos de uma entrevista que Giacometti me concedeu em 1971 e foi publicada do Suplemento «Mesa Redonda» deste jornal (18/6/71):

Quando é que começou a interessar-se pela investigação etnomusicológica em Portugal?

Em 1959, quando li, no Museu do Homem, uma obra póstuma do musicólogo norte-americano Kurt Shindler, que esteve no Nordeste de Trás-os-Montes em 1928 e registou algumas melodias tradicionais da região. Pretendi retomar esse trabalho e procedi a uma rápida investigação no mesmo local, tendo recolhido alguns documentos de valor que apresentei à Comissão de Etnomusicologia da Fundação Gulbenkian, composta pelos profs. Artur Santos, Jorge Dias e Lopes-Graça. A votação foi-me favorável por dois votos contra um (o do primeiro), mas mesmo assim não consegui o patrocínio que me permitiria continuar a prospeção (na altura, tencionava limitar-me ao Nordeste Transmontano).

Em face da decisão negativa da Fundação, Fernando Lopes-Graça demitiu-se da Comissão de Etnomusicologia, e foi então que lhe propus que trabalhassemos juntos, pelos nossos próprios meios. Voltámos a Trás-os-Montes onde passámos seis meses em condições muito difíceis. O material recolhido nesta prospeção e na anterior está na origem do primeiro disco da «Antologia da Música Regional Portuguesa», publicada em 1960: tínhamos decidido fazer a cobertura sistemática do País. (...)

De 1959 a 1965 trabalhamos isolados, sem receber subsídios. Em 1965 conseguimos um primeiro subsídio da Junta Distrital de Évora e depois outros das Juntas Distritais de Beja e Portalegre. Subsídios mo-

destos mas que auxiliaram em certa medida o trabalho de campo. A prospeção das Beiras foi subsidiada pelas diversas Juntas Distritais, por duas empresas privadas — o Laboratório JABA, de produtos farmacêuticos, e a Sociedade BEGERAL, Lda., pelo Rotary Club da Covilhã e pelo Jornal do Fundão.

Quantos discos já publicou no âmbito da «Antologia de Música Regional Portuguesa»?

Até 1965 publicámos os volumes relativos a Trás-os-Montes, Algarve e Minho. Em 1965 saiu o disco do Alentejo e há poucos meses o das três Beiras. Além destes, publicámos, em formato reduzido, um disco dedicado a um cantor popular de Trás-os-Montes, Chico Domingues, outro de «Cantos Tradicionais do Distrito de Évora» e outro de «Baiões Populares Alentejanos». Estamos já a trabalhar na edição de mais doze discos.

Os discos não contêm, evidentemente, todo o material recolhido...

O CONJUNTO DOS DISCOS PERFAZ CERCA DE SEIS HORAS DE MÚSICA E NÓS RECOLHEMOS CERCA DE 200 HORAS. Mas guardamos cuidadosamente em arquivo tudo o que registamos. Se exceptuarmos a Hungria, estou convencido de que o nosso arquivo é o mais importante que existe, relativamente a um só país, de características culturais individualizadas.

O disco pressupõe uma selecção entre a totalidade dos documentos registados. Mas na fase de recolha há desde logo uma primeira triagem. A que critérios obedecem uma e outra?

Em primeiro lugar nunca vamos ao caso. Iniciamos o nosso trabalho a partir de informações colhidas em obras existentes sobre a região, ou fornecidas por pessoas conhecidas, ou, em último caso, obtidas no próprio local. (...)

Depois de ouvirmos algumas dezenas de cantigas, registamos apenas aquelas que interessam a uma primeira selecção.

Nessa selecção está talvez implícito um duplo critério: o da autenticidade e o da qualidade estética do documento.

Há também critério de estilo. Pode dar-se o caso de certos informadores saberem as canções mas terem perdido o estilo local. Quando assim acontece eliminamo-las.

Claro que, se dispuséssemos de amplos meios, o ideal era registar tudo bem ou mal cantado, com ou sem interesse. Porque aquilo que não tem interesse imediato pode, daqui a 20 anos, revelar-se sob um prisma diferente, como objecto de estudos comparativos ou de fenómenos de «aculturação».

Neste momento o nosso objectivo é pressionado pela urgência. Trata-se de recolher, enquanto é tempo, o que nos parece mais indubitavelmente importante.

E quanto à selecção do material que será depois publicado em disco?

Aí a selecção é muito mais rigorosa. Nessa fase é que intervém especificamente a colaboração de Lopes Graça, que raras vezes pode ajudar-me no trabalho de campo. Forneço-lhe documentos registados com todas as informações possíveis sobre as circunstâncias (etnográficas, socio-económicas, psicológicas) em que foram obtidos. Lopes Graça procede à análise musical desses documentos, quer de um ponto de vista etnomusicológico quer de um ponto de vista estético. Depois, decidimos em conjunto quais os que devem constituir o disco. (...)

Tem estabelecido contactos com instituições estrangeiras que também se dediquem à investigação etnomusicológica?

Lopes Graça e eu estabelecemos esses contactos desde o início da nossa actividade. Até então (1960) a música folclórica portuguesa era inteiramente desconhecida no estrangeiro. Não existia secção de música portuguesa em nenhum museu do mundo. No Museu do Homem, por exemplo, estava integrada na secção espanhola e era constituída por um único disco (da Amália Rodrigues). O nosso trabalho, embora modesto, veio alterar este quadro. Das nossas edições temos enviado sempre exemplares para cerca de 50 institutos estrangeiros, com os quais viemos a estabelecer estreitas relações. É frequente até que esses institutos manifestem a sua estranheza pelo facto de os Arquivos Sonoros Portugueses serem uma entidade tão pobre e tão desprovida de ajuda. A partir de 1967 passámos a contar com o apoio do Conselho Internacional da Música e do Instituto Internacional de Etnomusicologia Comparada de Berlim-Veneza, dirigido por Alain Daniélou. Vão atribuir-nos uma subvenção e convidaram-nos a participar nas primeiras edições da colectânea de música tradicional europeia.

Está a dizer-me isso e eu a pensar na atitude que a Fundação Gulbenkian tomou para consigo em 1959... A propósito, teve conhecimento do colóquio sobre música oriental ali recentemente realizado com a participação de alguns elementos do I.I.E.C.?

Soubemos da realização desse colóquio, com grande antecedência, através do director do Instituto, com quem mantemos regularmente correspondência. Mas a Fundação Gulbenkian, embora ao corrente dos nossos contactos através do próprio Daniélou (que já mais de uma vez recomendou o nosso trabalho), não nos convidou para esse colóquio, nem a mim nem ao Lopes Graça. Aliás, tivemos oportunidade de trocar impressões com o sr. Daniélou durante a sua estadia em Lisboa.

Mas, se fosse a contar todos os incidentes desagradáveis que têm resultado para o nosso trabalho das atitudes tomadas pelo Serviço de Música da Fundação Gulbenkian, ainda teríamos



muito que falar e falaremos quando julgarmos ter chegado o momento oportuno.

SEISCENTOS CONTOS POR UMA GLÓRIA VÁ

Posto isto, não deixa de causar surpresa que o conselho, na sua nota de 5 de Julho de 1973, talvez por nada conhecer do assunto, afirme que «a Fundação subsidia missões de prospeção folclórica e, para salvar o que estava a perder-se, organizou uma interessante e numerosa colecção de instrumentos populares portugueses (...)

Não se trata de contestar o interesse dessa colecção. Trata-se de verificar apenas esta verdade terrível: o trabalho mais completo, mais profundo e mais rigoroso que se está a fazer no nosso País em matéria de prospeção da música tradicional está a ser feito inteiramente à margem da Fundação, e sem o seu apoio. Ou antes: está a ser feito quase com oposição activa da Fundação, que, aqui como noutros sectores da sua actividade musical, parece recear a concorrência e empenhar-se sobretudo numa vã luta de prestígio. O «fim principal da obra», que caracteriza juridicamente a existência duma instituição deste tipo, encontra-se completamente distorcido no seio das actividades musicais da Fundação Gulbenkian. Agora, «para salvar o que estava a perder-se», fados por Maria Teresa de Noronha? Basta! A música comercial e turística não carece da protecção das Fundações.

folclóricos” Gulbenkian



Resta explicar o mistério que levou Daniélou a preferir os documentos paupérrimos que «o departamento musical da Fundação» lhe forneceu, àqueles que o mesmo Daniélou anteriormente considerara modelares.

Lê-se no jornal O Seculo, de 14 de Abril de 1973: **Fundação Calouste Gulbenkian:**

Mais um ano de benemérita

a) Subsídios (outros países)

6 — Ao Instituto Internacional de Música Comparada de Veneza, para a participação na organização de uma colecção de discos intitulada «Atlas Musical», um subsídio de 614.250\$00.

Portanto, depois de ter preterido oficialmente Giacometti e Lopes Graça do colóquio do I.I.E.C., financiando «generosamente» em contrapartida a vinda de críticos estrangeiros (sem qualquer experiência de prospeção folclórica) e convidando portugueses não especialmente qualificados em função da matéria em debate (mas que gozam das subjectivas simpatias pessoais do serviço de música), a Fundação ainda se permitiu contratar com Daniélou a concessão do subsídio em troca da participação exclusiva dos seus arquivos na representação portuguesa do «Atlas Musical». É-me lícito tirar esta conclusão, embora a não possa provar (como dizia o outro: «sei como estas coisas se fazem»). Tanto mais que, pouco depois da sua estada em Lisboa, Daniélou cancelou provisoriamente a

colaboração que propusera aos Arquivos Sonoros Portugueses (disse-me, na altura, Michel Giacometti). Foi este tortuoso processo, culminando numa série de múltiplos atropelos do serviço de música, que motivou a decisão de Lopes Graça de interditar oficialmente — através da sociedade internacional de direitos de autor que o representa — a inclusão de obras musicais da sua autoria em quaisquer concertos organizados ou patrocinados pela Fundação Gulbenkian. Esta interdição matém-se há dois anos, mas, não obstante o anátema histórico que lança sobre a Fundação Gulbenkian e a sua política musical, não tem impedido o serviço de música de prosseguir tranquilamente a sua actividade atrabiliária, como se nada fosse com ele.

Não pude entrevistar agora Giacometti nem Lopes Graça (nenhum deles se encontra neste momento em Lisboa) para lhes pedir uma análise pormenorizada do conteúdo deste disco da UNESCO. Mas impunha-se dar a notícia imediatamente: seiscentos contos compraram a supremacia de critérios em grande parte turístico-comerciais sobre os mais exigentes critérios de investigação etnomusicológica. O preço pago pela cultura portuguesa, esse, é incalculável.

MÁRIO VIEIRA
DE CARVALHO

(1) — Artigo publicado neste Suplemento, no passado dia 13.

A MORTE DO CÃO (3)

Ora uma das primeiras perguntas que esse episódio nos coloca é a seguinte: porque é que Jaime Faria mata Médor e não um outro? Será um simples capricho do autor? Na verdade, Médor não é melhor nem pior do que os outros cães; os termos com que ele nos é apresentado (surrado, reles, velho, passadista, aos uivos, deambulando à toa) são exactamente os termos com que nos são apresentados os outros; por vezes nem se sabe mesmo se se trata de Médor ou de um outro: «Estaria o Médor?» (pp. 272-273). A única diferença que há entre Médor e os outros cães é apenas esta: só ele é nomeado por Jaime Faria (Lira também o é — mas já está morto). Quer dizer: só ele é individualizado no romance. Ou ainda: ele é o que está próximo do narrador-protagonista — que, note-se, não é seu dono. Mas se ele é assim distinguido, não o pode ser impunemente; e também não o pode ser sem que de algum modo represente os que lhe são iguais. Por isso, poderemos dizer que a sua morte «real» implica a morte «simbólica» de todos os outros. Mais do que «um cão», Médor é efectivamente, «o cão».

Assim, a pergunta «porque é que Jaime Faria mata Médor e não um outro?» deve dar lugar a estouta: «porque é que Jaime Faria mata o cão?» Sim, porque será?

A primeira vista dir-se-ia que ele o mata porque já não pode suportá-lo — vê-lo, e sobretudo, ouvi-lo. Mas dizer isso não explica grande coisa, sobretudo se não se precisa o tempo daquele já, ou se não se define o limite da tolerância de Jaime Faria (não se mata necessariamente o que já não se suporta), ou se não se apontam as razões objectivas e subjectivas da passagem do suportável ao insuportável. Por outro lado, se Jaime Faria tivesse morto o cão simplesmente porque ele se tornara insuportável, dificilmente se compreenderiam as palavras com que encerra o episódio da morte do cão: «Se eu chorasse?»

Essas palavras poderiam levar-nos a pensar noutra hipótese para justificar o acto de Jaime Faria: a piedade por um cão que sofria, velho e sem dono. Mas esta hipótese é desde logo desmoronada pela afirmação do próprio assassino: «não te mato por piedade ou por justiça» (p. 136).

Se não é por piedade ou por justiça, então por que é? Jaime Faria não o diz directamente, mas, ao longo de *Alegria Breve*, nunca deixará de o sugerir. Desde o primeiro momento, a imagem do cão aparece associada à imagem da morte: o romance começa com a referência ao enterro de Águeda no quintal (onde dois dias antes fora enterrado Médor, sabemo-lo mais adiante), enquanto «dois cães assomam a porta do quintal, chupados de ódio e de fome». Essa associação é ainda mais clara noutras passagens, quando, por exemplo, o narrador fala em «cães de morte» (p. 122), quando diz que os cães roerão os ossos dos mortos (p. 198), e quando afirma que eles «uivam aos mortos de todos os tempos, do passado e do futuro» (p. 264).

Percebemos agora por que é que os uivos dos cães ecoam insistentemente numa aldeia (ou num romance) que se vai

despovoando (que disso vai falando): os cães justificam os mortos, os mortos justificam os cães. Numa terra esterilizada pela neve, onde os homens vão morrendo, inútil e esterilmente (sem deixarem descendentes), a presença dos cães e os seus uivos não podem deixar de constituir uma afronta. Porque são eles que lembram e anunciam a morte dos homens; e, como se isso não bastara, são eles que lembram e anunciam vivos, ao vivo, a (sua própria) morte. Médor é morto por ser cão («Que tens que fazer aqui? Cão! És cão.» — p. 132), mas também é morto por ser velho e surrado. É morto por ódio e revolta, mas também é morto por nojo e por medo.

E não só por isso, ou não simplesmente por isso. A ambígua relação morte-cão não podia Vergílio Ferreira traduzi-la de modo simples (simplicista) até porque ela apela sempre para uma outra relação: morte-Jaime Faria, Jaime Faria-cão. E a verdade é que ao matar o cão Jaime Fa-

ria» (p. 269) diz Jaime Faria em fórmulas que remetem para o «cadáver adiado» de Pessoa, que aqui nem parece que procria. Na verdade, o narrador-protagonista tenta ainda consolar-se com a ideia de que um dia terá um filho novo para recomençar «tudo de novo» (p. 276). Mas ainda aí a *alegria* é breve: por um lado, a sua vinda é incerta, improvável (voltará o meu filho?); por outro lado, ele nada resolveria, porque não faria senão recomençar: reincidir.

De modo que a Jaime Faria só lhe resta também a reincidência a luta pela sobrevivência enquanto ela for possível, o cumprimento das pequenas tarefas utilitárias (inutilitárias) de sempre: «tere de ir à lenha amanhã. Terei de ir à vila» (p. 276). E resta-lhe ainda o espanto — que nem *alegria breve* chega a ser — perante o «facto pavoroso» de ver e saber que vê, de pensar e de saber que pensa, de estar vivo e de saber que morrerá (p. 275). É só isso que

mação da morte inevitável. Daí que o episódio acabe com a reflexão: «Se eu chorasse?». Porque o assassinato vale igualmente como um suicídio — o suicídio que o narrador chega a desejar («Suicidar-me-ei talvez», p. 198). É o cão (articulado, da espingarda) que opera a morte do cão. A morte do cão é a consequência de ele ser cão da morte.

Já se vê que «o cão» da *Alegria Breve* não pode ser entendido (apenas) em sentido literal; ele é também um símbolo complexo (até na sua própria configuração: imagem, comparação, metáfora, metonímia) e reversível do homem ou dos seus medos (da morte), de sua memória (dos mortos, da morte), do seu passado (morto) e do seu futuro (mortal), do seu vaivém insensato, dos seus padecimentos, da sua raiva impotente (de moribundo), e também da sua «docilidade» àquilo ou àquele que nem é seu dono (e que o matará).

O mérito de Vergílio Ferreira não foi, decerto, o de ter estabelecido uma equivalência entre o homem e o mais velho e fiel companheiro do homem — do homem que o domesticou (de algum modo: castrou, matou) para impedir que ele fosse (como) um lobo. E talvez seja curioso notar de passagem que o próprio Médor deve ter sido realmente castrado (p. 185); e que o narrado de *Alegria Breve* diz com significativo engano ou exagero — pois os cães vivem poucos anos — que Médor «era um cão tão velho» como Águeda. Do mesmo modo, o mérito de Vergílio Ferreira também não foi o de sugerir que o cão está para o homem assim como o homem está para deus (ou para a vida, ou para a morte).

O mérito de Vergílio Ferreira foi, isso sim, o de ter sabido criar ou explorar como ninguém a complexidade de um símbolo aparentemente tão fácil e já tão usado, símbolo que muitos só têm aproveitado, com alguma ligeireza ou inadequação ou inexpressividade, para traduzir ideias de fidelidade, companhia, servilismo. Mas a complexidade do símbolo do cão em *Alegria Breve* foi conseguida e resultou porque Vergílio Ferreira o inseriu e articulou numa alegoria, ou numa série de alegorias adequadas: a aldeia onde «tudo foi morrendo», a neve, onde os cães podem conviver com os lobos, os dois picos, que bem poderiam representar os dois pontos, pólos, entre os quais oscilam e de que falam constantemente as pessoas e os bichos de *Alegria Breve*: a vida, a morte.

São esses dois «picos» que o episódio da morte do Médor nos faz «escalar» com implacável dramatismo. E tanto que não temos receio de considerar esse episódio mais paradigmático do que todos os episódios da morte de cães que a literatura moderna nos tem facultado, sejam eles o das *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, o de *A Família de Pascoal Duarte*, de Camilo José Cela, o de *Molloy*, de Beckett, o de *O Pavilhão dos Cancerosos*, de Soljenitsyne, ou o dos *Bichos*, de Miguel Torga, o de *Nós Matámos o Cão Tinheiro*, de Luís Bernardo Honwana, o de *Os Mastins*, de Álvaro Guerra, o de *O Delfim*, de José Cardoso Pires.

ARNALDO SARAIVA



ria, julga também matar a morte. Daí a sua euforia: «O homem novo vai nascer». «a minha divindade nova». Mas essa euforia depressa se transforma em desilusão: «se eu chorasse?» A *alegria* só podia ser breve: os uivos do velho e surrado cão deixaram de se ouvir, mas à sua morte seguir-se-á, dias depois, a do penúltimo sobrevivente da aldeia, que era nem mais nem menos do que a companhia de Jaime Faria, e a proprietária de uma das duas casas de Médor frequentava assiduamente. E depois de Águeda, quem se seguirá?

Entretanto, e até lá, Jaime Faria está vivo: «Há um homem sobre a terra, eu» (p. 275). Mas também essa sua *alegria* é breve, porque logo empanada pela lembrança dos mortos (da morte). Bem quereria ele não se lembrar — não é por acaso que uma das razões por que é morto Médor deriva exactamente do facto de ele lembrar: «trazia a cabeça cheia de lembranças», «olhos do passado», «memória inútil», «cão passadista», etc. Mas é exactamente a propósito do Médor que Jaime Faria confessa: «os mortos lembram-me» (p. 120). Compreende-se, assim, que ele fale mais do Médor depois de o matar, isto é, na segunda parte do romance. A morte do cão, afinal, não pôde sufocar os seus uivos, os ecos dos seus uivos, quer dizer: foi ilusória.

Ainda por cima, nós não podemos lembrar-nos apenas dos mortos do passado — lembramo-nos também dos mortos do futuro: «são mortos que ainda mexem» (p. 263), «ela estava condenada, postumamente vi-

o torna «um bicho diferente» (ibid.).

Diferente de que bicho?

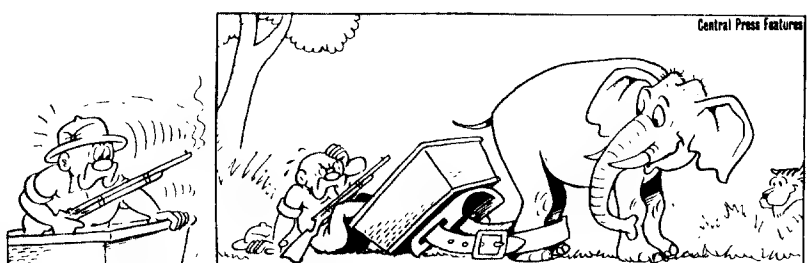
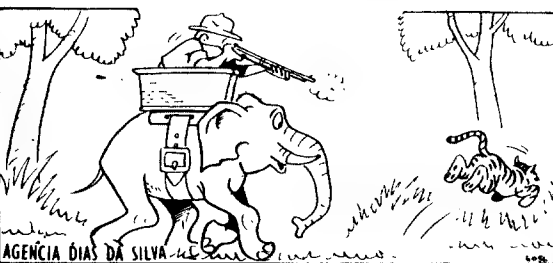
Jaime Faria não o diz, mas poderia crescer, por exemplo: do cão. Porque a esta altura já nos parecerá evidente que ao longo de todo o seu romance Jaime Faria não fez mais do que identificar-se e identificar o homem com o cão. E não seria sequer necessário notar passagens como aquela em que diz que Águeda tinha «um olhar intenso, urgente, angustiado como o de um cão» (p.35); ou que uma velha negra de negro se enrosca «a um canto como um cão» (p. 196); ou que os ossos de um homem podem confundir-se com os de um cão (p. 198); ou que Águeda foi enterrada onde foi enterrado Médor (p. 211); ou que «mexemo-nos, activos, uivamos de dor e de aflição, uivamos ao longo da noite» (p. 264).

Assim, a alusão à diferença do homem é ainda uma afirmação da sua semelhança ou proximidade relativamente ao cão. Mais: a diferença do homem em relação ao cão pode ser marcada pela própria permuta das suas posições, funções ou qualificações. Quando Jaime Faria se prepara para matar Médor não consegue reprimir o grito: «Atira Médor!»

Mas é claro que o que Jaime Faria quer matar em Médor é também o que ele desejaria matar em si mesmo: a morte real do cão funciona também como a morte simbólica do matador; a morte do cão não é a morte da morte, bem pelo contrário, é mais uma afir-

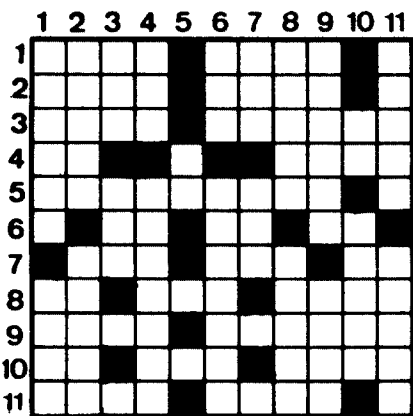


A polícia de Las Vegas descobriu mais uma rede de traficantes de droga em larga escala — COMO A TELEFOTO DOCUMENTA: A «mercadoria» vinha da Holanda por via aérea escondida em altifalantes e aparelhagem estereofônica



HORIZONTAIS:

- 1 Serra de Portugal. Aquele que.
- 2 Espécie de roupão abotoado na frente. Dê urros.
- 3 Fileiras. Porção de cereais que se malham ou secam de uma vez na eira.
- 4 Batráquio. Jarro (planta).
- 5 Produzira crepitação.
- 6 Caminhar. Átomo. Escândio (s.q.).
- 7 Um dos estados da Federação da Malásia. Óxido de cálcio. Osmio (s.q.).
- 8 Preposição e artigo definido. Vai pelo ar com grande velocidade. Rio do Estado do Pará.
- 9 Todas as coisas. Domestica-ra.
- 10 Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. Rema para trás. Lavar.
- 11 Fêmea do lobo. Bom senso.

COM PROVERBIO
PROBLEMA N.º 10554

VERTICAIS:

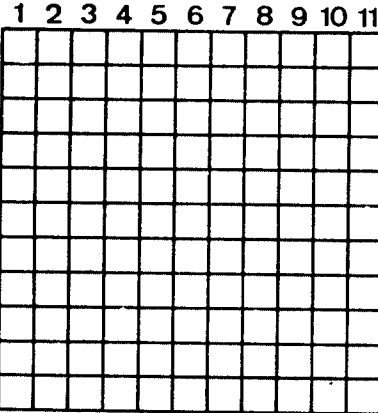
- 1 Abrange. Ilha de coral que forma um anel mais ou menos contínuo.
- 2 Guardar segredo. Em pequena quantidade.
- 3 Base aérea portuguesa. Ena!
- 4 Chefe etíope. Incita.
- 5 Nota Musical.
- 6 Pronome relativo. Pancadas de lobo.
- 7 Cantão da Suíça. Prende.
- 8 Vaguear. Sacerdotes budistas.
- 9 Dividir a ao meio. De preço elevado.
- 10 Oferece. Filtrara.
- 11 Tribo indígena brasileira. Fechara as asas para descer mais depressa.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 6711

HORIZONTAIS:

- 1 Apelido da mãe de Luís de Camões. O mesmo que min-gua. Viração.
- 2 Aguçó. Peça de ferro em que se apoia o coto da lança, quando se pretende investir.
- 3 Adivinhar. Transmite (bens) gratuitamente outrem. Tempo do verbo ir.
- 4 Ilha pertencente a Macau. Realiza.
- 5 Lavra. Braços de mar.
- 6 Força armada (fig.).
- 7 Trabalho negligente. Pinga.
- 8 Amargo. Remedias.
- 9 Ilha do arquipélago de Cabo Verde. Criminoso. Doutora.
- 10 Espécie de choupo. Voejar.
- 11 Rádio (s.q.). Rio de França. Apelido.



VERTICAIS:

- 1 Galga. Unir por casamento.
- 2 Desmontar. Mete em mala.
- 3 Cantiga. Amofina.
- 4 Abreviatura da palavra inglesa mister. Trilhar. Nota musical.
- 5 Cobre de todo Nome de uma planta do Brasil (pl.).
- 6 Falda.
- 7 Globulo. Transpirar.
- 8 Nesse lugar. Faz sermão. Nota musical.
- 9 Fechei as asas para descer mais depressa. Em que Prendera. Falhas.
- 10 Nadas (fig.) Guarneceira de asas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10553

HORIZONTAIS:

- 1 Co. MORRE. AT.
- 2 Alais. Imoto.
- 3 Vagas. Varas.
- 4 Alara. Alada.
- 5 La. Rola. Or.
- 6 O. Bois. Rã.
- 7 Ceco. Mu.
- 8 Poma. Apará.
- 9 Am. Agi. Rum.
- 10 Redor. Aba.
- 11 Amolais. Mur.

VERTICAIS:

- 1 CAVALO. PARA.
- 2 Olais. Comem.
- 3 Agá. BEM. DO.
- 4 Miar. Oca. Lo.
- 5 Ossário. Ara.
- 6 Os.
- 7 Rival. Caias.
- 8 Emalar.
- 9 Ora. Amaram.
- 10 Afado. URUBU.
- 11 Tosara. Amar.

Provérbio: MORRE O CAVALO PARA BEM DO URUBU.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6710

HORIZONTAIS:

- 1 Rb. Atear. Pg.
- 2 Acordam.
- 3 Matem. Imola.
- 4 Amena. Aarão.
- 5 Soma. Sais.
- 6 P.M.O.
- 7 Anos. Miam.
- 8 Caras. Tordo.
- 9 Arara. Rimos.
- 10 Semeira.
- 11 ED. Sassa. Na.

VERTICAIS:

- 1 Rumas. Acabe.
- 2 Amornar.
- 3 Atem. Oras.
- 4 Acena. Sares.
- 5 Toma. Sama.
- 6 Er. P.M.P. És.
- 7 Adia. Trás.
- 8 Ramas. Moira.
- 9 Mora. Irmã.
- 10 Larcado.
- 11 Grãos. Moeca.



NOTICIÁRIO EDITORIAL

EDITORIAL FUTURA

Acaba de ser publicada a oitava edição do livro de Laurence Peter e Raymond Hull **O Princípio de Peter**, na verdade uma obra em vários dos seus aspectos extremamente irreverente, que vai contra todas as ideias feitas sobre o que seja carreira, promoção e competência. Dentro da mesma linha se inclui também o livro **O Recetário de Peter** de Laurence J. Peter.

Consome e cala-te, de Dominique Pons, quinto volume da Coleção «Futuramundi», apresenta-se como o primeiro livro, em português, tratando da problemática do consumidor na sociedade moderna. Eis algumas das perguntas a que este livro dá resposta ou que mais rigorosamente formula: que é um consumidor? Quais os seus direitos perante uma produção desenfreada e muitas vezes desonesta? Quem obriga o produtor a provar aquilo que vende tem as características anunciadas?

EDITORIA ULISSEIA

Décimo primeiro volume da Coleção «Clássicos do Romance Contemporâneo», acaba de ser publicado **Viagem ao Fim da Noite**, de Louis-Ferdinand Céline. Na data do seu aparecimento em França, em 1932, foi um tufão que varreu a literatura daquele país, e ainda hoje o seu autor é considerado um dos grandes criadores literários aparecidos neste

século, embora ou talvez porque a sua linguagem truculenta, torrencial, popular veio colidir com o chamado classicismo francês, celebrado pela sua elegância e pelo seu senso de medida.

Em **Infância e Adolescência**, de J. Hadfield, obra integrada na coleção «Pelicano» mostra-se como, num clima de compreensão e afecto, não se justificam os conflitos entre a disciplina e a liberdade. Médico autor valendo-se ao mesmo tempo da sua experiência clínica e da sua experiência de pai, descreve as potencialidades da criança, as diversas fases do seu desenvolvimento, a crise da adolescência.

Foi igualmente publicado o livro de Erwan Bergot **Os Para-Quedistas**.

PORTUGÁLIA EDITORA

Foi recentemente lançado o livro de Noam Chomsky **O Poder Americano e os Novos Mandarins**, obra com a qual o autor, considerado uma das mais eminentes personalidades da linguística contemporânea, tomou uma posição definida e firme de oposição à política do seu país na guerra do Vietname. Retiradas deste país as tropas norte-americanas, poderia pensar-se que a obra perderia o seu significado, mas é precisamente o contrário: meses depois de assinados os acordos de Paris, a política de Washington parece animada, na paz instável que

hoje ali reina, pelo mesmo espírito de domínio colonialista que Chomsky combateu pertinazmente.

A Portugália Editora procedeu a novo lançamento no mercado dos livros **Paraíso sem Adão** e **A 27.ª Mulher**, respectivamente de Grace Metalious e Irving Wallace.

EDITORIAL VERBO

Platão é o segundo volume da Biblioteca Integral Verbo. Neste volume estão incluídos os diálogos **Górgias**, **O Banquete** e **Fedro**. Trata-se de textos rigorosamente integrais, traduzidos directamente do grego por professores universitários, com prefácio e notas esclarecedoras ao longo do texto.

Na Biblioteca Ilustrada do Conhecimento Científico publicou-se o sétimo volume, **A Revolução dos Computadores**, de Nigel Hawkes, versando um assunto do maior interesse no âmbito da tecnologia acessível ao grande público. O livro, verdadeiramente informativo e de fácil leitura, inclui muitas ilustrações, além de um glossário e uma biografia.

O décimo volume da série **Grandes Artistas**, da Coleção **Ars Mundi**, é dedicado a **Brasão**, sendo da autoria de Edwin Mullins, crítico de arte de grande nomeada. O texto é de rara clareza e profundidade. Por seu turno, as ilustrações abundantes e representativas,

dão ao livro um cunho de didactismo que muito servirá aos interessados por temas de arte.

O **Livro-Jogo da Quinta**, da autoria de Alain Grée, é o quarto volume da Coleção **Livro-Jogo Verbo Infantil**. Com belos suportes visuais a quatro cores, apresenta à criança jogos recreativos e educativos que a convidam a fixar os ensinamentos nele contidos.

PARCERIA ANTÓNIO MARIA PEREIRA

Incluída na coleção «Literatura Universal», acaba de ser editado o livro **O Gavião Louco**, tradução portuguesa de «L'Épervier de Maheux» de Jean Carrière, Prémio Goncourt de 1972.

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Aversão à Escola, de Marie Gabriel, é o sexto volume da Coleção **Biblioteca dos Pais**, colecção dirigida por uma equipa de especialistas mundiais em psicopedagogia e concebida de modo a falar aos pais, com toda a simplicidade, acerca dos problemas dos filhos.

Foram adquiridos por esta editora os direitos de tradução do livro de Dougal Robertson **Survive the Savage Sea**, que relata a aventura da família Robertson num pequeno barco pneumático, com pouca comida e água, só com a roupa

do corpo, sem bússola nem mapa. Esta desesperada situação, que envolveu seis pessoas, só terminou ao fim de 38 dias, quando os naufragos foram encontrados por um barco japonês.

É em **Torremolinos**, um dos mais conhecidos centros do cosmopolitismo turístico do mundo, que James Michener reúne as personagens do seu livro «The Drifters» (**Os Filhos de Torremolinos**, na edição portuguesa), reconhecido como um dos romances que melhor retrataram o fenómeno da «juventude pop» nas suas relações com as sociedades estabelecidas.

Num período em que a qualificação intelectual dos adultos se tornou, no nosso país, uma verdadeira preocupação nacional, um livro como **A Formação Contínua dos Adultos**, agora editado, surge como uma autêntica necessidade. É seu autor o psicólogo e pedagogo Pierre Goguelin.

Com o volume **O Surrealismo na Poesia Portuguesa**, organizado, prefaciado e anotado por Natália Correia, iniciou esta editorial a série «Antologias» da colecção «Estudos e Documentos».

Acaba de ser lançada no mercado a 3.ª edição, em Portugal, de **A Tenda dos Milagres** de Jorge Amado, livro em que nos depara, sem quaisquer concessões, um empolgante manancial de vida, povoado de uma fauna humana pitoresca e trágica. E, em suma, uma panorâmica da luta do povo baiano para sobreviver e criar cultura em meio de condições tão adversas

PREFEITOS

O Colégio Tomás Ribeiro, de Tondela, precisa de prefeitos com experiência. Resposta em carta ao Colégio.

Instituto de Línguas de Algés

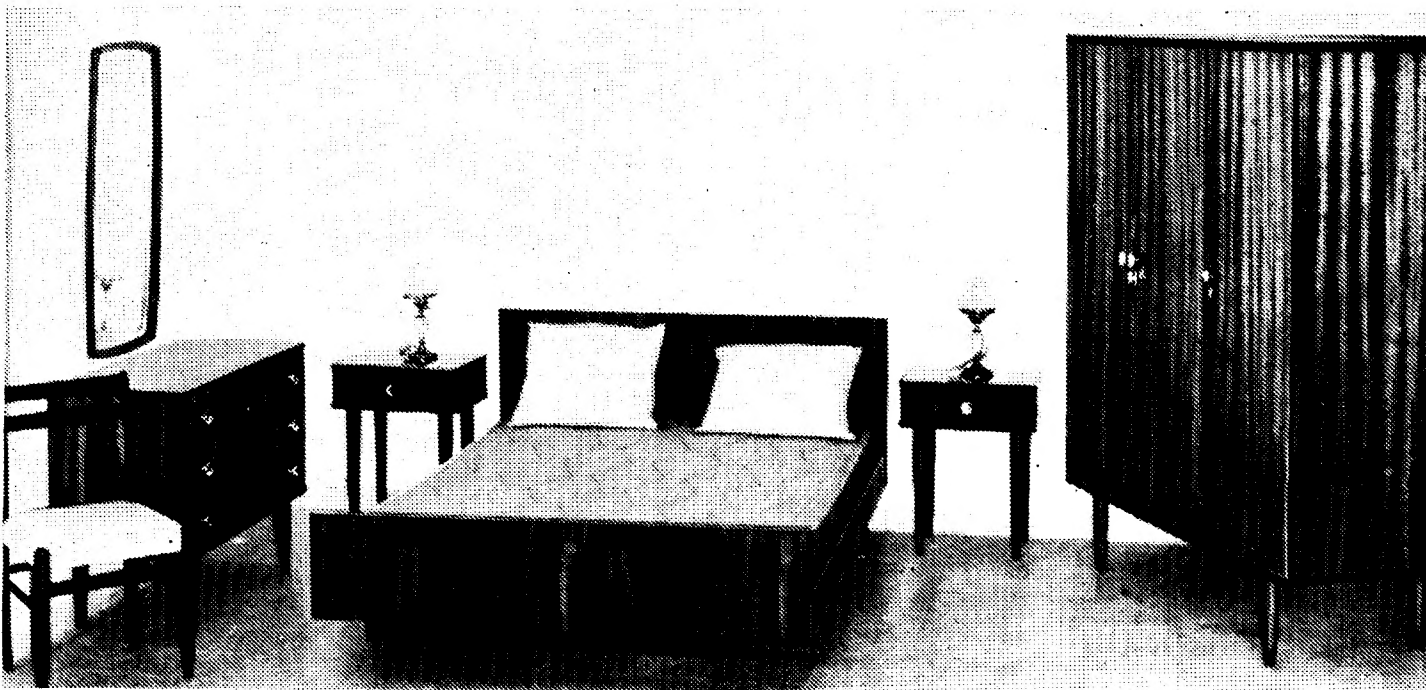
Rua dos Bombeiros Voluntários, 29, 2.º — ALGÉS
Telefone 21 49 10

INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

Das 10 às 12 h. e das 17 às 22 h. excepto sábados

MATRÍCULAS ABERTAS PARA OS CURSOS
A INICIAR EM 1 DE OUTUBRO

Aos noivos!



Façam a vossa viagem de núpcias no vosso próprio automóvel, um MORRIS "marina"

Informe-se na Dardo desta sensacional campanha. Além da formidável oferta ainda obtêm preços baixíssimos, em mobílias de quarto com colchão de molas **Climax**, o máximo em molas. Facilidades de pagamento surpreendentes.

Av. da Liberdade, 131
Av. Almirante Reis, 124-B
Rua de S. Bento, 53 a 57
Praça de Londres, 7
Rua D. Estefânia, 193
Rua 1.ª de Maio, 146-A

Dardo

Electrodomésticos - Mobílias

MENORES PREÇOS - MAIORES FACILIDADES

e no Stand DARDO da Feira Popular de Lisboa

ar.co

CENTRO DE ARTE E COMUNICAÇÃO VISUAL

R. de Santiago, 18—Telefs. 872749-863355—LISBOA
Autorizado pelo Ministério da Educação Nacional

ABERTAS AS INSCRIÇÕES INÍCIO A 8 DE OUTUBRO

DESIGN, PINTURA, FOTOGRAFIA, CINE-
MA, SERIGRAFIA, DESENHO, ESCULTU-
RA, ESTÉTICA, COR, HISTÓRIA DE ARTE,
AUDIOVISUAIS, TÊXTEIS, COMUNICA-
ÇÃO GRÁFICA.

EM CADA CURSO VÁRIOS PERCURSOS

ORPEL — ORGANIZAÇÃO DE PROFESSORES PARA O ENSINO PARTICULAR, LDA.

AV. DUQUE DE LOULÉ, 71-2.º — LISBOA-1

SE É AMBICIOSO E QUER PROGREDIR NA VIDA?

ENTÃO:

Ousamos fazer-lhe um convite

Realize aquilo que sempre sonhou, aprenda INGLÊS - FRANCÊS - ALEMÃO

Possuímos o mais moderno laboratório de línguas

Ensinar é a nossa profissão

LICEU 1.º e 2.º Ciclos C. PREPARATÓRIO, Explicações individuais

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES: DAS 9.30 ÀS 12.30 E DAS 14.30 ÀS 20.00 H.

"O DISCURSO DA DESORDEM", DE ANTÓNIO REBORDÃO NAVARRO

UMA LEITURA DE ANA HATHERLY

Quando a actividade dum escritor se desenrola ao longo de anos, chega um momento em que ele se encontra numa espécie de encruzilhada alternativa que pode ser considerada, entre outros aspectos, como um cúmulo de ambição ou de humildade: ou o autor assume o seu país ou é assumido por ele.

Outra situação semelhante no aspecto gráfico e que, actualmente mais que nunca, se depara ao romancista que tenha abandonado o retrato naturalista e as suas ramificações psicológicas, é a que o leva a enveredar ou pelo ensaio ou pela poesia.

Mas se ele quiser sair desse sistema binário, tem agora uma nova possibilidade, a de realizar um **texto-auto-ciente**, ciente de si. Quer dizer, o escritor ocupar-se-á acima de tudo da escrita, da escrita do texto que escreve, epicentro da sua narrativa, de que decorrerão todos os problemas com ele relacionados e característicos da trama psicológica, histórica e gráfica que nunca podem ser evitados na realização dum texto. O romancista, ao fazer das suas personagens um retrato abstracto, acentua em contrapartida o seu subtexto; as personagens tornam-se símbolos, signos, puros elementos dum texto, que é também um contexto. E nesse momento de máxima desindividualização que o autor surge distintivamente entre uma espécie de aranha e «Margarida ao Tear», tecendo a teia com que capta o seu próprio fio de Ariana que procede desse centro mítico que é a história da invenção colectiva chamada um povo.

«O Discurso da Desordem», pela sua característica elaboração de **texto-auto-ciente**, apresentará muitas possibilidades de leitura e a que aqui comunico é, naturalmente, apenas uma delas, e nem sequer a única que fiz.

Em primeiro lugar, nesta narrativa em que a exploração da linguagem é fulcral, analisei o título: «O Discurso da Desordem» não representará a contrapartida de «O Discurso do Método»? Em oposição à certeza racionalista, a incerteza dum época em que todos os valores são postos em questão, inclusive os da própria razão, aqui através dum inquirição da linguagem? — Ou então: em vez da dúvida metódica, a dúvida desordenada ou a certeza desanimada?

Em «O Discurso da Desordem» há uma palavra chave: **CRONOTANATOLOGIA**. Aí a linguagem dá a medida do tempo, do desgaste pela corrupção, do esvaziamento pela degradação dos valores que foram o nosso antigo suporte.

— «o fétido odor da burguesia»

— «o quotidiano medíocre»
A decadência é dada pelo esvaziamento de significado das falas da burguesia, em oposição às do povo, eterno pícaro. A decadência aqui é a decadência dum sociedade, dum classe, do que foi um conceito de vida e até um ditame da consciência. Falamos a linguagem da nossa sociedade, da respectiva classe a que pertencemos; a linguagem define um estatuto social, uma hierarquia e uma condenação à obsolescência.

As falas da burguesia, opostas às do povo, acentuam o desfazamento entre as classes, os problemas dum sociedade cuja melancolia e frustração são o produto dum época que o autor assume como uma espécie de condenação necessária, como uma «fatalidade», assumindo-a e identificando-a com «o seu povo»:

— «sentes-te poderoso e, ao mesmo tempo, reles»
— quando a alma dum homem nasce neste país, há re-

des atiradas sobre ele para a reterem e impedirem de fugir — aonde lança o anzol em que habilmente te prendeste? No mar que são os teus contemporâneos? Noutro mar doutro tempo?

— no inesgotável, pestilento fosso de dejectos da memória.

Outro ponto que me chamou a atenção foi o da importância dada a Faulkner, especialmente a «The Sound and the Fury». Para além dos aspectos de focagem dum sociedade-tipo, não seria a origem do próprio título ainda um índice? Faulkner extraiu esse título da Cena V, Acto V de «Macbeth»:

It is a tale told by an idiot, full of sound and fury, signifying nothing.

Uma definição da vida, mas sobretudo uma definição do indivíduo criador empenhado em descrevê-la: a vida é uma história contada por um louco.

Assim estaríamos de novo perante a noção de comédia humana.

Quando o português assume a sua faceta crítica, geralmente fá-lo ou à maneira de Aristóteles ou à de Inquisidor. Outro modo será a da assunção da melancolia, no seu aspecto de agressividade voltada para si própria. Aí encontraremos a origem de toda a nossa literatura de frustração e de impotência perante o curso da história, história que é uma narrativa do acontecido relatada criticamente: o narrador é sempre um cronista. E o português, que se assumia como tal, assumindo o seu povo e a sua sociedade como um microcosmo sabe, verdadeira sabe o tempo. Sabe o desgosto máximo de sermos como somos ou de poderemos ter sido.

A morte é uma noção omnipresente no escritor português. Em «O Discurso da Desordem» a sabedoria do tempo — a idade — coabita com um sapo — o mistério — cuja destruição conduz à morte, à morte ignominiosa e fútil.

A morte é a gratuidade absoluta, disse Freud. E tudo quanto é transitório é um simile, disse Goethe.

ANA HATHERLY



este aspirador tem ideias próprias sobre limpeza é um **NILFISK**



ELE PENSA EM GRANDES E PEQUENAS SUPERFÍCIES.

Ele sabe onde os resíduos do trabalho dia-a-dia se amontoam e onde o pó se acumula. Ele chega aos pontos de mais difícil acesso, onde por vezes, a poeira concentrada, pode constituir perigo. De grande poder de sucção, NILFISK INDUSTRIAL, em qualquer dos seus modelos, é o aspirador mais eficiente e mais durável — o mais versátil e mais rentável.

NILFISK INDUSTRIAL tem sido duramente comprovado em fábricas, hotéis, hospitais, igrejas, armazéns, garagens, cinemas, etc.

Para mais informações corte, preencha e envie para:

NILFISK - Aspiradores Industriais e Domésticos, Lda
Apartado 4049 - Lisboa-4

Nome
Actividade
Morada
Localidade

NILFISK
um mundo de soluções!

NILFISK - Aspiradores Industriais e Domésticos, Lda.
Lisboa-4 - Rua Félix Correia, 8 - Tel. 78 83 31

EXCURSÕES C. P.

• FERIADOS DE OUTUBRO EM MADRID

● Partida: dia 4/10, à noite, no «Lusitânia-Expresso», em «carruagem-couchette»; regresso: comboio «Ter», em 7/10.

● Dois dias em Madrid úteis para compras (estabelecimentos abertos).

— Assistência e transferência de autocarro à chegada, para os Hotéis e vice-versa.

— Hotéis situados em plena Gran Vía, de 1.ª e 2.ª categorias, com reservas asseguradas em regime de pensão completa ou residencial.

Preços (tudo incluído) desde:

LISBOA 1.280\$00

PORTO 1.430\$00

Redução para grupos de 10 ou mais pessoas e para crianças.

Informações e programas completos:

— Estações de Lisboa-Rossio, Santa Apolónia e Terreiro do Paço.

— Rua do Arsenal, 124; e Centrais do Caminho de Ferro de Lisboa.

Reservas rápidas — Telef. 367529

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS



Folhetim-artístico

José-Augusto França

DE LERMA A OSUNA

De Burgos, uma perpendicular desce a Granada, talhando a Espanha de alto a baixo — e a Granada, como a Cordoba e a Sevilha, finalmente fui, pela primeira vez na minha vida, quase tenho vergonha, lusitana vergonha, de o confessar...

Folhetim viajero, como outros deste Verão, ele começará, porém, em Lerma e terminará em Osuna, nomes menos altissonantes a orelhas portuguesas que Sevilha desde sempre arrebitou. Sevilha, sem dúvida, e Granada e Cordoba — mas também dez vilas pequenas, ou aldeias, à margem dos itinerários do costume. O Congresso da História da Arte do C. I. H. A., que me fez ir a Granada, levou-me a algumas delas; uma curiosidade por assim dizer científica fez o resto. A começar por Lerma; vila ducal, como ducal é Osuna, onde me arranjaré para terminar o breve inventário ao correr da pena. Um ducado de Seiscentos, outros de Quinhentos, com sangue aliás a certa altura misturados, de Sandoval e Tellez-Giron.

Lerma fica a poucos quilómetros de Burgos e as suas muralhas à beira da estrada encerram uma vila que o duque favorito de Filipe III embelezou com as suas imensas riquezas politicamente mal-adquiridas. Ainda bem que o fez, porém — e os palácios e as igrejas que se ergueram ao alto da povoação, o próprio traçado das ruas, formam um conjunto que documenta uma rara possibilidade de urbanização clássica. Um conjunto conservado à margem do progresso, com as suas ruas de calhaus impossíveis de andar, a grande praça deserta, uma velha e dura solidão castelhana...

É já no princípio da decadência da Espanha de Filipe II que dera o Escorial, uma geração atrás — este palácio-convento de torva grandeza, a que planta simulando a grelha do martírio de São Lourenço acrescenta o valor emblemático. Uma revisita rápida, só para medir a passagem entre os Austrias e os Bourbons nos ambientes sucessivamente criados nos apartamentos régios. E para rever o Bosch e os Grecos que fascinavam Filipe II, apodrecendo no seu leito de gotoso...

Mais adiante, do outro lado de Madrid, entretanto promovida, Aranjuez é um dos lugares eleitos dos Bourbons — e esta escadaria barroca italiana do interior do palácio, com o seu triplo acesso, traçada por Bonair para Filipe V, lembra o lado Farnesio da nova dinastia que em Carlos III assume o «iluminismo» que a ordenação inteligente e discreta das novas alas do palácio representa. Meio século depois, a decoração dos aposentos de Isabel II constitui um curioso exemplo do «kitsch» romântico, com sala mourisca no «revival» de Contreras...

Mas um outro palácio existe, perto do Escorial, que merece atenção: Manzanares el Real, fortaleza do século XV que uma «loggia» quase plateresca ilumina e adoça. As armas dos Mendozas parecem ligar o castelo à casa do Infante que, perto, em Guadalajara, têm o seu palácio isabelino com o qual seria interessante estabelecer comparação estilística — provavelmente, digo, pois não fui a Guadalajara onde, aliás, o palácio está sendo reconstruído. Perto de Granada, o castelo de Lacalhorra oferece-nos outro exemplo da grandeza dos Hurtados de Mendoza, construído pelo filho do cardeal Mendoza, ministro e va-

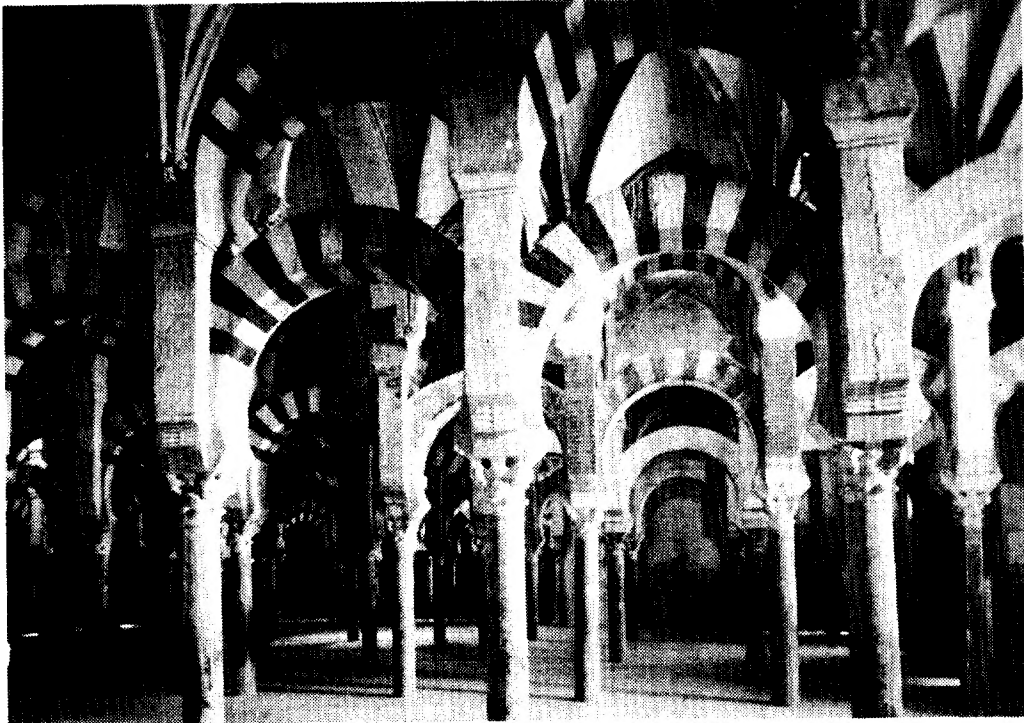
lido dos Reis Católicos, «terceiro rei» de Espanha, que fez vir pedras lavradas em Itália para um precioso pátio renascentista que vale a fadiga de trepar ao monte pedregoso.

Antes de Granada, temos, porém, Jaén, Baeza e Ubeda que merecem a visita.

Jaén é sobretudo a vastíssima catedral dos séculos XVI-XVII-XVIII começada por Vandelvira e nela, mais que o sacrário, a sacristia, obra-prima de coerência, de proporção e discrição decorativa de Quinhentos. E também o museu com os seus Riberas e a sua «Deposição» escultórica de Jacopo Fiorentino em cuja definição se insinua, por gosto espanhol adoptado pelo autor, um expressionismo germânico.

Ubeda é um conjunto monumental de quarenta e quatro palácios e igrejas do Renascimento, reportoriados no breve espaço de uma pequena vila. A igreja do Salvador, de Diego de Siloé, tem uma fachada demonstrativa dos temas estilísticos de Quinhentos adoptados no sul da Espanha, e, na sacristia de Vandelvira, um magnífico tecto em compartimentos abobadados (no processo que os italianos chamam de «vela»), com panos enfundados numa tensão ao mesmo tempo fina e majestosa. De outro modo magnífico é o retábulo cênico aberto de um teatro onde, sob um baldaquino e entre reposteiros arredondados de boa talha realista, se representa a «Transfiguração», esculpida em Setecentos por Berruguete. Na igreja de San Pablo uma série de capelas, lado a lado, ilustram a evolução do gosto, do gótico ao isabelino e ao renascimento clássico. Dos palácios, o do conde de Guadiana exibe uma notável torre italianizante, dos princípios de Seiscentos — mas, nos fins do século XVIII, o do marquês de Contadero oferece ainda uma «loggia» renascentista. Pormenores de uma história da arte que necessariamente o será da mentalidade.

Muito perto, Baeza, primeira povoação andaluz reconquistada (em 1227), é, entre igrejas e palácios, uma vila aldeia, tranquila e sonolenta, que só o grupo dos congressistas animou. Numa taberna, ao fresco, joga-se o dominó; um «señorito» passa a cavalo, seguido do criado... No palácio de Jabalquinto acaba, em «isabelino», o gótico e assoma o renascimento, numa decoração composta desenhada entre duas grossas colunas terminadas em capitéis mudejares que são base de janelas lançadas no espaço como púlpitos. Mais adiante, as ruínas de S. Francisco têm um interior colossais, com os restos antiquizantes de



Cordoba: a mesquita

grandes retábulos de pedra esculpida, colossais também.

Guadix é a catedral com a sua fachada falsamente movimentada com elementos decorativos, é a praça «mayor» que integrou (felizmente sem destruição) um troço quinhentista popular. E são «las cuevas», habitações trogloditas, «bidonville» natural, onde, na sujidade da terra vermelha, brincam garotos e cães, esmolando uns, farejando os outros, os turistas que ali se arriscam, sob o sol em brasa. Urbanismo «orgânico», sem dúvida, lição arquitectural também — mas como dizê-lo assim, entre miséria tamanha? Não, decerto, num folhetim mais humanamente perto das coisas...

Das coisas que luzem na pequena vila de Perigoso de Cordoba, por exemplo — onde as casas senhoriais e burguesas abrem sobre a rua pátios frescos e floridos com velhas «doñas» abanando-se de leque. Têm elas uma grande igreja com um belo sacrário de estuques rococó, têm fontes pelas pracinhas vistosas, e terras de bom rendimento, com certeza, nesta economia andaluza que rejeita os pobres.

Centro rural este, eis um outro centro industrial, perto de Granada: Antequera. E é, na igreja del Carmen, um altar-mor churrigueresco de profusa decoração em finíssima talha sem ouros, com anjos esvoaçando entre estípites e baldaquinos, e um artesonado mudejar que com ele se casa. É também a simples fachada renascentista de San Sebastian onde, ao alto, Adão e Eva se reclinam em pose curiosamente lasciva, como jamais vi em ioc-

nografia religiosa. E é ainda, no cimo da vila, no recinto do castelo, a igreja de Santa Maria, de 1514, com as suas colunas caneladas colossais, num espaço ideal que só um belo tecto mudejar localiza.

Outro centro, então, e nobilíssimo, para terminar o folhetim ou o seu título: a cidade ducal de Osuna. Os seus múltiplos palácios, com portais brasonados de colunas salomónicas, querem dizer muitos hectares de terra que, ao alto da vida, a colegiada com o panteão dos duques justifica. Tanto como este pequeno convento de Mercedarias, fundado por uma Osuna-Lerma, que abre para o encanto do seu claustro de azulejos historiados dos «Sentidos» ou de cenas de passeio, em doces cores, as salas dos seus tesouros. Irmãs, destacadas da clausura, mostram-nos uma enor-

me colecção de Meninos Jesus variadamente trajados — até de arcanjo S. Miguel; e a arca das suas roupinhas. Mostram-nos também o livro onde, desde Seiscentos, as irmãs recém-entradas desenhavam e pintavam emblemas, cenas, sonhos, talvez de uma vocação piedosa. Na cidade, os homens sentam-se, em renque, no passeio, à porta do «Casino», a verem passar a mesma eternidade...

Restam, neste itinerário, Granada Cordoba e Sevilha — que o leitor conhecerá há mais tempo do que eu.

Nesta folha de folhetim que me falta lhe direi então somente que Carlos V, fazendo tapar o Alhambra dos Nasrides com o seu palácio imperial do miguelangellesco Machuca reservou para nós a mais admirável das surpresas culturais. Uma civilização que veio do frio

opõe-se à doçura cálida do último clarão mulçumano nas Espanhas — mas entende-o. E tanto que lhe aceitou o gosto no Alcazar de Sevilha e lhe impediu a destruição na mesquita de Cordoba. (Que não se faça a qui o contrário, com uma reconstrução da traça primitiva, que potentes árabes do petróleo pretendem agora pagar, com a UNESCO pelo meio — tolce arqueológica que A. Chastel denunciou não há muito!).

Granada é o Alhambra e o Generalife), como Cordoba é a Mesquita e Sevilha o Alcazar — e a giralda do seu emblema. A arte mulçumana subsiste, e não como uma contribuição estranha ou exótica: ela faz parte da própria definição duma cultura (e portanto duma história) que aprendeu a conviver com requintes formais que os outros países da Espanha (e da Europa) ignoraram. Dai a notável articulação de estilos — em que há, simultaneamente, sobreposição e justaposição de fórmulas gramaticais, numa sintaxe complexa e específica da cronologia local.

Mas Granada é também a catedral (e o prestígio da sua Capela Real), e a Cartuja (com o sacrário e a sacristia) e as igrejas do Renascimento (a de S. Jerónimo) e do barroco, e ainda o curiosíssimo monumento de Novecentos, da rainha Isabel recebendo, sentada, Colombo, única escultura representando uma cena com empenho naturalista que conheço. (Dada a posição da figura e as águas que em volta jorram, chamam-lhe muito bem os granadinos o «bidé de la reyna»...). Cordoba é também a surpresa neo-clássica da igreja de Santa Victoria; e Sevilha a esmagadora catedral com o seu retábulo flamengo e o túmulo de 1900 de um Colombo que voltou a ter pouca sorte em monumento; e ainda o admirável edifício da Lonja de Herrera. E o grande e excelente museu onde tornei a ver S. Bruno a ser recebido por Urbano II — num silencioso diálogo para toda a eternidade que só Zurbarán poderia assim pintar...

CORREIOS
E TELECOMUNICAÇÕES
DE PORTUGAL

OBRIGAÇÕES CTT 6 3/4 % — 1972

JUROS

Avisar-se os Srs. Obrigacionistas de que o cupão n.º 2 se encontra a pagamento a partir de 1 de Outubro próximo.

Juro de cada obrigação	33\$75
Imposto sobre as Sucessões e Doações exceptuados casos de isenção)	1\$6875

Líquido a receber 32\$0625

(O total em cada pagamento deve ser arredondado em dezenas de centavos, para menos).

Os juros das obrigações nominativas serão pagos na Tesouraria dos CTT, Rua de S. José, 18, Lisboa — pelo que se torna necessária a apresentação dos títulos respectivos a fim de serem carimbados.

O Pagamento dos juros das restantes obrigações será efectuado nos estabelecimentos bancários abaixo indicados:

Caixa Geral de Depósitos
Banco de Fomento Nacional
Banco Borges & Irmão
Banco do Algarve
Banco Agrícola e Industrial Viseense
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

Banco Fonsecas & Burnay
Banco Nacional Ultramarino
Banco Intercontinental Português
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Português do Atlântico
Banco Totta-Açores
Crédit Franco Português
Montepio Geral

Lisboa, 13 de Setembro de 1973

SALDOS
QUADRANTE

LIVROS INGLESES/BRASILEIROS
SETEMBRO

LIVROS
ESCOLARES
QUADRANTE

AV. LUÍS BIVAR, 85 - C

TEXTOS SOBRE TEATRO

Carlos Porto

CAMINHOS DA CRIAÇÃO TEATRAL

4. SOBRE «ANDORRA», DE MAX FRISCH

Depois de termos visto, embora muito pela rama, o teor da 1.ª parte deste 2.º volume de «LES VOIES DE LE CRÉATION THÉÂTRALE», em que Jean-Claude François e Philippe Evernel examinavam o caminho brechtiano através da análise de montagens dos seguintes textos: «Mãe Coragem», «A resistível ascensão de Arturo Ui», vejamos o estudo seguinte. Assina-o Jeanne Lorange e versa sobre a peça de Max Frisch, «Andorra», publicada entre nós pela «Portugália Editora». Max Frisch fez três versões desta peça que aborda um tema eminentemente político: o do racismo. O escritor suíço serviu-se para isso da fábula de um jovem israelita que vai viver para casa de um professor que lhe salvou a vida e que habita em Andorra. Andri não chega a integrar-se na pequena comunidade andorrana que o olha como a um estrangeiro. Depois de várias peripécias, Andri é acusado de homicídio e enforcado embora estivesse inocente. O jovem acabara, de resto, por assumir a personalidade que a comunidade lhe impusera. Os habitantes desta Andorra imaginária não chegaram a tomar consciência do crime que acabaram de cometer, corolário dos preconceitos racistas que inconscientemente alimentavam. É necessário ter em conta que Max Frisch não denuncia apenas um tipo de racismo — aquele de que os judeus têm sido vítimas — mas todos os preconceitos que têm como pseudo justificação a diferença e o interesse (e de que podem ser vítimas tanto os judeus, como os árabes, os negros, os emigrantes, os outros).

A articulista analisa no seu estudo não só as três versões da obra como várias encenações dela: a primeira teve a colaboração do autor e estreou-se em Zurique em Novembro de 1961. Segundo Jeanne Lorange, Max Frisch é extremamente sensível às sugestões da equipa que o rodeia e não hesita em modificar o seu texto, mesmo se este é o resultado de longos anos de reflexão.

Um dos elementos importantes deste primeiro espectáculo era constituído pelo cenário: Os elementos grosseiros e rebarbativos, fechados, tinham impacto na sensibilidade do espectador. Com a nudez do palco, sugeriam não só o horror da perseguição, mas também o horror do vazio e da solidão. As paredes eram claras, caladas, manchadas com tons cinzentos que lhes davam uma impressão de relevo, de irregularidade, e também de miséria. Com a cortina de fundo azul e o sol vermelho, lembravam a brancura de Andorra já maculada, o seu límpido céu ameaçado, a sua terra pobre cor do sangue, como aquele que iria correr.

Após a encenação de Zurique, a ensaísta refere quatro outras montagens do texto de Frisch. A de Harry Buckwitz em Frankfurt; a de Peter Palitzsch — que deixara o «Berliner Ensemble» — em Stuttgart; a de Gabriel Garran em Aubervilliers; a de F. Kortner, em Berlim. Na primeira dessas ence-

nações (a de Harry Buckwitz), o conflito era integrado em absoluto na história nazi, a fim de centrar «Andorra» na desumanização de um mundo que integra o homem num sistema e infalivelmente faz dele um ser aviltado, quer seja um carasco entregue aos seus instintos, testemunha passiva defendida pela ignorância dos factos, ou vítima votada à destruição.

Peter Palitzsch deu ao texto um carácter menos directamente político enquadrando-o numa pequena comunidade pequena-burguesa. Todavia, por detrás desse quadro aparentemente pacífico, perfilava-se a recordação inapagável da besta nazi.

Foi com esta peça de Max Frisch que Gabriel Garran inaugurou o teatro da Comuna de Aubervilliers, uma das mais curiosas experiências do teatro da periferia de Paris. Como acontece em França, o teatro foi objecto de uma adaptação assim explicada pelo tradutor: Era necessário sem que o texto nada perdesse do original, tornar o diálogo mais directo, imediatamente apreensível; mais rigorosa a enunciação das réplicas. Garran procurou fazer, segundo J. Lorange, um espectáculo extremamente depurado de qualquer tipo de dramatismo, utilizando tanto quanto possível o processo brechtiano da distância.

Compreende-se o ponto de vista escolhido pelo encenador francês, se tivermos em conta o facto do texto de Max Frisch

estudadas neste capítulo: A tendência para o esquematismo abstracto em Aubervilliers mostrava ao espectador a coexistência de dois mundos dos quais um não era mais do que a invenção do outro, fenómeno histórico e sociológico sobre o qual o espectador era convidado a meditar lucidamente. O romantismo figurativo de Kortner pintava um fresco no qual cada um podia encontrar-se, sem orientações determinadas, concepção pessimista, talvez, mas generosa no seu respeito integral do homem.

Se a fascinação do jogo subtil dos componentes de «Andorra» permite interpretações extremas, renova no interior dessas contradições, objectividade, não-objectividade, a dualidade coração e razão. Harry Buckwitz e Kortner optaram por falar ao coração, Peter Palitzsch e Garran dirigiram-se à razão, embora essa lição não fosse nunca de ordem formal e pessoal.

O estudo sobre «Andorra», de Max Frisch, termina com um quadro que contém as alterações fundamentais das três versões da peça e ainda dois pequenos textos de Max Frisch, extraídos do seu «Diário».

5. WEISS E O TEATRO-DOCUMENTO

Vejamos agora, rapidamente, o estudo que Denis Babelot, um dos grandes estudiosos franceses dos problemas cénicos da linguagem teatral, assina sobre a peça de Peter



«Andorra», na encenação de Peter Palitzsch

los processos de criminosos nazis e representa, ao mesmo tempo, a leitura em segundo grau de uma realidade demasiado monstruosa para poder ser projectada em termos verosímeis, de forma directa.

O próprio autor explicou a sua obra nestes termos: Em «O Interrogatório» a história alemã torna-se viva e é julgada a partir de hoje. Não se trata da representação do passado, mas da representação do presente através do qual renasce o passado. Quando procuramos um tema histórico, esforço-me em primeiro lugar por actualizá-lo, por colocá-lo no meu presente.

Denis Babelot, depois de fazer a apresentação do texto, faz uma análise dos seguintes termos: 1) Estrutura ternária ao nível das personagens; 2) Estrutura ternária da construção.

O crítico comenta seguidamente a realidade cénica da peça que analisa através das seguintes montagens: Piscator, em Berlim-Oeste (1965); H. A.

de «O Interrogatório» na carreira de Piscator, descobre-se que este espectáculo foi por assim dizer a sua última batalha. Não apenas porque suscitou áspers polémicas, mais políticas do que estéticas, mas porque constituiu a última etapa na busca de um teatro político em relação directa com a realidade do nosso tempo. No momento em que Piscator escolheu «O Interrogatório» para festejar o 75.º aniversário da «Frei Volksbühne», não esqueceu o ideal que, tal como em 1890 Bruno Wille, um dos animadores desse movimento, o definiu, definição que ele partilhava: o teatro deve ser a fonte de um prazer estético, mas deve igualmente incitar com força a reflectir sobre os grandes problemas do nosso tempo.

Eis a visão que o próprio Piscator tinha da peça de Weiss: Para mim, este oratório é uma espécie de terceiro testamento. O teatro regressa

quecer as lições da história.

Na R.D.A., H.P. Perten fez uma encenação em que de certo modo partilhava as opções de Piscator e do próprio autor: tratava-se sobretudo de pôr em causa um sistema que poderia vir a provocar de novo um regresso aos crimes do passado. Nesta encenação não havia nenhuma referência realista: a uma sala de tribunal, o cenário era um espaço que permitiu um jogo de múltiplas significações implícitas.

Pelo contrário, Ingmar Bergman transformou a sala de teatro numa sala de tribunal. O público era assim posto em situação: assistia simultaneamente a um «julgamento» e a um espectáculo. A mesma luz iluminava o palco e a sala para que os espectadores tivessem uma maior consciência dos factos.

Informa Denis Babelot que o que mais impressionou Weiss na encenação de Weiss, foi, por um lado, a homogeneidade e o carácter eminentemente musical do espectáculo, pelo outro, a forma como Bergman valorizou alguns temas principais da peça (a inconsciência, a ausência de todo o sentido de responsabilidade, de todo o sentimento moral nos réus, mas também a realidade de crimes conscientemente cometidos no interesse da grande indústria).

Denis Babelot faz seguidamente uma análise exaustiva não só destas encenações como das de Garran, Axer e Puecher, acabando por tirar as seguintes conclusões das várias montagens analisadas:

Piscator ofereceu-nos um «Interrogatório» que procura arrancar o espectador de uma perigosa passividade para o conduzir para uma justa apreciação da história e do nosso presente.

Perten utilizou um simbolismo demonstrativo ao serviço de uma encenação altamente política.

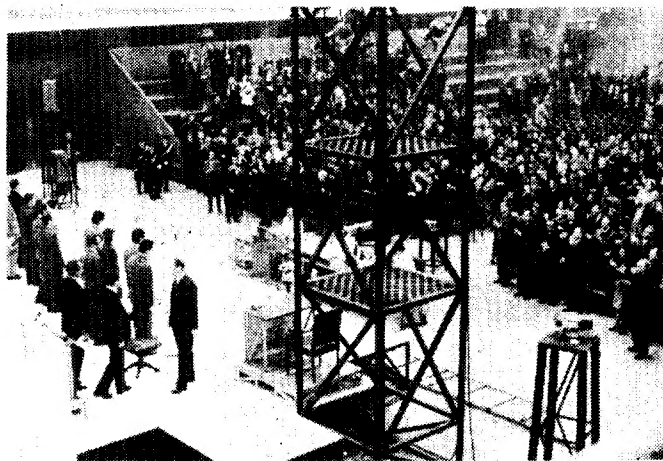
Numa espécie de oratório realista, Bergman realizou a fusão entre uma forma rigorosamente musical e o jogo psicológico dos actores.

Garran propôs-se um teatro da objectividade destinada a suscitar a reflexão.

De cada palavra do texto, Axer fez um apelo à nossa consciência.

Puecher reuniu os mais modernos meios de expressão cénica para desmontar um sistema e ajudar-nos a compreendê-lo.

Enfim, quando um grande texto encontra grandes encenadores e grandes possibilidades técnicas — chegamos ao grande teatro. Óbvio.



«O Interrogatório»: encenação do Piccolo Teatro de Milão

constituir uma parábola de evidente conteúdo político, embora não partidário de acordo com as concepções de Brecht. Para Kortner, o encenador israelita que montou a peça em Berlim, o qual conheceu de certo modo a situação do protagonista da peça, era necessário recusar o estilo caro às concepções artísticas nazis e conferir um potencial humano a todas as personagens sem dar relevo especial ao herói, descentralizando assim o interesse da peça em proveito de todos os temas subjacentes.

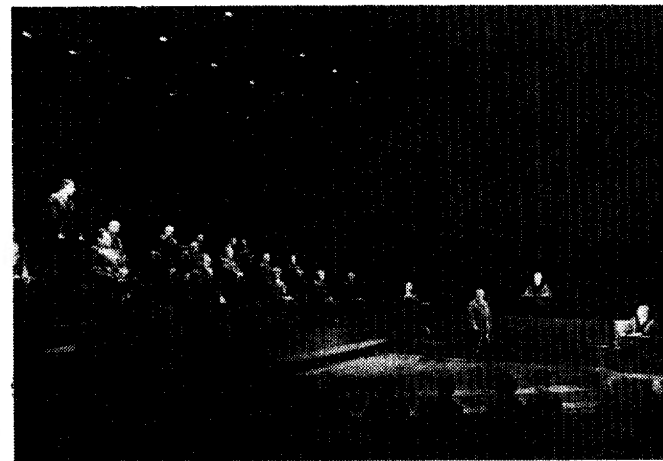
De acordo com Jeanne Lorange, Kortner preferiu inscrever o texto no seu próprio movimento dinâmico, o que lhe permitiu explorar todos os símbolos visuais e sonoros que continha.

Vejamos, finalmente, uma síntese comparativa das várias encenações da peça de Frisch

Weiss, «O Interrogatório».

Como se sabe, esta peça integra-se no chamado «teatro-do documento» de que constitui um dos principais momentos. Este movimento teatral que surgiu na Alemanha do pós-guerra teve as suas raízes na prática teatral do grande Edwin Piscator, pelo que não será de surpreender vírmos a encontrar o nome daquele encenador ligado ao texto de Weiss.

O dramaturgo assistiu a algumas sessões do julgamento de criminosos nazis que se efectuou em Frankfurt em 1963/64 e visitou o antigo campo de Auschwitz, teatro de um dos mais cruéis massacres de seres humanos da história da civilização. Weiss era já então um autor célebre graças à peça «Marat-Sade», quando resolve escrever «O Interrogatório», que tem aquele julgamento como ponto de partida. A peça é, pois, constituída pe-



A peça de Weiss vista por Piscator

Perten, em Rostock, Alemanha Oriental (1965); Ingmar Bergman, em Estocolmo (1966); Gabriel Garran, em Aubervilliers (1966); Erwin Axer, em Varsóvia (1966); Virgínio Puecher, em Milão (1967). Basta ler os nomes dos encenadores da peça de Weiss para podermos fazer uma ideia da importância assumida por ela tanto ao nível do documento como de realidade teatral.

Apesar da vontade do autor, não foi possível até agora respeitar nos espectáculos a integridade do texto que duraria cerca de quatro horas e meia. Segundo Babelot, nesta peça, o pensamento de Weiss coincidiria com o de Piscator para quem a arte deve tornar o insuportável suportável e ao mesmo tempo ir além do insuportável.

Vejamos o que diz o articulista sobre o trabalho de Piscator: Se se tenta situar a criação

aqui ao domínio cultural de que tinha saído. Volta do campo da estética pura, da beleza em si, e transforma-se em ritual capaz de conjurar um destino inaceitável, a paixão mais perturbadora, mais louca da história universal. Já não se trata do pavor do homem perante os deuses mas do pavor que o homem sente perante ele próprio que aparenta aqui o «acontecimento cultural».

Para Denis Babelot o mais importante do espectáculo dirigido por Piscator consistia no rigor e na depuração, tingidos de expressionismo, o respeito, mais a acentuação da composição ternária da obra; e também a divisão dos carascos e das vítimas que faz dos acusados a imagem de uma realidade de passada e presente, o símbolo de uma ameaça que pesa sobre o futuro, e das testemunhas a vanguarda de um público convidado a não es-

(continua)